

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Mestrado

SANDRA MARIA COSTA DOS PASSOS COLLING

DA CAIXA DE MÚSICA AO PERFUME, TUDO É TESOURO!
ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MULHERES EM PROCESSO DE
ENVELHECIMENTO E SEUS OBJETOS DE PENTEADEIRA,
NA REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS-RS.

Novo Hamburgo
2019

SANDRA MARIA COSTA DOS PASSOS COLLING

DA CAIXA DE MÚSICA AO PERFUME, TUDO É TESOURO!
ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MULHERES EM PROCESSO DE
ENVELHECIMENTO E SEUS OBJETOS DE PENTEADEIRA, NA REGIÃO DO
VALE DO RIO DOS SINOS-RS.

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito à obtenção do título de
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
em Processos e Manifestações Culturais
pela Universidade Feevale.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha

Novo Hamburgo

2019

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Colling, Sandra Maria Costa dos Passos.

Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS / Sandra Maria Costa dos Passos Colling. – 2019.

186 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019.

Inclui bibliografia.

“Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha”.

1. Cultura material. 2. Gênero. 3. Envelhecimento. 4. Memória.
5. Identidade. I. Título.

CDU 316-053.9

SANDRA MARIA COSTA DOS PASSOS COLLING

Dissertação do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, com título Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS., submetida à banca examinadora, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre.

Aprovada por:

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha (Orientadora)

Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Cornélia Eckert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof.^a Dr.^a Magna Lima Magalhães

Universidade Feevale

Novo Hamburgo, 28 de fevereiro de 2019.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

“Ah, tem certeza que não vais poder vir?”

Agradeço a minha família e meus amigos por todas as vezes que me ausentei de seu convívio, compreendendo meu desejo por aprender sempre mais.

“Quer que eu dite pra ti?” “O que tu quer que eu faça?”

Ao Rudimar, pela compreensão e todo carinho dispensado, especialmente nos momentos de mergulho nas leituras e escrita.

“Mãe, eu sei que tu sabes muito. Não pára de estudar.”

“Pára de dizer bobagem, tá tudo certo. Tu é top. Teu trabalho tá muito bom. Quer que eu dê uma olhada?”

Aos meus filhos, Gabriel e Giovana, pelo incentivo e apoio constantes, pelos conselhos, pela luz quando tudo parecia escuro. Ao Andrei e à Aline, pela torcida e afeição.

“Quando isso termina?” “Quer comer com a gente?”

Aos meus pais, pelo exemplo de fé e amor.

“Prossiga, com todo o vigor!”

À minha orientadora professora Ana Luiza Carvalho da Rocha por me guiar com competência, atenção e carinho durante toda a pesquisa e na escrita desta dissertação.

“Vamos lá!” “Vocês podem.”

“Vocês têm um compromisso enorme!”

A todos os professores com quem cruzei em minha trajetória como estudante. Cada um tem papel fundamental em minhas conquistas.

“Quando eu crescer quero ser assim como tu.”

“Não vai desistir, não mesmo! Tu és o nosso esteio.”

Aos colegas e companheiros de mestrado, pelas trocas e compartilhamento das angústias, conquistas e desafios.

“Sempre tive vontade de fazer muitas coisas.” “A gente não pode parar!”

A todas as mulheres que encontrei em meu caminho, por serem motivo e inspiração, em especial Terezinha, Ereni, Eracy (*im*), Marília (*im*), Valentina (*im*) e Amélia (*im*).

“Do povo para o povo!”

À CAPES, através da contribuição de todo e qualquer cidadão brasileiro, pois sem a bolsa de incentivo à pesquisa, este trabalho não teria sido realizado.

“[...] na raiz mesma da magia, há estados afetivos, geradores de ilusões, e que esses estados não são individuais, mas resultam da mistura dos sentimentos próprios do indivíduo com os sentimentos de toda a sociedade” (MAUSS, 2015, p. 161).

RESUMO

A pesquisa intitulada “Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS” tem por objetivo identificar os elementos que constituem a relação destas mulheres com seus objetos. Para tanto, parte de estudos teóricos sobre cultura material, herança geracional, patrimônio familiar, memória, identidade, representação da imagem do feminino e gênero, entrelaçando-os às narrativas obtidas por meio de etnografia em contexto metropolitano, na sociedade contemporânea. Autores que tratam de temas como memória coletiva, individual, trajetória social, sociedades complexas, antropologia da imagem, envelhecimento, antropologia dos objetos, história das mulheres, tais como Maurice Halbwachs (2003), Gilberto Velho (1978, 1986, 2008), Ana Luiza Carvalho da Rocha (1995, 1998, 2000, 2008), Cornelia Eckert (1998, 2000, 2002, 2005, 2007, 2013), Ecléa Bosi (1994), José Reginaldo Santos Gonçalves (2007), Mary Del Priore (1997, 2000), Cleci Eulália Fávaro (2002), entre outros, trazem fundamentos teóricos para esta investigação, que se desenvolve dentro da antropologia social, da história e da arte. Através da observação participante, em William Foote-Whyte (1975, 2005), é possível perceber elementos que constituem cada uma das mulheres ‘parceiras’ da investigação, as camadas sociais e culturais a que pertencem e também sua trajetória social dentro deste espaço. Os objetos ‘guardados’ por mulheres em processo de envelhecimento, do Vale do Rio dos Sinos-RS, suscitam *narrativas* oriundas de suas memórias, o que constitui parte de sua *identidade*, se instituindo como *herança cultural* das gerações subsequentes, nesse determinado espaço. Estas análises se aprofundaram na manifestação cultural presente nestas relações, especificamente no que tange à experiência de vida das ‘parceiras’ de pesquisa. Com um olhar atento sobre os dados levantados, a significação dos objetos e suas relações com as pessoas envolvidas, a escrita trouxe novos olhares e perspectivas sobre esse objeto de estudo.

Palavras-chave: Cultura material. Gênero. Envelhecimento. Memória. Identidade.

ABSTRACT

The research titled "From the music box to the perfume, everything is treasure! Ethnographic study on aging women and their vanity objects in Vale do Rio dos Sinos-RS region" aims to identify the elements that constitute the relationship of these women with their objects. For that, part of theoretical studies on material culture, generational inheritance, family patrimony, memory, identity, representation of the image of the feminine and gender, interweaving them to the narratives obtained through ethnography in metropolitan context, in contemporary society. Authors dealing with subjects such as collective memory, individual, social trajectory, complex societies, anthropology of image, aging, anthropology of objects, women's history, such as Maurice Halbwachs (2003), Gilberto Velho (1978, 1986, 2008), Ana Luiza Carvalho da Rocha (1995, 1998, 2000, 2008), Cornelia Eckert (1998, 2000, 2002, 2005, 2007, 2013), Ecléa Bosi (1994), José Reginaldo Santos Gonçalves (2007), Mary Del Priore (1997, 2000), Cleci Eulália Fávaro (2002), among others, provide theoretical foundations for this research, which develops within social anthropology, history and art. Through participant observation, in William Foote-Whyte (1975, 2005), it is possible to perceive elements that constitute each of the women 'partners' of research, the social and cultural layers to which they belong and also their social trajectory within this space. The objects 'kept' by women in the process of aging, from Rio dos Sinos-Rio Valley, give rise to *narratives* originating from their memories, which constitutes part of their *identity*, establishing themselves as a *cultural heritage* of subsequent generations, in this particular space. These analyzes were deepened in the cultural manifestation present in these relations, specifically in relation to the life experience of the research 'partners'. With a careful look at the data collected, the significance of objects and their relationships with the people involved, writing brought new insights and perspectives on this object of study.

Keywords: Material culture. Genre. Aging. Memory. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa Geográfico da região do Vale do Rio dos Sinos-RS.....	13
Figura 2 Pirâmide etária Novo Hamburgo, 1991	15
Figura 3 Pirâmide etária Novo Hamburgo, 2010	15
Figura 4 Selfie diante da penteadeira.....	26
Figura 5 Penteadeira atual	27
Figura 6 Terezinha Laci Costa dos Passos	28
Figura 7 Terezinha em sua penteadeira.....	31
Figura 8 Rede social desta pesquisa	32
Figura 9 Maria Emília de Mendonça.....	33
Figura 10 Celina de Vargas.....	34
Figura 11 Ana Maria Azevedo da Silva	35
Figura 12 Eoní de Deus da Rosa	36
Figura 13 Lorena da Silva Cunha.....	37
Figura 14 Marli Helena de Oliveira	38
Figura 15 Valéria Verônica Müller Ely	39
Figura 16 Evento Outubro Rosa - OAB Novo Hamburgo	43
Figura 17 Dona Maria na sala de sua casa	48
Figura 18 Dona Maria ao falar da imagem de Santo Antônio.....	51
Figura 19 Objetos de Dona Maria	52
Figura 20 Dona Maria em frente a sua casa	53
Figura 21 Foto do pai de Dona Maria.....	54
Figura 22 Máquina de costura manual da mãe de Dona Maria.....	55
Figura 23 Décimas de Homero Rosa	58
Figura 24 Dona Maria, sorridente.....	60
Figura 25 Dona Maria e sua irmã	62
Figura 26 Livro de orações.....	63
Figura 27 Bordado do enxoval de Dona Maria	65
Figura 28 Dona Maria em vídeo no Youtube.....	66
Figura 29 Aproximações com Marli	68
Figura 30 Descontração durante os relatos de Marli.....	72
Figura 31 Marli e seus objetos	74
Figura 32 Fotografias de Marli.....	76
Figura 33 Marli mostrando um de seus trabalhos manuais.....	78
Figura 34 Comunicação pelo Messenger	78
Figura 35 Marli com seu neto	79
Figura 36 São Jorge que era do pai de Marli	79
Figura 37 Valéria no sofá de sua sala	83
Figura 38 Guardanapos de crochê da infância de Valéria	86
Figura 39 Despertador que a mãe de Valéria não gostava	88
Figura 40 O terço de Valéria	89
Figura 41 Missões em Rincão Cascalho	91
Figura 42 Quadro com os pais de Valéria	93

Figura 43 Valéria em sua casa	98
Figura 44 Casa de Eoní	101
Figura 45 Licoreira e mantegueira de Eoní	103
Figura 46 Bordado de lembrança de sua sogra	104
Figura 47 Toalhinha bordada por Eoní.....	105
Figura 48 Anel de formatura de Eoní	106
Figura 49 Crucifixo de parede	107
Figura 50 Objetos na penteadeira mais recente de Eoní	108
Figura 51 Rádio de cabeceira	109
Figura 52 Abajur de Eoní.....	109
Figura 53 Eoní em sua antiga penteadeira	110
Figura 54 A caixa de música encontrada	113
Figura 55 Eoní e o espelho de maquiagem.....	114
Figura 56 Flores para a aniversariante.....	117
Figura 57 Envio de mensagem à Lorena	121
Figura 58 Lorena diante de sua penteadeira.....	122
Figura 59 Lorena através do espelho de sua penteadeira	123
Figura 60 Na cadeira de balanço	125
Figura 61 Artesanato de Lorena.....	128
Figura 62 Lorena observando seus objetos de penteadeira	129
Figura 63 Lorena radiante na sacada de seu apartamento.....	131
Figura 64 Ana sorri ao tocar no vestido de sua mãe	136
Figura 65 Ana no antigo quarto de sua filha.....	136
Figura 66 Penteadeira do quarto de visitas	137
Figura 67 Ana descontraída em sua casa	139
Figura 68 Informação sobre Ana	140
Figura 69 Ana olhando para o espelho enquanto conversa	142
Figura 70 Primeira noiva arrumada por Ana.....	143
Figura 71 Chegando à casa de Celina	145
Figura 72 Companhia até o portão.....	150
Figura 73 Penteadeira de Celina.....	151
Figura 74 Caixa de música de Celina.....	151
Figura 75 Celina revendo as cartas de amor.....	152
Figura 76 O vestido de noiva de Celina	155
Figura 77 Celina de véu e grinalda.....	156
Figura 78 Lembranças expostas de Marília.....	157
Figura 79 Celina sob o olhar do esposo.....	158
Figura 80 Celina e Duca na foto com o bolo	160
Figura 81 Os noivos apaixonados	162

SUMÁRIO

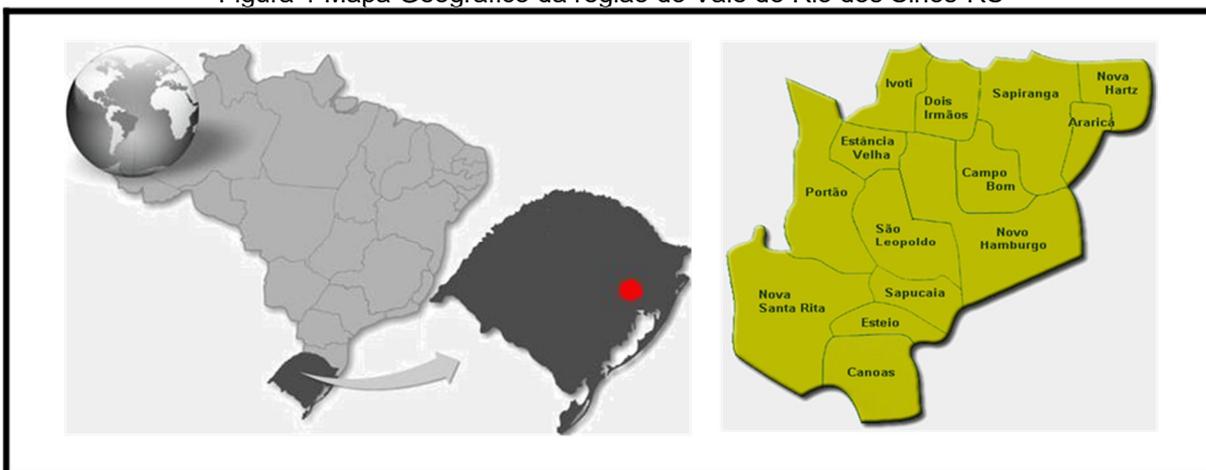
1. INTRODUÇÃO	13
2. AH, ESSAS MULHERES!	25
3. QUE MARAVILHA! UMA JORNADA DE GRATIDÃO À VIDA!	41
4. FIRMEZA NA VOZ E SORRISO NO ROSTO: A FÉ EM FORMA DE PESSOA	68
5. O TIC-TAC DO RELÓGIO MARCA O TEMPO ENTRE PASSADO E FUTURO: O PRESENTE É UMA CANÇÃO	81
6. VIAGENS: DOS LIVROS ÀS RODOVIAS, É PRECISO SE AVENTURAR	100
7. ENTRE UM PASSEIO E OUTRO, A SURPRESA DE ENCONTRAR-SE CONSIGO MESMO	116
8. DEPOIS DE TANTAS ANDANÇAS, FINALMENTE O LAR É AGORA, SEU LUGAR!	133
9. O ENCONTRO COM O AMOR QUE TUDO SUPERA	145
10. DO ALINHAVO À COSTURA - CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	173
ANEXOS	183

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se baseia em estudos sobre as relações entre mulheres em processo de envelhecimento e os objetos contidos em suas penteadeiras. A investigação ocorre através de etnografia em contexto metropolitano, na sociedade contemporânea, especificamente na região do Vale do Rio dos Sinos-RS.

Seu foco são as relações existentes entre mulheres e objetos contidos em suas penteadeiras, tendo as narrativas e as imagens como fonte de registro e análise de conceitos como objeto, gênero, cultura material, identidade, envelhecimento, memória e suas inter-relações. Assim, esta pesquisa se encontra na linha de Memória e Identidade do Mestrado de Processos e Manifestações Culturais.

Figura 1 Mapa Geográfico da região do Vale do Rio dos Sinos-RS



Fonte: FORNER, 2017.

Os problemas que desencadearam esta pesquisa foram: “Quais os significados dos objetos de penteadeiras nas experiências de vida de mulheres em processo de envelhecimento, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, na sociedade contemporânea? Que histórias eles evocam, no caso de suas trajetórias sociais, e que sentidos são atribuídos a eles nas suas narrativas biográficas?”

Baudrillard (2006, p. 126) aponta que, “[...] atrás de cada objeto real existe um objeto sonhado”. E isto coincide com as fantasias de minha infância diante dos objetos existentes nas penteadeiras de minhas avós.

Esta investigação traz elementos para reflexão sobre a constituição da memória e da identidade deste grupo específico por meio das imagens e narrativas

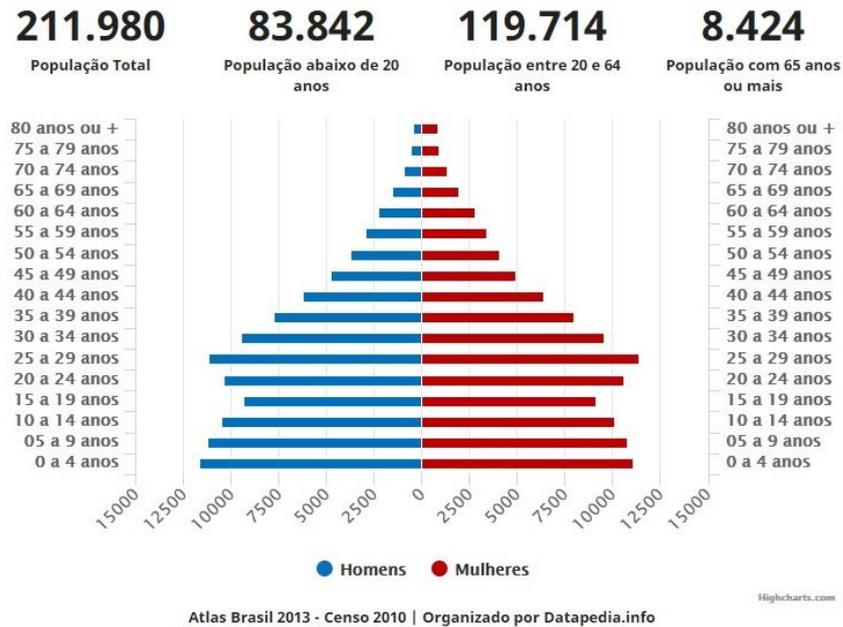
relacionadas aos seus objetos de penteadeira, com análise de múltiplas fontes. Para Ernest Fischer (1983, p. 140) “os ornamentos estão para a arte assim como os cristais estão para a natureza.” Posto que os cristais são resultado de contínuas modificações dentro desta mesma natureza, pode-se tratar do objeto artefato nesta perspectiva dentro da arte, da história e da antropologia em relação ao homem, neste caso particular, à mulher.

Com a realização do estudo do estado da arte para início desta pesquisa, foi possível refletir sobre a valorização da mulher em processo de envelhecimento desta região específica, ao mesmo tempo em que, de forma geral, a todas as mulheres que acessarem esta pesquisa e, de alguma forma, se encontrarem nela. É importante que cada pessoa tenha a possibilidade de se narrar, de deixar registros sobre sua trajetória de vida.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o Censo de 2010 apresentou uma elevação no número de pessoas idosas em todo Brasil e, inclusive, no Vale do Rio dos Sinos-RS, sendo uma das regiões do Brasil onde mais se percebe este crescimento, necessitando de estudos que abordem este grupo. Em 2010, na zona urbana da referida região, havia 1.369.558 mulheres acima de 60 anos. Também se observa, pelos números apresentados pelo IBGE que, nas cidades com maiores índices populacionais, o número de mulheres é mais alto na área urbana, por porcentagem evidentemente. Isso significa que as mulheres em processo de envelhecimento, residentes em grandes cidades, ocupam mais a área urbana. Quando se trata de análise do crescimento do número de idosos, podemos comparar dados do município de Novo Hamburgo, onde temos mulheres nesta investigação, de 1991 e 2010, percebendo nitidamente este avanço, principalmente no que diz respeito ao número de mulheres.

Figura 2 Pirâmide etária Novo Hamburgo, 1991

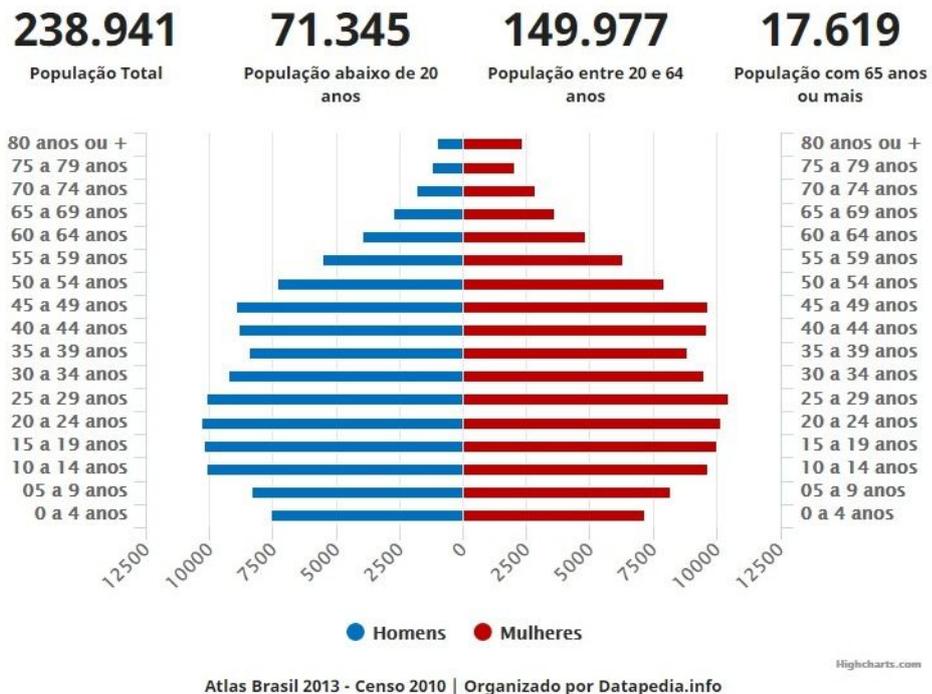
Pirâmide Etária (1991)



Fonte: <https://www.datapedia.info/public/cidade/4383/rs/novo-hamburgo#piramide>, 2017.

Figura 3 Pirâmide etária Novo Hamburgo, 2010

Pirâmide Etária (2010)



Fonte: <https://www.datapedia.info/public/cidade/4383/rs/novo-hamburgo#piramide>, 2017.

Perpassam por esta pesquisa, dimensões socioeconômicas, geracionais e de gênero. As representações e simbologias são um reflexo espaço-temporal, mas de modo geral existem aspectos que são comuns a todo ser humano. Isto posto, pode-se afirmar que esta investigação abarca territórios que vão do individual ao coletivo, do passado ao presente, traçando um movimento não linear, mas “caleidoscópico”, promovendo a sensibilização para reconhecimento e valorização destas manifestações culturais, através da divulgação destes encontros.

Como há uma intensa circulação destas mulheres investigadas neste espaço urbano contemporâneo, esses encontros se dão de forma contínua e dinâmica. Todos estes elementos investigados podem também contribuir para futuras pesquisas em áreas diversas.

Como pressuposto é possível estabelecer que, as mulheres em processo de envelhecimento, de diferentes segmentos de camadas médias, bem como de composição étnico-racial diversa, residentes na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, através das narrativas sobre seus objetos de penteadeira, trazem vestígios de memórias que constituem sua identidade. Para tanto é necessário, como objetivo principal, identificar, através de pesquisa etnográfica, os elementos que constituem a relação entre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, nesta região.

Para que este objetivo fosse alcançado, foram trabalhados os seguintes objetivos específicos: realizar levantamento de dados sobre número de mulheres idosas existente no espaço urbano na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, além de outros dados relacionados à pesquisa; registrar e analisar as narrativas biográficas de mulheres em processo de envelhecimento, sobre seus objetos de penteadeira, através de registro sonoro e fotográfico; identificar e analisar quais objetos elas possuem em suas penteadeiras, bem como o próprio móvel, seu uso e possíveis deslocamentos; identificar quem são estas mulheres, seu estilo de vida, visão de mundo e em que camadas culturais e sociais elas se situam e relacionar as narrativas biográficas ao material teórico e imagético coletado ao longo do trabalho de campo.

Pesquisar é estar disposto a acessar mecanismos que tornam tudo no entorno algo passível de estudo, com os sentidos ainda mais aflorados, aberto à tempestade de ideias e imagens, é estar conectado com o desejo da busca. Segundo Zamboni (2012, p. 45) “a mente criadora é que se torna o principal

instrumento de planificação dessa ordem”. Porém, toda investigação exige método que, por sua vez, requer escolhas pré-determinadas, o que não significa que as formas serão estáticas, rígidas.

A questão da abordagem quantitativa se fez necessária para situar que população é esta que fez parte deste estudo. É extremamente importante levantar dados sobre este grupo a fim de verificar quais outros conceitos e elementos poderiam surgir durante a investigação. Assim, foi preciso calcular número de mulheres, por faixa etária, que vivem nos municípios pertencentes à região do Vale do Rio dos Sinos-RS, além de outras informações que pudessem estar de alguma forma relacionadas a este tema. Para tal, os registros do IBGE foram utilizados como fonte.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa antropológica social utilizou um percurso exploratório e descritivo, de natureza básica, sendo quantitativa e qualitativa quanto à forma de abordagem e no que tange aos procedimentos, etnográfica, documental, bibliográfica e de campo. Para a etnografia primeiramente foi feita a rede social de entrada em campo e, após o trabalho com observação participante.

Foot-Whyte (1975) aborda em seus textos, a rede social de entrada e o modo como treinava a observação participante, abrindo possibilidades para se pensar em como organizar a escrita dos acontecimentos do cotidiano daqueles com quem se pesquisa bem como do caminho de quem investiga, suas indagações, dúvidas e tomada de decisões. “Tão logo coletei meus primeiros dados tive que escolher um modo de organizar as anotações escritas” (FOOTE-WHYTE, 1975, p. 85). Percebe-se, de modo claro, que a escrita do autor nos dá a ideia de sua construção como etnógrafo.

Para Magnani (2009, p. 136) “[...] a etnografia é um método próprio de trabalho da antropologia, em sentido amplo”. Sendo que

[...] o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas - religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc (MAGNANI, 2002, p. 18, grifo do autor).

Para Gilberto Velho (1978), durante a observação participante, a ideia de se colocar no lugar do outro e captar suas experiências é acompanhada de um alerta

para o mergulho o qual não se pode ter uma noção de profundidade. É preciso atentar para as questões de aproximação e distanciamento.

Assim, a etapa em campo foi realizada com um olhar diferenciado, a procura de um registro anterior do que se tem como imagem, através do “observar” o mundo com os sentidos. Visitar as casas, ver as penteadeiras¹, captar as imagens das mulheres com os objetos, suas narrativas biográficas e realizar os registros no caderno de campo, tudo teve um percurso único, mesmo que houvesse um roteiro pré-estabelecido para tal.

Para se chegar às narrativas, tanto das mulheres quanto da minha própria, foi organizado um roteiro de visitas que necessitou oferecer dois encontros iniciais para aproximação, sendo que, a cada visita, o laço de compromisso entre as partes envolvidas foi reafirmado e o termo “parceira” de pesquisa é, daqui em diante significação de que, estas mulheres, o são assim de fato e de direito. É importante lembrar que “[...] narrar já é ‘refletir sobre’ os acontecimentos narrados. Nesse sentido o ‘tomar juntamente’ narrativo comporta a capacidade de se distanciar de sua própria produção e, conseqüentemente, de se desdobrar” (RICOUER, 2010, p. 104, grifo do autor).

Quanto ao caderno de campo, o objetivo foi o de anotar todas as minúcias, desde as condições do dia, os detalhes sobre a parceira de pesquisa, de seu lar, movimentos, sensações percebidas, o que era falado e o que era silenciado. Foote-Whyte (1975) aborda em seus registros, todo tipo de informação e, para além disso, o que se sugere a partir do que é observado. Inclusive o fato de que, quem é investigado também nos investiga em tempo integral.

Vale assegurar que cada detalhe fez parte do processo e traz consigo um rico material cultural, antropológico e poético. Mauss (2015, p. 88) expõe que “a magia é uma arte de dispor”. E isso, no decorrer de seus estudos aponta para todo e qualquer rito. Neste caso, inclusive, a própria disposição dos objetos nas penteadeiras e cada tipo de penteadeira teve observação cuidadosa.

Esta pesquisa foi realizada com mulheres com idade acima de 60 (sessenta) anos, iniciando a rede com uma pessoa que levou a outras sete, sendo algumas conhecidas entre si, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS. Estas observações trazem elementos sobre o indivíduo e as camadas sociais e culturais destas

¹ Móveis onde se depositam objetos pessoais, normalmente colocadas no quarto, com espelho para que as pessoas possam pentear os cabelos.

mulheres para que se possa considerar também sua trajetória dentro deste espaço. Posteriormente, concentrei-me na devolução de materiais às minhas parceiras de pesquisa, através de texto impresso sobre suas narrativas e uma seleção de imagens fotográficas realizadas durante as visitas, em CD.

Para levantamento bibliográfico foi organizado um fluxograma contendo os principais conceitos e, a partir disso, a construção de uma tabela contendo informações sobre os materiais bibliográficos coletados e posterior leitura e fichamento destes. À medida que estas leituras foram sendo realizadas, houve o cruzamento de informações entre os conceitos e a temática da pesquisa.

Para finalmente relacionar as narrativas biográficas ao material teórico e imagético se fez necessário aprofundamento em muitas questões e organização. Rancière (2012) quando fala sobre montagem dialética e montagem simbólica, trata do conceito de mistério para definir a magia da combinação dos diferentes, da conexão entre estes. A soma, o enredar de muitos, não para opor. Para Baudrillard (1991, p. 8) “é na diferença que consiste a poesia do mapa e o encanto do território”. Juntos, antropologia, história e arte têm o papel de simbolizar este “entre” investigado. A escrita acompanhou toda trajetória deste jogo entre observação, estudo e sensibilidade. Afinal,

É preciso primeiro que o homem deixe de se enredar nas coisas, de as investir com sua imagem para em seguida poder, para além do hábito que delas tem, projetar sobre elas seu jogo, [...] e dotar este mesmo jogo de uma mensagem para os outros, e uma mensagem para si mesmo (BAUDRILLARD, 2006, p. 31).

Como esta investigação trata de objetos e pessoas, do início ao fim, é marcada pela necessidade de movimentos, no tempo e no espaço, num jogo entre sujeito-objeto. Este é o cerne desta pesquisa, que tem a dissertação como produto final, mas que não se encerra visto que as palavras e as imagens produzidas ficam para além desta. São, para Meneses (1998, p. 90), “processos cognitivos encarnados [...] marcados por uma inserção física no universo material”.

Como recorte teórico sobre estas observações foi preciso perpassar por estudos de alguns conceitos e reflexões em arte, filosofia, história e antropologia. Estas análises se aprofundaram na manifestação cultural presente nas relações entre as mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, especificamente no que tange à experiência de vida das envolvidas nesta pesquisa.

Questões sobre ética estão, sem dúvida, presentes em todo percurso da investigação. A partir da elaboração do fluxograma pode-se listar os principais conceitos utilizados na investigação, bem como os autores que abordam cada um deles.

Para o conceito de memória, Maurice Halbwachs (2003) que trata sobre memória individual e coletiva, trazendo a questão do depoimento que não pode estar descolado do contexto social quando se pensa na reconstrução da memória; Ecléa Bosi (1994) sobre memória e sociedade, abordando as lembranças de velhos com a riqueza da parceria de muitos deles; de Paul Ricouer (2010) com os desdobramentos das narrativas; Myriam Barros (1998) acompanhada de outros autores para tratar de estudos antropológicos sobre a velhice; Michele Perrot (2009) que trata da história das mulheres pelo viés do corpo e da alma, do movimento e do trabalho.

Sobre identidade, autores como Michel de Certeau (1994, 1996) com o modo como apresenta o cotidiano, sutil pela delicadeza de mostrar a memória nas coisas visíveis e invisíveis, e intenso por desvelar como utilizamos as táticas para alterar códigos; George Simmel (1934) ao abordar as dinâmicas culturais, os rearranjos, a necessidade do conflito e a forma como se organiza a vida social e Gilberto Velho (1978, 1986, 2008) com os estudos antropológicos da sociedade contemporânea.

Diante das narrativas apresentadas, também se relacionam estudos de Marcel Mauss (2015) sobre as relações sociais e a reciprocidade e Jean Baudrillard (1991, 2006) com as questões do simulacro. Para tratar sobre gênero, Michel Foucault (1986, 2007) com os processos de subjetivação e corpo; Vânia Carneiro de Carvalho (2008) trazendo os estudos envolvendo gênero e artefato; Mary Del Priore (1997, 2000) com a história das mulheres no Brasil, em todo percurso histórico e diante das mais distintas temáticas e Cleci Eulália Fávaro (2002) que traz sua pesquisa sobre mulheres no Rio Grande do Sul, especificamente da imigração italiana, mas que trata da imagem da mulher diante das histórias de vida carregadas de ambivalências, contradições e violências.

No que tange ao conceito de envelhecimento, foram realizados estudos sobre reinvenção e categorização abordados por Guita Debert (1994), além de Ecléa Bosi (1994) trazendo narrativas das lembranças de velhos e Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (1998), com a familiaridade e o estranhamento. O Estatuto do Idoso (2003)

também foi uma das leituras para que, enquanto pesquisadora pudesse estar atenta a alguma observação fora da normalidade, como sinais de violência, por exemplo.

Quanto ao patrimônio, José Reginaldo Gonçalves (2007) com as teorias antropológicas sobre os objetos e os espaços, Regina Abreu (2009) e a nova configuração do campo do patrimônio e Flávio Silveira (2005) com recursos e processo, como leituras obrigatórias. Sobre a questão geracional, Wivian Weller (2010) traz os estudos de Mannheim, lidos atentamente.

A cultura perpassa toda pesquisa e foi pensada com base nos conceitos de Gilberto Velho (1978) e as sociedades complexas, bem como Roque Laraia (2001) com a discussão sobre o conceito antropológico de cultura, Stuart Hall (2005) e a identidade na pós-modernidade e Roy Wagner (2012) com o deslocamento do relacional, no processo constante de objetivar e subjetivar. As narrativas utilizadas na metodologia têm embasamento nos escritos de Paul Ricouer (2010) sobre linguagem, narrativa e história, independente de tempo e lugar, nas discussões de Georg Simmel (1934) sobre forma e conteúdo, e nas pesquisas de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert (1998, 2008, 2010), especialmente sobre a experiência do antropólogo e o espaço da cidade, visto que a pesquisa se passa no contexto metropolitano, e requer um olhar sensível na investigação antropológica social na sociedade contemporânea.

Quando se pretende analisar a relação entre duas partes, é preciso entender sobre ambas para chegar a este “entre” depois. Ou seja, desde o princípio, o objeto de estudo está em processo (REY, 2002). Barras (2013, p. 58) revela que “o circuito das relações entre os polos não tem pontos de chegada nem de partida [...] a relação entre os polos se dá nos dois sentidos”. Sobre os objetos, Maciel (2004, p. 103) afirma que “ainda que permaneçam o que são quanto às suas aparências, podem ser re-situados de repente em uma outra relação na esfera da sensibilidade de quem os captura, adquirindo um outro tipo de valor”. Para Gonçalves (2007, p. 10) “os objetos influem secretamente na vida de cada um de nós”. É nesta intersecção que esta investigação entranhou-se com mais obstinação.

A etnografia oral e visual traz a narrativa sobre estes objetos, sendo a observação participante essencial, pois representa uma relação íntima. Para apanhado geral sobre fotografia, os escritos de André Rouillé (2009) sobre a discussão fotografia-documento, Philippe Dubois (1998) abordando a retrospectiva da questão do realismo na fotografia, mas principalmente Miriam Moreira Leite com

os retratos de família e Luiz Eduardo Achutti (1996), que traz a articulação entre fotografia e antropologia, especificamente, na antropologia visual, através da fotoetnografia, que também será realizada e apresentada, de forma sutil, ao longo dessa dissertação. É preciso ver de outros modos, tocar, sentir.

Fischer (1983, p. 42) coloca que “os objetos materiais são transformados em signos, em nomes, em conceitos”. Baudrillard (2006, p. 82) assegura que “o objeto antigo, este, é puramente mitológico na sua referência ao passado”. Conforme Meneses (apud CARVALHO, 2008, p. 92) “os objetos funcionam como vetores de constituição da subjetividade”. Por isto se torna tão singular cada registro, cada fala, cada imagem. Tanto a gravação de áudio quanto a fotografia têm papel fundamental neste trabalho de campo.

Para Wollheim (1993, p. 142) “a arte de uma sociedade é um fenômeno muito mais abrangente que a soma das obras de arte produzidas nessa sociedade, e seus contornos são de delimitação extremamente difícil”. Assim, durante as visitas surgiram narrativas envolvendo questões sobre gênero, geração, corpo, coletividade, sociedade, cultura e outros. Todos estes conceitos trazidos foram motivo de aprofundamento, com leituras e estudos de autores reconhecidos por sua pesquisa nestes aspectos.

Segundo Fischer (1983, p. 17) “coisas antigas, aparentemente há muito esquecidas, são preservadas dentro de nós, continuam a agir dentro de nós – frequentemente sem que as percebamos – e de repente vêm à superfície e começam a nos falar”. Inclusive a própria necessidade interna de pesquisar sobre estes objetos especificamente. A fala das mulheres em processo de envelhecimento ‘toca e fala’ por e para quem investiga. Com certeza, os guardados vieram à superfície.

Conforme Bourdieu (2011, p. 7) “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Assim, a pesquisa se torna um meio extremamente importante à sociedade para que possa servir como fonte de debate para futuras investigações, como produto que valoriza a participação de todos os envolvidos e como recurso àqueles que trabalham de alguma forma sobre esta temática, como pesquisador ou docente.

No segundo capítulo as mulheres parceiras desta pesquisa são apresentadas, iniciando pela entrada em campo e a rede social que foi formada, a

descrição sobre elas e o motivo pelos quais fazem parte desta investigação, 'bordando' os vínculos existentes entre nós.

Do terceiro ao nono Capítulo, cada um deles será dedicado a cada uma das mulheres. Após terem sido encerradas as saídas de campo, ao transcrever suas falas e selecionar as imagens, percebeu-se a necessidade de se valorizar cada momento desta construção, tanto delas em relação ao assunto e consigo mesmas, quanto minha como etnógrafa. Assim, suas narrativas estarão colocadas em sua totalidade, com a devida autorização, trazendo então, as relações com os objetos de penteadeira, bem como as questões de gênero, corpo e representação da imagem do feminino.

Também estarão relacionados aos relatos das mulheres e às imagens obtidas em campo, os estudos sobre cultura material, patrimônio familiar e herança geracional. Ademais, será feita uma 'costura' entre tempo e tesouro para tratar de envelhecimento, memória e identidade destas mulheres. De modo geral, as narrativas delas estarão permeadas pelos conceitos teóricos, em cada 'trama', em cada 'tecido' da pesquisa.

Nas considerações finais, décimo Capítulo, será apresentada uma análise geral a partir das narrativas e de tudo que emergiu delas, reunindo estes 'fios', seguido das referências e os anexos utilizados nesta investigação. Este será o 'arremate' desta pesquisa. É aqui que se pensará também, como num bordado ou num crochê confeccionado para estas penteadeiras, que estes podem ser desmanchados e refeitos a qualquer momento, ou mesmo ficarem preservados o tempo todo do modo como são. Dependerá de cada uso, de cada modo de ver e de se ver, tendo ou não espelho nesta penteadeira e sendo ela o móvel que for.

Esta organização contendo capítulos específicos para cada parceira de pesquisa, possibilita a leitura desses textos em qualquer ordem. Até porque os indivíduos são agentes de transformação, de mudança na cultura e na sociedade (VELHO, VIVEIROS DE CASTRO, 1978), o que se retrata na forma desta estruturação, oportunizando liberdade de escolha no percurso da leitura. O que se pensa, além do respeito às narrativas que foram trazidas pelas parceiras desta pesquisa, é que cada indivíduo leitor, parte desta mesma sociedade, possa engendrar sua própria interpretação a partir dessas narrativas, costurando, tecendo, pintando as formas, que aqui também são conceitos.

Com atenção especial à significação dos objetos e suas relações com as mulheres envolvidas, a escrita traz olhares e perspectivas singulares sobre esse objeto de estudo. Segundo Foucault (2001, p. 272) “o sujeito que escreve não pára de desaparecer”. Assim como a arte, a escrita está para além de quem escreve. Durante o processo emergem necessidades inerentes ao ser humano, de experimentar, de relacionar coisas e fatos, de associar, ligar, religar e se completar. E, por este motivo, cada momento vivido na investigação é de extrema tensão ou de sutil leveza.

Pois a realidade é exatamente isso: um estado de tensão a todo instante entre o ser e o não-ser, um estado no qual tanto o ser como o não-ser são irreais e só é real a constante interação entre ambos, o devir deles. A forma é a manifestação de um estado de equilíbrio alcançado em um determinado momento (FISCHER, 1983, p. 143).

2. AH, ESSAS MULHERES!

Tenho apego por penteadeiras desde a infância porque gostava muito de vasculhar nestes móveis das minhas avós. Também gostava de ficar em frente à penteadeira de minha mãe, mas isso quando era adolescente. Lembro que não podia mexer em nada, mas me atraía porque havia muitos objetos diferentes, como brincos de pressão antigos, porta-joias de porcelana, perfumes, os guardanapos de crochê, aquilo tudo chamava minha atenção. Quando podia, ficava muito tempo neste espaço imaginando coisas, sonhando, usando alguns dos objetos, criando. Com tudo que há em nossa primeira casa, “Mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos” (BACHELARD, 1993, p, 340).

Sobre a penteadeira, este móvel surgiu no século XV, período em que o homem era considerado o centro das atenções filosóficas (BRANCO, 2017). Obviamente, isto remete a questões como a observação de si, cuidados com a aparência, produtos para beleza, ostentação, o que, com o tempo, se tornou popular pelo que o móvel representava, estando associado ao feminino. Acham-se tipos diversos e, inclusive, recebem nomes diferentes para cada estilo. Existem épocas em que móveis e objetos voltam a ter destaque, o que já aconteceu também com a penteadeira. Enfim, são movimentos e transformações ocorridas pelo tempo.

Tempo também que minha mãe não dispunha para sentar em frente a sua penteadeira durante a semana porque trabalhava fora e tinha muitos afazeres à noite. Só tinha costume de utilizar a penteadeira no domingo para se arrumar antes de ir à missa. Então, a gente (eu e minha irmã) podia sentar, se pentear, passar produtos nos cabelos e usar o seu perfume.

Com as penteadeiras das minhas avós era diferente. A minha avó materna tinha uma penteadeira com espelho único e alguns objetos pessoais dela. Mas ela não deixava ninguém tocar em nada e como morávamos na mesma casa, em Portão, ela tinha certo controle sobre suas coisas.

Minha avó paterna morava distante, em General Câmara, e costumávamos passar umas duas semanas nas férias de verão em sua casa. Como ela fazia muitos pratos culinários para nos receber, então ficava envolvida na cozinha, conversando com meus pais. Eu tinha liberdade de circular pela casa, que era bem grande e então ficava bastante tempo na penteadeira dela. Esta penteadeira tinha um espelho

triplo, onde eu conseguia me enxergar de três maneiras diferentes: de frente e dos dois lados. Eu achava aquilo encantador. Colocava brincos, colar e ficava divagando, imaginando cenas inéditas com as coisas que havia naquela penteadeira.

Nunca tive oportunidade de conversar com as minhas avós sobre os objetos delas. Minha avó materna faleceu quando eu tinha seis anos e minha avó paterna viveu até 94 anos, mas quando ela veio morar próximo de minha casa, não tive a oportunidade de conversar, especificamente, sobre este assunto. Mas sempre foi um hábito, um costume, ter penteadeira no quarto: as minhas avós tinham, depois minha mãe e eu, quando solteira, dividia uma espécie de penteadeira com minha irmã. Era comprida, com três portas, sendo uma porta e meia de cada uma. Revirei os meus guardados e encontrei esta imagem:

Figura 4 Selfie diante da penteadeira



Fonte: acervo da pesquisadora, 1983.

Dentre os objetos que eu tinha, uma caneta tinteiro que ficava presa a um suporte onde havia um termômetro de temperatura ambiente. Além dos produtos de beleza, se observam peças em porcelana e tecido, com formato de animais. O toca discos vermelho era companheiro para embalar as emoções da juventude. Ao olhar

esta imagem penso que “tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, [...]” (BENJAMIN, 1987, p. 228). Tudo isso é fruto de minha memória afetiva, de minha intimidade e de minha relação com a família.

Mais tarde, quando casei, no meu dormitório também tinha uma penteadeira. A minha primeira tinha um espelho retangular e eu possuía vários objetos sobre ela, acompanhados pelos famosos guardanapos de crochê, produzidos por minhas próprias mãos, no período anterior ao casamento, no chamado enxoval. Com o passar do tempo o dormitório foi trocado por outro e a minha atual penteadeira não tem espelho e os objetos que tenho sobre ela são livros, muitos livros. Claro que isso em função do momento que eu estou vivendo agora, fazendo muitas leituras sobre o assunto que ‘anda’ comigo desde a infância. Mas, além de livros, gravador e máquina fotográfica, tenho uma jarra de cerâmica que era da minha sogra, as palmas bentas que são trazidas da igreja pelos meus pais nos Domingos de Ramos e não poderia faltar o guardanapo de crochê, este feito também por mim.

Figura 5 Penteadeira atual



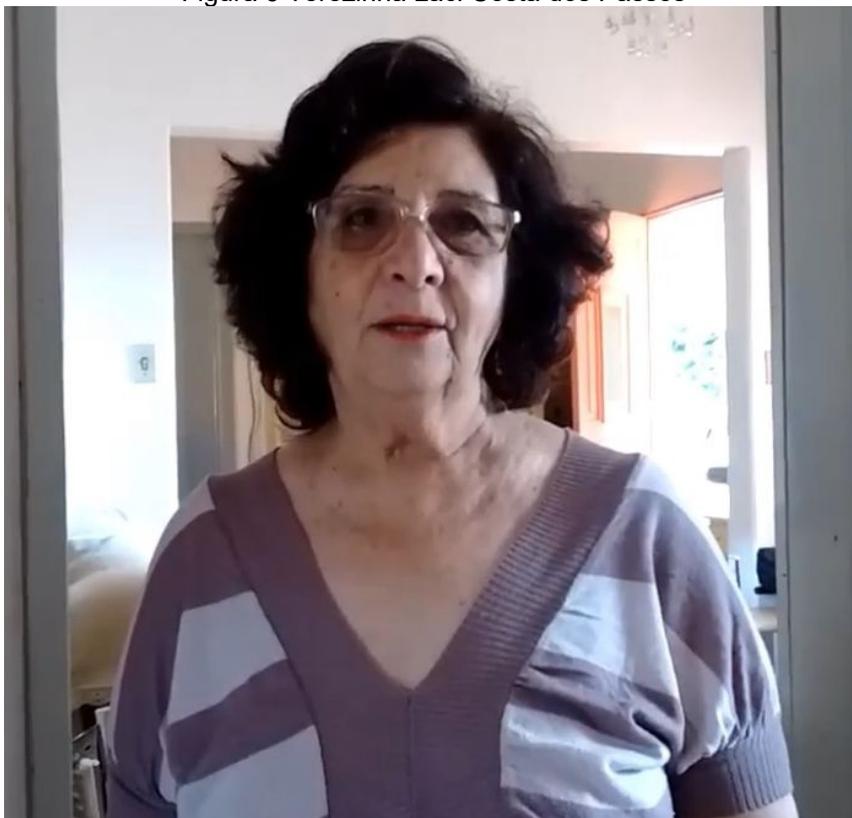
Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

E é dessa trajetória que veio o desejo de pesquisar sobre as mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira. Assim como apresentam os estudos de Velho e Viveiros de Castro (1978), esta discussão está situada no contexto de sociedades complexas, pois a investigação se dá com um grupo de mulheres que reside e transita no espaço urbano, na contemporaneidade.

Mas “O fato de que as pessoas nascem dentro de um sistema sócio-cultural já dado não quer dizer que este sistema não esteja sempre se fazendo através das biografias individuais” (VELHO, VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 8). Por isso, entende-se a importância da narrativa de cada uma dessas mulheres, pela dinâmica da produção de “significados, símbolos, diante de uma realidade permanentemente em mudança” (ibidem, p. 8-9). Assim, esta pesquisa etnográfica iniciou com uma mulher chamada Terezinha Laci Costa dos Passos, no caso, minha mãe. Um dos mais importantes pontos de referência em minha trajetória e que agora, será o ponto de partida desta rede social de pesquisa.

Sou uma mulher que gosta de se sentir livre, independente. Quando quero uma coisa vou lá e tento. Às vezes fico meio pra baixo, mas com o tempo isso passa. Tenho orgulho da minha família e gosto de ajudar as pessoas. Sou também muito religiosa. Além disso, gosto de participar de passeios e de festas, principalmente as que envolvem fantasia (PASSOS, Terezinha. 2017).

Figura 6 Terezinha Laci Costa dos Passos



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Terezinha nasceu em São Leopoldo no dia 15 de outubro de 1947. Casada, com duas filhas e três netos, reside no município de Portão. Católica, participa ativamente das atividades religiosas dessa comunidade. Aposentada, tendo trabalhado como costureira em fábrica de calçados em Novo Hamburgo e em Portão. Mais tarde foi proprietária de uma lancheria e agora trabalha como recepcionista em um salão de beleza em dias de maior movimento. Começou a dirigir somente depois dos 50 anos de idade e hoje viaja de carro para outros estados inclusive e por lugares com trânsito intenso. Participa das redes sociais na internet. Está sempre envolvida em atividades esportivas e recreativas em grupos de terceira idade, juntamente com seu esposo.

Fui à sua casa, sentamos pra conversar, pedi para irmos até sua penteadeira e que lá me contasse sobre as coisas que possui nela. Ela assim relatou:

Estes objetos que estão aqui, muitos deles, fazem parte da minha história, principalmente os que eu tenho de infância - *mexendo nos objetos, ela continua* - eu fui uma criança muito mimada, a famosa 'raspa do tacho' depois que eles tiveram o Almiro e a Eracy muito tempo. Eu podia pedir tudo o que eu queria, todas as regalias que eles podiam me dar eles davam. Fui um grude neles, mesmo depois de casada. Quando eles ficaram doentes a gente veio morar com eles - *ela tira o relógio de bolso do porta-joias de porcelana e prossegue*: o pai era uma pessoa muito carinhosa, sempre que saía me trazia alguma coisa e eu gostava tanto de estar com ele que até o resto da comida que ele deixava de comer no almoço eu terminava de comer quando ele voltava porque eu achava que aquela comida tinha um sabor diferente porque tinha viajado com ele.

O pai era carreteiro e carregava couro pras fábricas de calçado em Novo Hamburgo, de curtumes daqui, de carreta de boi. Ele tinha carteira de carreteiro, então ele levava horas viajando e tinha aquele relógio de bolso que ele carregava junto. Eu achava muito bonitas as histórias que ele contava das viagens que ele fazia porque naquele tempo não tinha rodovia, era tudo estrada de chão, de trilho e o tempo era sempre muito longo, as coisas pareciam muito distantes. Novo Hamburgo era algo muito distante e a comida dele que eu comia na volta, eu chamava de comida de Hamburgo. Então esse relógio me faz pensar em todas essas histórias do pai.

Este objeto está intimamente relacionado à cultura material e traz uma narrativa ligada a sua memória. Neste caso, a memória foi ativada pelo contato com o objeto que estava dentro de um porta-joias sobre a penteadeira. O objeto guardado, assim como a história que ela relembrou ao vê-lo novamente. Estamos tão sobrecarregados com uma infinidade de objetos em nosso cotidiano que, "sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós, termina por nos passar despercebida em razão mesmo da proximidade, do aspecto familiar e do caráter de obviedade que assume" (GONÇALVES, 2007, p.

13). No caso deste objeto guardado, ele retoma sua importância ao ser observado com tempo e atenção, o que favorece o acesso à memória. Para Certeau (1994, p. 163, grifo do autor) “a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que ‘produz’ sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro”. E Terezinha faz questão de tocar seus objetos enquanto é tocada por eles.

Da mãe algumas das coisas que eu tenho é um rosário e um brinco de pressão com pedrinhas - *também neste mesmo porta-joias* - a minha mãe não tinha a orelha furada, mas gostava de usar brincos quando saía, então usava brinco de pressão. - *esses brincos de que ela fala também são os mesmos que eu² costumava brincar quando criança, escondido.*

Minha mãe me deixou esse terço. Ela era muito religiosa, tinha uma fé muito grande e uma sabedoria gigante. Eu que não ouvi muitas vezes o que ela falava. Mas ela deixou muitas marcas na minha vida e não pretendo me desfazer das coisas que eu tenho dela, assim como das lembranças que eu guardo.

A herança geracional, assim como trazida por Weller (2010) com base em Dilthey, é algo que não depende do tempo, não é uma simples temporalidade matemática. Aqui se percebe que é uma questão de influência da cultura que a impressiona. Como algo marcante, Terezinha guardou para si as recomendações de sua mãe como um presente, associado, portanto, a uma herança recebida por uma geração anterior.

O que é meu que eu guardo aqui são algumas joias, porta joias e este cofre de casinha que eu ganhei quando era bem pequena do meu padrinho - *ela então fica abrindo e fechando o telhado da casinha*. Só podia abrir a casinha quando ela estava cheia. Então eu costumava guardar com cuidado as moedas que meu pai trazia. Meu padrinho ainda é vivo, está com quase 90 anos e eu guardo essa casinha com muito carinho porque ele foi um padrinho muito presente na minha vida. Até hoje quando eu vejo ele, aquele sentimento de afilhada sempre volta. Parece que o olhar dele tá sempre me cuidando, observando. (Ele faleceu em 19/03/2018).

Pode ver que o resto são coisas religiosas: a Bíblia que eu ganhei do padre Inácio, rosário de madeira que eu comprei e coisas também do dia a dia, perfume, batom. E as fotos do meu primeiro neto e a do meu casamento - *cada coisa que ela fala, ela pega com as mãos e fica olhando atentamente, devolvendo depois ao lugar.*

É possível observar a organização do espaço da penteadeira e a distribuição dos objetos, estando as fotografias nas laterais, a Bíblia em sua esquerda com a casinha à direita, tendo ao centro os porta-joias e acima o rosário de madeira. Esta disposição apresenta sentido para ela e pode nos mostrar a importância das coisas que enredam seu espaço sagrado. Carvalho aborda a questão de que os objetos

² Pesquisadora.

sempre tiveram uma função social e política, especialmente por afirmar que, para a mulher existia, implicitamente a ideia de que “amar seus objetos é amar a sua família” (CARVALHO, 2008, p. 296). Ademais, muitos outros signos estão impregnados em cada um destes objetos da penteadeira de Terezinha. Inclusive pelo fato de lembrar de lugares, passagens e pessoas.

Eu acho que algumas das minhas amigas deve de ter penteadeira porque era comum no ‘meu tempo’³. Os dormitórios já eram vendidos com a penteadeira. Acho que hoje já nem tem mais.”

Figura 7 Terezinha em sua penteadeira



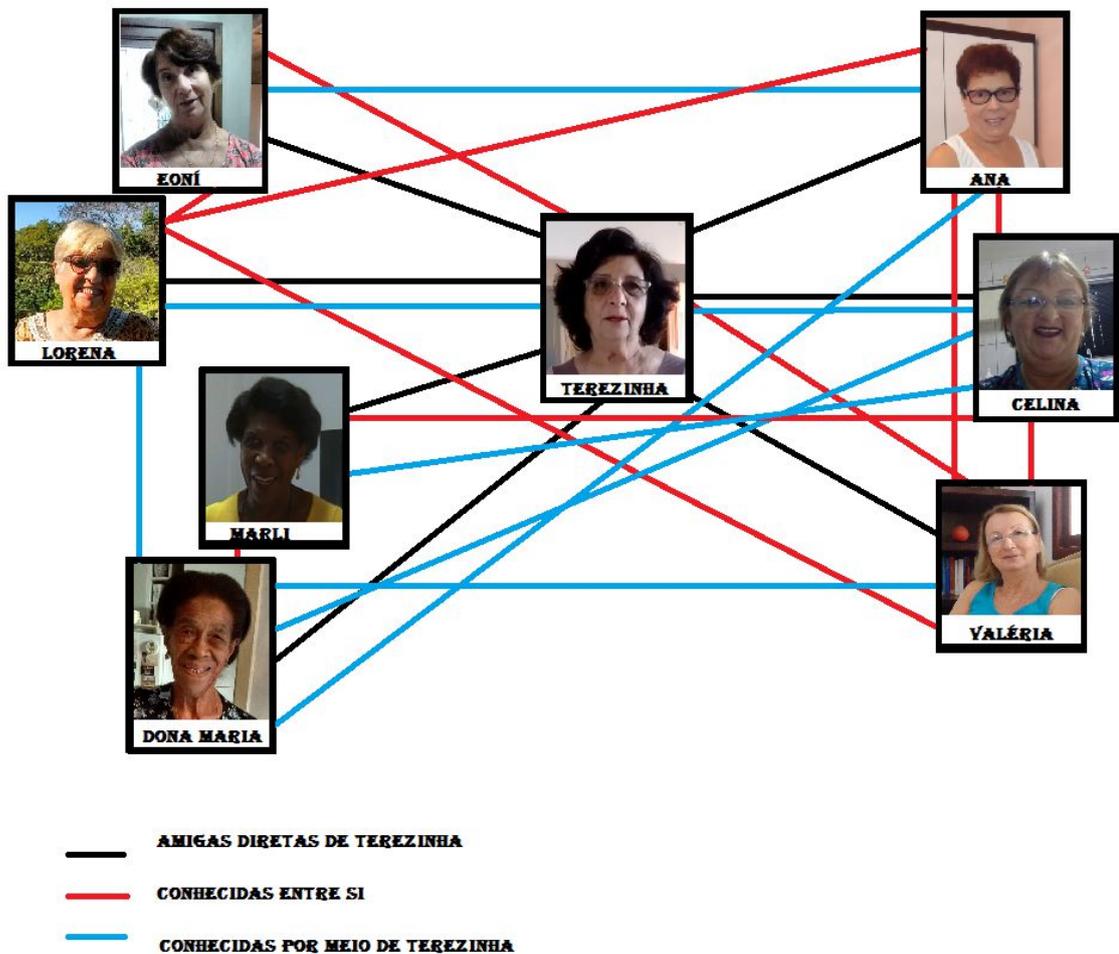
Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Ela então listou o nome de algumas amigas e desta lista montei uma rede para entrada em campo, tendo como início Terezinha, de onde partem todas as outras mulheres em processo de envelhecimento, pois fazem parte de seu círculo de amizade. Essas mulheres, agora parceiras⁴ dessa investigação, serão aqui apresentadas, pela rede social organizada segundo Foote-Whyte (2005), por meio de um diagrama que segue um esquema a partir das relações entre as mulheres. Este diagrama será seguido por uma apresentação de cada uma delas e depois, através de breve descrição minha.

³ Se referindo ao passado.

⁴ Como já explicitado na introdução, parceiras de pesquisa, pois suas narrativas e imagens irão construir o conteúdo desta investigação juntamente comigo, a pesquisadora.

Figura 8 Rede social desta pesquisa



Fonte: pesquisadora, 2018.

A entrada em campo sempre transcorre desde uma rede de interações tecidas pelo(a) antropólogo(a) no seu contato com um grupo determinado, sendo o trabalho de campo um laborioso trabalho de entrada do(a) etnógrafo(a) desde uma situação periférica no interior da vida coletiva deste grupo até seu deslocamento progressivo no coração dos dramas sociais vividos por seus membros (ECKERT, ROCHA, 2008, p. 12).

Como num guardanapo de crochê, o diagrama desta investigação se dá ao redor de Terezinha, de onde inicia o primeiro ponto, visto que é amiga de cada uma das parceiras desta pesquisa, estando isso demonstrado através dos traços na cor preta. Os traços vermelhos indicam as mulheres que são conhecidas e/ou amigas, sem a interferência dela, enquanto que a cor azul aponta a intersecção existente entre Terezinha e estas mulheres devido ao fato de terem se conhecido por meio dela. A rede social desta pesquisa está delineada. Agora é o momento de aprender a conhecer um pouco mais cada uma dessas mulheres.

A gente tem muita fé e com fé se resolve tudo. O que eu peço a Deus, graças ao bom Deus, me vem mesmo. Tenho muito boas filhas e me sinto muito, muito, muito feliz. Eu abro a janela do quarto já agradecendo o céu, a luz, o sol, agradecendo a tudo - *ela gesticula encena o assunto que está narrando*. Tenho muita gratidão a tudo, ao amor, a saúde. A amizade é a maior riqueza que Deus nos deu. Fico muito feliz por essas graças maravilhosas (MENDONÇA, 2018).

Figura 9 Maria Emília de Mendonça



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Maria Emília de Mendonça, neta de escravos, nasceu em 14 de junho de 1916, na zona rural de Gravataí. Foi empregada doméstica em residências de famílias tradicionais de Porto Alegre e Novo Hamburgo. Atualmente, viúva, mora em Novo Hamburgo. Ela teve sete filhas. Tem nove netos, doze bisnetos e quatro tataranetos. Dona Maria, como nós a chamamos, tem uma vida cheia de compromissos e é muito requisitada para entrevistas a grandes veículos de comunicação do estado do Rio Grande do Sul. Realiza todas as atividades domésticas e adora receber visitas. Não gosta de assistir televisão, faz caminhadas, viaja muito, vai ao salão de beleza uma vez por semana e lê muito, sem uso de óculos. Católica e adepta da Seicho-no-ie há quase trinta anos, é grata pela vida, pela família, pelos amigos e pela alegria de todos os dias. Sua presença é um brinde a cada um pois suas palavras são sempre muito positivas.

Eu sou uma mulher de muita batalha. Muita batalha pra conquistar as coisas que a gente sonha, quer. Eu sonho uma coisa e quero conquistar aquilo,

sabe? Às vezes eu não consigo, mas a maioria eu consigo, mas batalhando, muito. A gente dá uma caída de vez em quando, mas tem que levantar. É assim que eu me imagino, o que os outros acham eu não sei. Mas isso é o que eu acho (VARGAS, 2018).

Figura 10 Celina de Vargas



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Celina de Vargas é uma mulher de origem alemã com 62 anos, nascida em 27 de dezembro de 1956, na localidade de Linha Temerária, em Nova Petrópolis. Há quase 50 anos é moradora do município de Portão, casada, sendo que teve dois filhos, ambos falecidos. Possui duas netas. Ela foi trabalhadora rural, empregada doméstica, trabalhou em fábrica de calçados e hoje está aposentada. Católica, é membro de um grupo de oração. Participa das redes sociais na internet. Está em busca de uma atividade voluntária que possa lhe trazer uma ocupação além do serviço em sua casa. Gosta muito de viajar e é dona de um abraço inigualável.

Eu me apresento como uma mulher guerreira que eu sempre fui, cuidei sempre dos meus pais, dos meus irmãos, da minha sogra. Cuidei dos meus netos, criei eles até seis, sete anos. Eu acho que eu sou assim, uma pessoa que se dedica às pessoas que precisam. Então eu acho que eu sou guerreira. Eu sempre fui muito doente, eu já fiz várias cirurgias, e foi preciso fazer [...] E eu nunca desanimei, eu sou católica, tenho muita fé e Deus nos dá o que a gente pode aguentar (SILVA, 2018).

Figura 11 Ana Maria Azevedo da Silva



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ana Maria Azevedo da Silva nasceu em Capela de Santana no dia 22/04/1946, tendo morado em municípios como São Leopoldo e Estância Velha. Atualmente mora no município de Portão. É casada, aposentada como cabeleireira, tem um casal de filhos, três netos e um bisneto. Católica, participa ativamente da comunidade Nossa Senhora das Graças. Ana Maria é uma mulher vaidosa e demonstra extremo cuidado com as questões que envolvem a saúde. Sua fala é doce e mansa, o que muda o ritmo das pessoas que convivem com ela.

Eu me considero uma professora dona de casa. Eu mantenho esse status de professora. Gosto do grupo de professoras que eu mantenho amizade, a gente se reúne, aqui da antiga Pedro Schüller⁵, a gente mantém um bom relacionamento, é muito bom. Uma professora aposentada, que cuida da casa, gosta do jardim, de viajar, olhar filmes, lê bastante e que gosta de participar desse grupo de amigas que passeia, joga canastra, troca livros e comenta, pra não ficar só aquela dona de casa que fica lavando roupa, louça e se estressando com a casa. Essa sou eu. Uma professora aposentada que procura curtir a vida do melhor jeito que dá porque hoje estamos aqui, amanhã não sabemos. Se a gente for esperar muito para o dia de amanhã não sabe o que pode acontecer (ROSA, 2018).

⁵ Escola Estadual Pedro Schüller.

Figura 12 Eoní de Deus da Rosa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

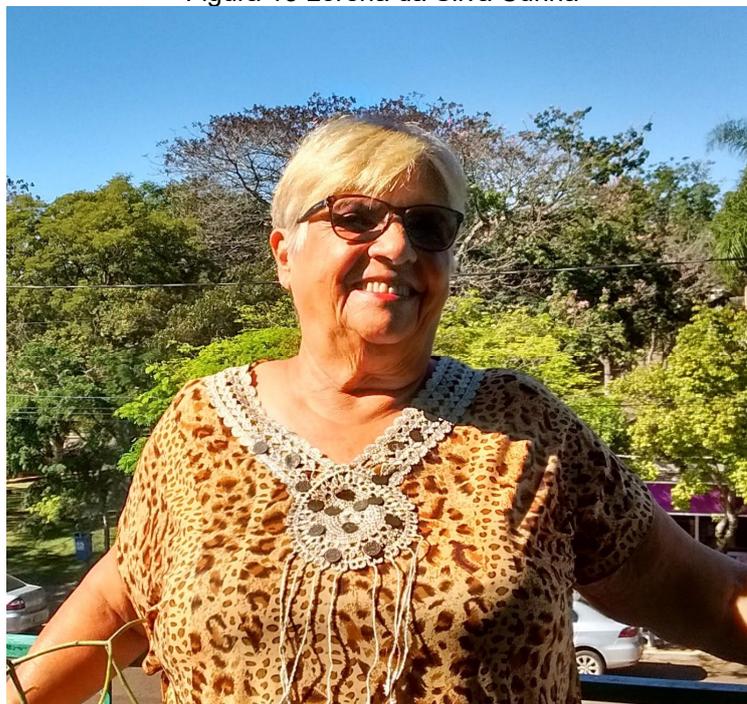
Eoní de Deus da Rosa nasceu no dia 05 de novembro de 1945, embora tenha sido registrada com a data de 10 de novembro, no município de São Leopoldo. Estudou em colégio interno durante muitos anos, se formando professora, profissão que exerceu nas redes públicas estadual e municipal em Portão. Casada, mãe de três filhos, participa do grupo de terceira idade do Sesc⁶ e de grupos de professoras aposentadas, bem como de grupos sociais pela internet. Sempre se demonstrou uma pessoa encantada por livros, tendo sido bibliotecária por mais de dez anos na Escola Municipal Antônio José de Fraga, em Portão. Para quem gosta de leitura, sugestões de livros não faltam por parte dela, tendo inclusive os comentários sobre eles.

Hoje, aos 79 anos, eu sou uma mulher renovada. Desde que me divorciei, depois dos 60 anos. que minha vida mudou, eu sou uma outra pessoa. Apesar da idade, eu sou uma pessoa que vejo o mundo de um jeito diferente, sou uma pessoa de ideias novas, não sou apegada às coisas antigas, eu acompanho a evolução do mundo. Tenho muito medo das invenções muito modernas, mas temos que aceitar e ir caminhando, junto com o modernismo, com o modo como as coisas são. A Lorena de hoje é

⁶ Serviço Social do Comércio.

uma pessoa prá frente. Pela minha idade não sou uma velha parada no tempo. Eu ando com o giro do mundo (CUNHA, 2018).

Figura 13 Lorena da Silva Cunha



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Lorena da Silva Cunha é nascida em 12 de março de 1939, na localidade de Faxinal que, na época, pertencia ao município de São Sebastião do Caí. Trabalhou em sua casa quando solteira e, depois de casada, na Prefeitura Municipal de Portão. Mais tarde foi proprietária de uma Papelaria, por muitos anos, tendo encerrado as atividades ao se aposentar. Divorciada, teve três filhas, sete netos e cinco bisnetos. Participa ativamente de grupos como Sesc, Pati e Clube de Mães, fazendo parte da diretoria de todos os grupos. Lorena gosta muito de viajar com grupos ou até mesmo sozinha. É presença marcante nas redes sociais na internet pela forma como se posiciona em diferentes temas. Sua energia é contagiante.

Hoje eu me sinto uma mulher forte, que há anos atrás eu não me sentia. Eu acredito que foi pelo que eu passei, pelo que eu vivi. Quando eu ouço, eu leio, que me muitas vezes as dificuldades, elas vêm para nós crescermos, eu acredito nisso. Porque nós temos capacidade infinita como seres humanos, como filhos de Deus e, quando surge uma adversidade, hoje eu tenho força para superar. Então hoje eu me sinto uma mulher forte, uma mulher decidida, uma mulher que sempre procurou cumprir com seus deveres, e me considero uma pessoa bem-sucedida. Hoje eu me sinto muito feliz (OLIVEIRA, 2018).

Figura 14 Marli Helena de Oliveira

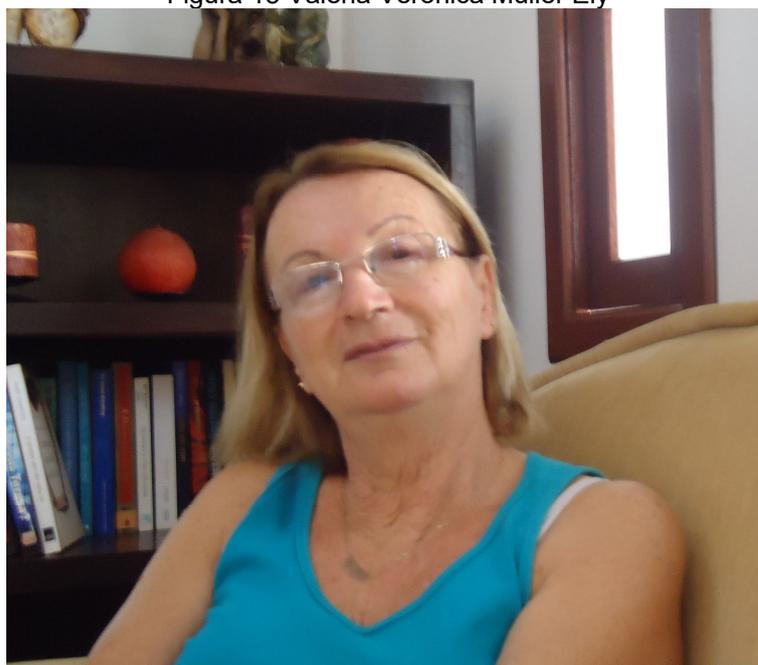


Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Marli Helena de Oliveira, nascida no dia 07 de outubro de 1950, em Novo Hamburgo, teve toda sua trajetória de vida desenvolvida neste lugar: estudou, participou de atividades sociais, trabalhou e se aposentou. Trabalhou primeiramente em uma fábrica de calçados e depois, ao cursar Serviço Social, passou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo tendo coordenado postos de saúde da cidade por vários anos. Divorciada, tem um filho e um casal de netos. É uma das filhas de Maria Emília de Mendonça, também parceira desta pesquisa. Marli adora viajar, acompanhar sua mãe em atividades diversas, cuidar dos netos sempre que necessário e atuar como preleitora da Seicho-no-ie. Seu largo sorriso é fácil assim como o de Dona Maria.

Eu me gosto muito mais hoje do que há anos atrás, até quando eu era mais nova. Eu acho assim, tu dá mais importância a coisas que têm mais essência. Eu me gosto mais assim hoje. Eu vejo assim, que eu valorizo coisas que, quando eu tinha trinta e poucos anos, passava batido. Claro, era da época, aquilo foi importante, eu vivi bem, foi bom. Mas hoje tem mais qualidade, tudo assim, na relação com a família, na relação com os amigos. Acho que vem também daquela coisa assim de tu escolher com quem tu vais dividir as tuas coisas. Eu acho que isso é muito importante. Então, eu me gosto e acho a vida melhor hoje. Eu vou usar uma palavra meia forte, mas eu me sinto plena. Claro, eu tenho sonhos e não poderia deixar de ter porque se tu deixa de sonhar né... eu ainda tenho muita coisa pra fazer e tenho muita coisa pra ver. Eu me defino assim: eu vivo de bem com a vida e com olhos ainda lá no horizonte. (ELY, 2018)

Figura 15 Valéria Verônica Müller Ely



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Valéria Verônica Müller Ely nasceu em 27 de fevereiro de 1949 em São Sebastião do Caí. Estudou em colégios internos em Pareci Novo e São Leopoldo quando era criança e mais tarde em escolas nos municípios de Portão e São Leopoldo. Formada em Contabilidade, trabalhou em uma empresa de serviços contábeis, em um banco e em fábricas de calçado, no setor de sua formação. Mais tarde foi juíza de pequenas causas, e hoje é aposentada. Em seu segundo casamento, eles adotaram uma menina que afirmam, por todo contexto, ter sido gerada para eles. Valéria participa de grupos de mulheres que realizam atividades diversas e faz curso de trabalhos artesanais variados. Gosta de utilizar as redes sociais da internet para ficar atualizada e rever antigos amigos.

Essas são as mulheres parceiras dessa pesquisa. Os encontros realizados foram marcados por lembranças, reflexões, risos, confiança e muitos objetos. Para Gonçalves (2007, p. 27) "A sugestão é que sem os objetos não existiríamos; ou pelo menos não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas." Assim, os objetos permearam esses encontros, sendo também considerados parceiros nessa trajetória entre mulheres, identidade e memória individual e coletiva, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, pois

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não

compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2003, 170).

Convém ressaltar que as narrativas são importantes para compreendermos que “através das interações dos indivíduos desempenhando e reinventando papéis sociais que a história se desenrola” (VELHO, VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 8). Os objetos, as trajetórias e as imagens delas fazem parte desta meada⁷ que agora vai se desenrolar através dos próximos capítulos.

⁷ Quantidade de fios enovelados, de modo a não se emaranhar; coisa enredada; trama.

3. QUE MARAVILHA! UMA JORNADA DE GRATIDÃO À VIDA!

15/10/2017

Hoje, no aniversário de Terezinha Passos⁸, algumas mulheres vieram visitá-la. Ela estava radiante e meus olhos e ouvidos muito atentos àquele movimento delas. Uma das mulheres, Dona Maria, com seus 101 anos, sempre se destaca pela alegria e fala generosa. Conhecemo-nos há muito tempo, mas agora meu interesse está relacionado à pesquisa que venho iniciando.

“No consentimento da experiência compartilhada, o tempo de convivência torna-se mais denso tanto quanto densa se torna a demanda de observar situações vividas e de escutar suas falas” (ECKERT, ROCHA, 2010, p. 123). Assim, há uma necessidade imperiosa de aproximação, mas essa deve ser conquistada e não imposta, o que demanda tempo e sutileza.

Neste dia então combinamos, eu e Dona Maria, que eu iria fazer uma visita a ela para conversarmos sobre uns assuntos que eu estava estudando. Ela sempre muito sorridente, ficou muito feliz ao saber de meu interesse pela ‘fala⁹’ dela.

Dona Maria já deu inúmeras entrevistas, dentre as quais cito os seguintes veículos de comunicação: Jornal NH, Diário Gaúcho, Jornal Zero Hora, TV Record. Ela me convidou para assistir uma participação dela na sede da OAB¹⁰ de Novo Hamburgo, num evento do Outubro Rosa. Ela disse: “Vou fazer uma conversa só, coisa simples, mas se quiser ir vou ficar muito feliz.” E prontamente confirmei presença.

19/10/2017

Atividade do Outubro Rosa na sede da OAB em Novo Hamburgo: fui e levei Terezinha Passos comigo, afinal seria um momento valioso. Entre outras participações, Dona Maria fez uma breve conversa, que gravei e agora transcrevo:

“Tenho muita saúde, graças ao bom Deus. Gosto de ajudar a quem precisa. Conheci a Seicho-no-ie há 26 anos, li a coleção ‘A Verdade da Vida’, em três anos li os 40 volumes. Aprendi muitas coisas boas. Nunca é tarde para aprender. Leio um livro por semana bem dizer. Graças ao bom Deus, se me

⁸ Ponto de partida da rede social de pesquisa.

⁹ Narrativa.

¹⁰ Ordem dos Advogados do Brasil.

perguntar a passagem do livro eu lembro até a página. Me sinto uma pessoa muito feliz, tenho muita alegria.

Gosto de passear, adoro viajar. Agora até está projetado para 2018 uma viagem a São Paulo em abril, em maio outra, para Natal e outra ainda para Portugal. Tudo em 2018. A gente tem muita fé e com fé se resolve tudo. O que eu peço a Deus, graças ao bom Deus, me vem mesmo. Tenho muito boas filhas e me sinto muito, muito, muito feliz.

Ganhei sete filhas, todas meninas, duas nasceram mortas. Estas cinco me deram nove netos, doze bisnetos e quatro tataranetos. O neto mais velho fez 50 anos dia 26 de agosto, o bisneto fez 30, no dia 14 de setembro e o tataraneto fez 10 anos no dia 12 de julho - *e ela sorri muito*. Peço muito a Deus pra conservar minha memória, todos, todos os dias.

Eu abro a janela do quarto já agradecendo o céu, a luz, o sol, agradecendo a tudo - *ela gesticula, encena o assunto que está narrando*. Tenho muita gratidão a tudo, ao amor, a saúde. A amizade é a maior riqueza que Deus nos deu. Fico muito feliz por essas graças maravilhosas.

Eu faço todo serviço da casa ainda, faço uma massinha caseira que todo mundo adora, lavo toda minha roupa, toda lavadinha a mão, graças a Deus, com muita honra e muita alegria. A alegria faz parte da vida. O amor à vida, mas o amor puro - *e continua falando agora dando a entender que se abre um novo parágrafo*.

Eu fazia hidroginástica até meus 99 anos, daí parei porque tava com uma coisinha incomodando no joelho pra pegar o ônibus e ir. Mas tô com saudade e vontade de voltar, se Deus quiser. Desde que eu era pequena sempre tinha uma dorzinha de cabeça, mas depois que conheci a Seichon-ye a dor desapareceu.

Fui casada por 47 anos e meio, mas Deus não quis que a gente ficasse mais tempo ainda junto. Mas tive um bom marido, graças a Deus, um marido exemplar, um bom pai, foi muito bom meu casamento, graças a Deus.

Eu sou muito, muito feliz. Agradeço a tudo e a todos. Minha casa tá sempre aberta a todos, com muita alegria.

O depoimento de Dona Maria retrata que "[...] a história das mulheres passa pela história de seus corpos. Sexo belo ou sexo frágil, tais denominações vinculam-se às imagens que nossa sociedade fez dele, de sua beleza ou de sua saúde" (PRIORE, 2000, p. 14). Nesse caso, um belo corpo e com saúde, capaz de trazer informações, de forma lúcida e generosa, atrai as pessoas. Fica evidente a força que esta mulher tem e o quanto cada mulher pode construir em sua trajetória, afinal Maria Emília passou por inúmeras situações e está aqui, diante de todos nós, com uma fala mansa, relatando algumas de suas passagens.

Figura 16 Evento Outubro Rosa - OAB Novo Hamburgo



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Havia muitos palestrantes neste evento, mas o público em geral ficou encantado com tanta vitalidade e alegria. Dona Maria fez, novamente, sucesso. Ao final do ciclo de conversas, abraçamos ela e nos despedimos.

12/12/2017

Hoje é dia de visitar Dona Maria. Faço agora uma breve descrição.

Maria Emília de Mendonça, apelidada por Dodoca, neta de escravos, nasceu em junho de 1916, na zona rural de Gravataí. Da infância recorda de muitas passagens, entre elas, o tempo em que acompanhava a mãe na entrega de milho em um moinho d'água na região. Sua mãe faleceu por motivo da gripe espanhola, quando eles moravam em Araricá, e Maria tinha apenas sete anos de idade. Desde então, foi criada pelo pai, o vendedor de verduras Antônio Benedito Martins, junto com as outras três irmãs. Atualmente, viúva, mora em Novo Hamburgo, apenas com uma neta que só vem à noite, pois trabalha o dia inteiro.

Algumas curiosidades: não usa aparelho auditivo, nem óculos. Come de tudo, mas nada em demasia. Lembra a idade e a data de nascimento de todos os integrantes da família, bem como dos amigos mais chegados como minha mãe, por exemplo.

Sua memória está em constante atividade, pois as muitas pessoas que a rodeiam estão, de uma forma ou de outra, incentivando-a através dos questionamentos sobre sua vida. Relembrar é importante,

É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 2003, p. 12, grifo do autor).

Dona Maria, como nós a chamamos, tem uma vida cheia de compromissos e está sempre envolvida com pessoas de diferentes grupos. Isso faz diferença no sentido de uma contínua busca por fatos, acontecimentos, fazendo com que ela acesse e reelabore sua história.

Sua mente e seu corpo estão de tal forma em sintonia e, com saúde, ela realiza todas as atividades domésticas, passeia muito e adora receber visitas. Ela sempre diz que não gosta de assistir televisão, preferindo fazer caminhadas, ir ao salão de beleza uma vez por semana e ler muito. Católica e adepta da Seicho-no-ie há quase trinta anos, é grata pela vida, pela família, pelos amigos e pela alegria de todos os dias.

Para este encontro, telefonei e combinamos o horário. Quando cheguei lá, ela estava sentada diante da porta da sala lendo um jornal. Ao me ver veio logo me receber. Como sempre, muito animada. Logo de chegada conversamos sobre nossas famílias pois ela e minha mãe são amigas há mais de 40 anos.

Após nos sentarmos, falei sobre a pesquisa que estava realizando e ela prontamente concordou em fazer parte. Temos uma relação de proximidade que não nos permite muitos 'rodeios'¹¹.

Fomos falando sobre as coisas que estão acontecendo agora neste mês, das festas de Natal e ano novo. Ela tem o casamento de uma neta e o nascimento de uma bisneta. Outro neto vai se formar e por aí vai, sempre com muitos eventos.

Solicitei que pudesse fotografá-la e ela pediu para eu esperar um pouco. Ela levantou-se da cadeira e se dirigiu ao corredor que dava no quarto dela. Voltou de brincos, pulseira e colar. Dona Maria é muito vaidosa. Priore (2000) assegura que as noções de corporeidade e feminilidade estiveram sempre vinculadas à nossa cultura. E isso se torna concreto no gesto de Dona Maria de ir colocar bijuterias para valorizar seu corpo e a si mesma.

¹¹ Ao tratar de algo sem muita cerimônia, sem demora, como se costuma falar em algumas regiões do estado do Rio Grande do Sul.

Pedi então que fosse me contando algo sobre sua vida, o que quisesse, pois enquanto ia fotografando, gravaria a sua fala. Neste momento uma de suas filhas chegou com uma amiga. Então esperei um pouco para que todos nós pudéssemos nos cumprimentar. A filha já sabia sobre minha pesquisa pois estava junto na casa na casa de Terezinha em 15 de outubro passado. As duas mulheres foram para a cozinha e eu e Dona Maria retomamos nossa conversa. Ela começou falando sobre seu pai que é a pessoa que ela diz que sente maior orgulho em sua vida. Ela conta:

Meu pai era analfabeto, se chamava Antônio, adorava observar as pessoas lendo e se esforçou muito para que a gente tivesse gosto pela leitura, no mínimo. Meu pai foi um homem muito amoroso. Me ensinou a amar o próximo como a si mesmo.

Mas daí, nos estudos, eu estudei até o 4º ano, depois me mudei pra Porto Alegre, onde fui trabalhar de babá e depois como copeira, tudo em casas de família tradicional de Porto Alegre. Mas sempre continuei apaixonada pelos livros e essa paixão vem até hoje.

Pode-se afirmar que os sentimentos “são um elemento constitutivo da identidade e da vida social, e por isso estão no próprio centro da reprodução social” (STREY, 1997, p. 74). O gosto pela leitura é parte constitutiva da identidade de Dona Maria, além de ser também, segundo Weller (2010), parte da herança geracional recebida de seu pai.

Quando morei em Porto Alegre, vi muita coisa acontecer, a cidade antiga era cheia de vegetação, mato mesmo, lembro até hoje dos Campos da Redenção, depois Parque Farroupilha. - *fica pensando, sacudindo a cabeça e continua* - 1935, sim. Neste ano vi Getúlio Vargas bem de pertinho e jamais esqueci. Ele me abanou.

Dona Maria traz, em sua narrativa, a cidade de Porto Alegre do início do século passado, com uma doçura que nos faz sentir desejo de ter conhecido esta Porto Alegre a que ela se refere. Mesmo que ela não tenha passado a maior parte de sua vida lá, foi um período muito marcante e, assim, a cidade aparece “como arranjo poético” em sua vida narrada (ECKERT, ROCHA, 2010, p.131). Também se percebe o valor que dá ao momento em que teve seus olhos tocados pelos de Getúlio Vargas. Impressionante o carisma do líder nacional ao ponto de fixar em sua memória, para sempre, o gesto de um simples abano. Dessa forma, o que ela faz é "Preservar a memória de fatos, pessoas ou ideias, por meio de *construtos* que as comemoram, narram ou representam, é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas" (SANT'ANNA In ABREU, 2009, p. 49, grifo do autor).

Trabalhei em duas casas em Porto Alegre. A primeira casa foi de um italiano casado com a filha de um militar, esse italiano se chamava Donato de Donato. - *ela fica olhando reto pra parede, mas sorri e aponta com o indicador direito pra mim, afirmando* - Donato de Donato. Foi com a mulher dele que eu aprendi tudo: - *e vai listando, sempre sacudindo a cadeira, que é de metal no formato de uma despreguiçadeira*¹² - como cuidar de uma casa, como dobrar as toalhas, como arrumar as camas, tudo muito bem esticadinho, - *e mostra com a mão aberta com a palma para baixo, movimentando da esquerda para a direita* - estendido, como limpar as louças, as pratarias. Se eu não esticasse bem a roupa de cama tinha que fazer de novo. Até hoje eu tenho esse costume de deixar tudo, ponta com ponta, - *e dá muitas risadas* - mesa bem esticadinha, toalhas dobradinhas, a roupa de cama também, assim como o modo de limpar o pó das coisas. As cristaleiras eram revistadas quando eu tirava o pó, para ver se não tinha ficado nada sem tirar do lugar. Ela me ensinou a trabalhar, foi uma 'mãezinha brasileira' para mim.

Sua fala não traz, em nenhum momento, algum gosto amargo do tempo em que trabalhou como empregada doméstica. Ao contrário, sente-se orgulhosa por ter aprendido com as senhoras brancas com quem teve contato. Mas não podemos esquecer que muitas negras tiveram árduos afazeres e muito sofrimento para dar "conforto às elites do país" (MACHADO In PAIVA, 2006, p. 267). Ademais, quando diz 'mãezinha brasileira', de certa forma ela está se excluindo como brasileira, o que denota algo para além disso.

Aí ela foi embora pra São Paulo e queria me levar junto, mas aí a minha vó não deixou eu ir porque eu só poderia vir uma vez por ano em casa. Isso foi em 1929. Ela então me deixou recomendada para a casa de uma amiga dela, Almerinda Chaves Barcellos casada com Ismael Chaves Barcellos, uma família tradicional de Porto Alegre. Trabalhei muitos anos na sua casa até que minha avó faleceu e meu pai quis que eu e minha irmã fosse morar com ele em Morro Agudo porque daí a gente não tinha alguém mais perto para cuidar da gente. Esta minha avó, junto com meu avô, foram escravos e então quando ela faleceu meu pai então quis que eu minha irmã deixasse de trabalhar nessas casas em Porto Alegre, para ficar perto dele. Fomos pro Morro Agudo.

Quando encontrei meu marido pela primeira vez na vida, foi numa festa de São João, tudo 'meio alinhavado'¹³, ele pagou umas bebidinhas para mim, pra minha irmã e pro meu pai. Naquele tempo era a gasosa de garrafa, era só o que tinha - *e ela mostra com as mãos como era o tamanho da garrafa de gasosa*. Isso de dia. De noite teve a reunião dançante, como tinha baile e ele não sabia dançar e então eu disse 'nada feito', porque para mim tinha que saber dançar. Mas tinha um primo dele que sabia dançar e dançava muito bem e ele veio falar comigo e então eu dancei com ele. Assim, começamos a namorar. Ele construiu uma casa com tudo. Mas eu lembro que ele já tinha bem mais idade do que eu, ele tinha quase a idade do meu pai. Quando foi para a gente casar ele levou meus documentos e eu fiquei pensando sobre isso - *e leva a mão à cabeça*. Naquela noite eu não dormi nem um pouquinho. Passei a noite acordada. Resolvi que não queria casar mais. Levantei e falei com meu pai que me disse que eu podia fazer o que

¹² Tipo de cadeira de embalar, mas para uso adulto.

¹³ Combinado.

eu achava melhor pra mim. Meu pai ficou de acordo comigo. Mesmo que meu pai se dava muito bem com ele, e que a gente achava que ele era uma pessoa boa. Desisti do casamento e fui com uma amiga, a pé até Cachoeirinha, buscar meus documentos. No caminho encontrei com ele que estava com um cesto e uma faca pegando capim no caminho para dar pros bichos. E então eu disse que não ia mais casar, que estava buscando meus documentos. 'Eu não quero mais casar.' Aí ele disse: 'É por uma dessas que muitos noivos matam suas noivas.' Eu fiquei firme e disse: 'Quer me matar, pode me matar, mas eu não vou mais me casar.' E segui firme. Isso aconteceu em 1939.

Bourdieu aponta que “a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial [...]” (BOURDIEU, 2016, p. 77). Deste modo pode-se perceber na ameaça recebida por Dona Maria, uma violência potencial, especialmente pela data em que o fato ocorreu, embora esse tipo de ação seja comum e tenha se naturalizado na contemporaneidade. Uma condição que pode ter favorecido ela foi o fato do apoio incondicional de seu pai. O que atesta algum dos motivos pelos quais ela possui profundo amor por ele. E ela continua sua fala:

Mas o destino é caprichoso¹⁴, passou uns dois anos, quando eu vim trabalhar em Novo Hamburgo, em Lomba Grande, na casa do vice-prefeito, em 1941. Daí, fui num baile em São Leopoldo, encontrei com ele (meu marido) e ele estava bom de dança. Aí eu disse: 'Agora é pra já!' - e as gargalhadas se espalharam pela casa, fazendo com as duas mulheres que estavam na cozinha dessem risadas também. E assim foi, - ela gesticula com os braços em sinal de prece - namoramos um ano e meio e casamos. E olha que ele era bem mais novo que eu. - e ela solta outra gargalhada muito gostosa. Deus é tão bom porque aquele meu primeiro namoro não ia mesmo dar certo no casamento. O destino é caprichoso, fez as coisas certas, graças a Deus, foi um casamento muito feliz. O casamento pra mim é uma vez só, marido bom como eu tinha não ia encontrar outra vez, por isso fiquei sozinha. Tudo deu certo, tenho muitos amigos, minha maior riqueza é poder estar aqui falando sobre as minhas coisas. Agora vou ter um livro da minha vida, e todas essas coisas vão aparecer.

João Manoel de Mendonça, este é o nome do meu marido, faz 26 anos que ele faleceu, a gente teve sete filhas biológicas, duas nasceram mortas e depois tivemos mais uma adotiva, nove netos, doze bisnetos e quatro tataranetos. E outros vêm vindo por aí - o sorriso no rosto é largo e ela bate palmas se recostando na cadeira.

Quando ela narra sobre a família se construindo em um grande número de pessoas, demonstra enorme contentamento afinal, além do sentimento de pertença há a questão muito forte da continuidade. Outro fato que merece atenção é que Dona Maria, em nenhuma das narrativas até aqui, citou algo relacionado diretamente a envelhecimento. Não demonstrou preocupação com isso, tratando também dos

¹⁴ No sentido de surpreendente.

momentos de dificuldade por ela vividos com delicadeza, ao mesmo tempo em que firmeza.

Neste instante a filha avisa que vai colocar o café na mesa e que é pra gente vir. As duas mulheres montaram a mesa, mas o pão foi Dona Maria que fez no dia de ontem. Acredite, ela fez o pão sem leite porque lembrou que comentei no aniversário de Terezinha que tenho intolerância à lactose. Tomamos café, falando sobre coisas do cotidiano, mas como a televisão estava ligada com o jogo do Grêmio na semifinal do mundial de clubes, Dona Maria disse: “Eu não quero que eles ganhem. Nunca mais esqueci que meu pai foi proibido de vender verduras na frente do Estádio Olímpico só porque era negro.” Relatos como esse me deixam, de certo modo, entristecida, pois sou gremista. Mas é importante refletir que é preciso não esquecer esses fatos para que não se repitam.

Depois desta fala sua filha desligou a televisão. E continuaram a se servir e falar sobre outros assuntos. Aproveitei o dia para me aproximar de Marli. Não previ o aparecimento dela neste dia na casa da Dona Maria, mas, em função disso, tive a ideia de incluí-la na lista de parceiras de pesquisa. Conversamos descontraidamente, me despedi avisando que faria contato com as duas, para marcarmos outro encontro, mas depois da virada do ano e cada uma em sua casa.

Figura 17 Dona Maria na sala de sua casa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

09/01/2018

Ida à casa de Dona Maria. Telefonei antes, como sempre. Ela irá fazer uns passeios na casa das filhas e na praia. Vai voltar para casa só no carnaval. A ideia hoje é de conhecer a penteadeira dela, ver como é, como ela organiza seus objetos. Mas, quando cheguei lá, depois da gente se cumprimentar, ela logo começa a contar coisas de seu passado. Como percebo que ela gosta muito, vou só gravando e ouvindo atentamente. É uma delícia escutá-la.

Na outra vez eu parei quando tava falando do namoro, né? Então hoje eu vou falar do começo do casamento. Logo que eu casei quase não tinha nada na minha casa, não tinha nem um guarda-roupa, nem fogão, era só um fogão no chão com uma chapa em cima. A dona da casa que a gente tinha alugado, que tinha duas pecinhas, disse para o meu marido: 'Mas essa moça não vai querer casar contigo com essa casa desse jeito, não tem nem fogão.' E ele disse para ela: 'Se ela quiser é assim, ela sabe que eu não tenho outra condição.' - *ela para e balança a cabeça positivamente.*

Eu tinha só o quarto e junto com a cozinha era sala - *gesticulando e apontando para os espaços, como se fosse neste mesmo ambiente.* A mesa que a gente tinha eu chamava de 'mesa dos pés trocado', que eram cavaletes com uma tábua por cima. Eu tinha ganhado muitos presentes, muita coisa da minha patroa e tinha então roupa de cama, tinha toalhas de mesa. Aí eu colocava uma toalha bonita em cima da mesa, com vaso de flor e estava muito, muito bom, para mim estava bonito - *e sorri.* Estava tudo muito bonito, muito bom, com amor tudo fica bonito. O amor vivifica tudo.

Quando Dona Maria casou tinha poucos objetos, mas o valor que possuíam era significativo. A relevância desse espaço privado é sentido de forma singular. A casa é o lugar onde "as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações [...]" (CERTEAU, 1996, p. 206), é o espaço onde há liberdade para expor as emoções, para decidir, tomar atitudes que não são possibilitadas no espaço público, por exemplo.

Depois, com o tempo, a gente foi trabalhando, economizando e conseguimos comprar nossa casinha aqui no bairro Primavera. Aos pouquinhos a gente foi colocando as coisas na casa, isso foi 2 anos depois do casamento. Nosso casamento foi lá fora, lá no interior de Gravataí, lá em Morro Agudo. Mas a gente morou perto da Lomba Grande e depois no Primavera.

Depois mais tarde a gente veio morar aqui. Mas já tem muito tempo que eu moro nesta casa - *então eu comento sobre os guardados dela e ela logo me chama pra dentro do quarto.* Vem aqui ver as minhas coisinhas - *ela se locomove com certa dificuldade, segurando-se nas coisas.*

Dona Maria nunca reclama de dores, apesar de sua idade. "E isso significa controlar o próprio corpo não apenas em sua aparência externa, como também nas deficiências e doenças que a idade pode trazer" (BARROS, 1998, p, 144). Ela

demonstra ter domínio sobre o que pode ou não fazer, pois quando decide executar algo, participa animadamente. Exemplo disso são as inúmeras viagens que realiza, sempre disposta e sorridente.

Não 'arrepara'. O repórter da Record veio aqui, fotografou tudo. O do Diário também. Eu guardei as reportagem tudo - *pude então perceber que sua penteadeira está com produtos de higiene e com revistas da Seicho-no-ie. Olha aqui as minhas coisas - ela mostra umas prateleiras com objetos e já vai falando:*

Esta imagem de Santo Antônio eu tenho guardada desde quando perdi minha filha 'a' recém-nascida. Eu estava em casa, faltando um tempo pro bebê nascer e senti uma dor muito forte, Fui me deitar e apaguei de tanta dor. Acordei com sangramento terrível, já estava nascendo morto o bebê. Foi muito triste aquele dia. Minha cunhada veio, arrumou a criança, meu marido tava trabalhando, quando ele veio a criança tava arrumada, aí ele tinha que 'resistra' (*registrar*). Ganhei esta imagem e guardei comigo. Sempre que olho ela me lembro da criança - *ela fica visivelmente tocada quando conta sobre este fato.*

A imagem do Padre Reus a Marlene que me deu. Eu gosto muito de ir lá, dá uma calma na gente. Muito bom. Uma maravilha - *e sorri.*

Dona Maria, através da imagem do Padre, lembra-se da pessoa que a presenteou com o quadrinho e assim se conecta com o espaço do Santuário pois

É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história (HALBWACHS, 2003, p. 57).

Ela fica olhando então parada olhando para a imagem de Padre Reus. Depois, continua a falar:

Este anjinho as crianças mexeram, quebraram o bracinho dele, mas não consigo me desfazer dele. As crianças gostam de ficar mexendo nas minhas coisas. Quando eu era criança não tinha estas coisas em casa. Também só tive uma penteadeira muito tempo depois de casada.

Isso aqui tá daquele jeito - *fala sobre o quarto e dá risada, mostra a penteadeira e o canto com os objetos.* Essas coisas são muito antigas. Esses santinhos vieram todos de lá, desde o bairro Primavera - *e aponta na direção norte* - no tempo que eu morava lá. Meu Cristo faz 15 anos que eu ganhei de uma filha de criação que me chama de mãe - *e faz sinal de negativo com o dedo indicador direito* - mas eu não sou mãe dela.

Eu deixei cair a Nossa Senhora Aparecida que a Marlene trouxe de São Paulo, mas tá aí. Te lembra aquela festa que tua mãe foi festeira? - *não me recordo, sinceramente* - Olha aí os santinhos. Esse anjinho da guarda a Marlene (filha) ganhou da madrinha dela quando era pequena, da falecida Jaci, a minha cunhada, já tem quase 70 anos. Este Rosário eu ganhei quando fiz 100 anos. Este galo que é muito, muito antigo, mas tão antigo que eu nem me lembro quanto tempo faz que eu tenho ele, porque é bem antigo mesmo. Não lembro nem quem me deu, - *e sacode a cabeça em sinal de negativo.* Tem um porta-joias que eu ganhei da Marli (filha), é de porcelana, também faz muito tempo. Tem muita coisa que foi se perdendo e tem coisa minha que guardaram em outro lugar. Vou ter que procurar isso.

Figura 18 Dona Maria ao falar da imagem de Santo Antônio



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Muitos objetos foram quebrados ou perdidos na trajetória de Dona Maria. Apesar disso eles não deixaram de estar presentes em sua memória. Isso significa afirmar que os objetos se tornam imortais pelos laços afetivos que criam até o momento em que alguém elimine essa nostalgia (BAUDRILLARD, 2006). Para Silveira (2005), os objetos transitam, costurando um mapa simbólico e subjetivo de cada pessoa, mesmo quando estes já não estão mais presentes em sua totalidade física. Simmel (1934) assegura que

las ruínas [...] revelan que en las partes desaparecidas o destruídas se han desarrollado otras fuerzas y formas - las de la naturaleza - ; de de manera que los elementos artísticos que aún subsisten de la obra primitiva y los elementos naturales que ya se han instalado en ella, componen un nuevo conjunto, una característica unidad (SIMMEL, 1934, p. 213).

Seguramente os objetos guardados fazem com que as narrativas de quem os possui estejam relacionadas a muitas histórias, memórias, lembranças de todos os tipos, boas e ruins. Pode-se observar na fala de D. Maria todo tipo de sentimento em relação aos fatos que os objetos remontam. Inclusive, em sua expressão facial e corporal, ficando evidente o efeito das emoções sobre si. Em seguida, ela passa a

apontar para outros objetos em seu quarto numa tentativa de mudar de objeto e, naturalmente, de assunto.

Figura 19 Objetos de Dona Maria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Como eu a fotografei, as prateleiras e seus objetos, Dona Maria diz pra eu fotografar as coisas que estão nos quadros na parede da sala, reportagens, fotos de aniversário. Ela é uma mulher midiaticizada¹⁵, prova disso são os jornais guardados onde ela aparece participando de alguma matéria. Preserva um exemplar de cada e, em alguns casos, adquire a mais para presentear seus amigos. Também ganhei um. Voltamos para a sala, tirei mais umas fotografias e então combinei com ela que eu voltaria depois de suas férias.

01/03/2018

Hoje é dia de alegria: ida à casa de Dona Maria! Depois de tanto tempo, eu já estava com muita saudade. Chegando lá ela estava sentada na sombra em frente à casa, bem sorridente, descansando, como ela me falou ao telefone, depois de suas férias na casa das filhas e na praia.

¹⁵ Segundo Hjarvard (2014, p. 24), “a *midiatização* preocupa-se com os padrões em transformação de interações sociais e relações entre os vários atores sociais, incluindo os indivíduos e as organizações.” O termo *midiatizada* aqui se refere ao fato de Dona Maria utilizar de diferentes mídias para expor sua história, seus gostos e atividades, bem como para se relacionar com pessoas de diversos lugares e grupos.

Figura 20 Dona Maria em frente a sua casa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Então, sentei-me com ela e conversamos um pouco sobre seus passeios. Ela está muito contente porque aproveitou bastante. “Foi muito, muito bom.” Ela não se cansa de sorrir. Mas então passamos a conversar sobre as coisas que ela guarda em sua penteadeira. Ela me convida pra entrar e diz pra eu sentar. Ela busca uma caixa de dentro da penteadeira dela e começa a falar.

Sabe, da minha mãe eu não tenho nada, nada. Do meu pai eu tenho. Ela morreu e eu era tão pequeninha, tinha sete ‘ano’. Nem foto a coitadinha não tinha. Meu pai tirou foto da gente quando eu já tava com 12 ‘ano’. Meu pai tirou foto porque precisava fazer o passaporte, senão não tinha tirado. Aí foi trabalhar em Porto Alegre e de lá pra vim em Araricá não podia viajar de trem sem o passaporte, daí foi obrigado a ‘tirá’. Pra ‘viajá’ de trem tinha que ter passaporte. Aí dele eu tenho foto, mas da minha mãe eu não tenho.

O fato da obrigatoriedade do passaporte para viagem de trem, dentro do estado do Rio Grande do Sul, no início do século passado, é totalmente novo para mim. Assim como outras passagens históricas presentes nas falas das parceiras dessa pesquisa. O trabalho de ouvir as narrativas é motivo de deleite, pois “Uma característica da totalidade como pressuposto da etnografia diz respeito à dupla face que apresenta: de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador” (MAGNANI, 2009, p. 137). E também o modo como o investigador vai se constituindo.

Confesso que não seja, nem de perto, uma tarefa fácil, mas que está produzindo em minha pessoa, grandes movimentos. Quando realizei estudos sobre algumas das teorias de Jung (1995), ficou evidente que a função psíquica que tenho

mais elaborada é a do pensamento. Necessito trabalhar mais, enquanto indivíduo, a sensação, a intuição e o sentimento. Como estas funções nos estruturam de modo a nos relacionarmos com o mundo, creio que, ao estar realizando um trabalho etnográfico, tenho a oportunidade de vivenciar cada momento em suas diversas possibilidades.

Deixando a questão psíquica, que não é parte desta investigação, e concentrando o foco na etnografia, é importante pensar, assim como Rocha (1995), quando traz Simmel para abordar a questão da espiritualidade que constitui o ser, na relação do pesquisador na experiência com o seu objeto. É importante lembrar que a espiritualidade deve nos acompanhar em campo. E assim, paro e admiro a imagem do pai de Dona Maria.

Figura 21 Foto do pai de Dona Maria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Quando surgem, através dos objetos guardados em penteadeiras, narrativas sobre a memória familiar é possível perceber o valor que possui na afirmação da identidade social do investigado (FERREIRA In ABREU, 2009). A riqueza do gesto ao segurar o objeto e a profundidade do olhar, carregam o sentimento nutrido pelo outro e tudo que esse representa em sua trajetória. Esse momento é mágico, comparado ao exato nascimento de uma obra de arte, onde tudo se suspende, o silêncio fala, o tempo pára e o coração dispara.

Ah, da minha mãe eu tenho um ‘piresinho’ e ele tem mais ou menos a minha idade, que eu conheço ele desde que eu era pequena. Mas andaram fazendo umas arrumação, tiraram minhas coisas da cristaleira, botaram nuns outros armários, acho que botaram no sótão. O rapaz vai ter que ‘tirá’. - *ele está se referindo ao namorado da neta que dorme na casa dela, parecendo um tanto incomodada.* E a guria ganhou nenê agora dia 24, dia 25, e aí ficou aquela ufa ufa, esta semana vou ter que dar um jeito nisso. - *na tarde de hoje os três, neta, namorado e bebê foram ao médico, possibilitando minha conversa com a Dona Maria de modo mais tranquilo, mas se percebe ela um tanto agitada.* E tenho a ‘maquinasinha’ de mão também. Quando eu tinha 5 ano ela comprou esta máquina. - *ela levanta e mostra a máquina numa mesinha na sala, tendo ao fundo os 40 volumes da Seicho-no-ie lidos por ela.* Eu lembro que eu fui junto com ela buscar a máquina. Esta máquina de costura vai ser da Marli.

Muitos dos objetos que Dona Maria possui são herdados de seus antepassados, e continuarão sendo deslocados, dentro deste espaço familiar, de forma a constituir a trajetória deste grupo. São contratos que se firmam no desejo de continuidade, de perpetuação, onde os objetos apontam a marca do outro. “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (MAUSS, 2015, p. 210).

Figura 22 Máquina de costura manual da mãe de Dona Maria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Eu tenho um livro de quando eu terminei o 4º ano, isso daí também é bem antigo. Tenho um livro do meu pai que ele ganhou de presente do padrinho dele, um livro de reza, pra rezar na igreja, sabe? E ele não sabia ler, guardou o livro, quando eu aprendi a ler ele me deu o livro - *e então ela vai buscar o livro dentro da penteadeira dela; eu peço pra que ela vá devagar.* As pernas já não tão ajudando muito. Devagar se vai ao longe. - e dá risada. Eu saí no final de semana, fui sábado no Clube Cruzeiro, mas oi que tive que andar devagar, mas tava tão bom, fiquei um pouco cansada. Mas tava

bom. Que maravilha - *conversamos sobre o presidente do Clube que é meu conhecido, Jailson. O pai dele faleceu um dia antes de seu aniversário. Demonstro assim interesse e afinidade com as coisas e lugares que Dona Maria frequenta.* Pois é, que coisa. Jailson é um menino muito querido. Sempre que vou lá no Clube ele vem me abraçar - *ai ela chega na sala com objetos nas mãos.*

Os laços que vão sendo construídos por mim, enquanto pesquisadora, com Dona Maria, enquanto parceira deste trabalho, vão muito além dos que já tínhamos anteriormente. Há uma espécie de contrato onde cada uma oferece algo e é retribuída, simultaneamente. Tenho pensado sobre a gratidão de que ela tanto fala e acredito que eu precise ofertar ainda mais a ela. Mauss (2015), Certeau (1994, 1996) e Foote-Whyte (1975) me acompanham em tempo integral.

Olha aqui oh, o livrinho, este aqui é bem antigo. Este é o livrinho de reza do meu pai. E esse outro é meu livro de leitura que eu fiz até o quarto ano, até o quarto ano eu estudei. Então esse aqui é o livro, - *e aponta com o indicador sinalizando linha por linha da página do livro* - como eram bonitinhas as letrinhas. E olha as letrinhas que pequenininhas - *e ela desembrolha um pacote de papel.* Esta aqui é a décima de uma enchente de 1928. Uma enchente muito grande que deu, - *e a expressão de seu rosto se fecha, e ela praticamente sussura* - os trens pararam, os bondes pararam. Meu pai não podia ir para Araricá porque não tinha trem.

Este objeto foi guardado por Dona Maria por vários motivos.

Essa é antiga, tem uma da Bila Ortiz que já tá toda rasgadinha mas eu vou te mostrar ela e a da enchente. Aí tinha um senhor em Porto Alegre que fazia os versos, Homero Rosa se chamava, - *e sorri como que numa nuvem de encantamento* - ele fazia esses versinhos, todos aqui. Tem alguma décima que tem o nome dele, tem outra que diz assim - *e começa a declamar:*

‘Me chamo Homero Rosa, escritor desses versinho, agradeço Doutor Getúlio Vargas, o seu doce carinho.’ Foi por isso, o Getúlio Vargas ajudou muito por causa da enchente. Ele fez uns versos porque o falecido Getúlio ajudou muito e ele se chamava então Homero Rosa. Então ele botou assim, fez um verso que falou assim - *e declama novamente com muita seriedade:*

‘Eu me chamo Homero Rosa, escritor desses versinhos, saiba que era pra ele, aqui endereço meus versinhos, devo ler com atenção, foi feito por um analfabeto que não tem habilitação’. Eu adorava ler, sempre gostava, sempre, sempre. Esse aqui é Amor de Mãe. Quando eu lia, quando eu tinha uns 12, 13 anos, eu chorava de montão porque os versinhos eram tudo tudo de mãe e assim eu lembrava da minha mãezinha, chorava que nem sei. Essas aqui estão inteirinhas. Agora a da Bila Ortiz tá bem rasgadinha. Essa da enchente, minha nossa - *e começa a falar um dos versos:*

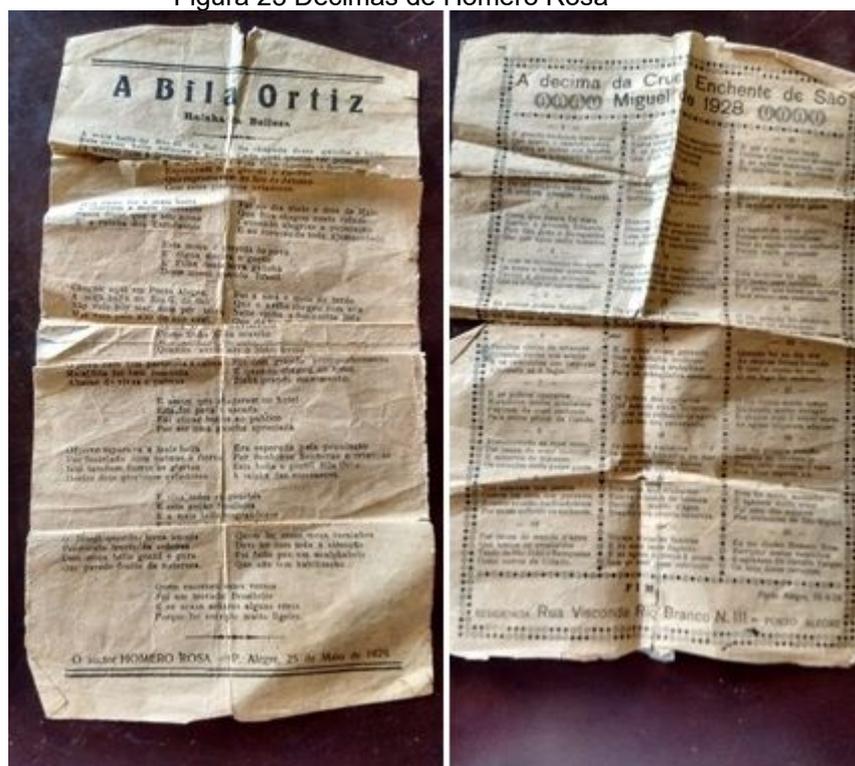
‘Foi tão grande a enchente, que parecia uma revolução, quando se viu o rio foi enchendo, o povo foi alarmando que as Águas de São Miguel já haviam se aproximando. Quando foi no dia dez as chuvas foram batendo e com o vento do sul o Rio logo foi enchendo. O rio durou muito tempo, deixando o mundo alagado, foi depois com vento norte que ele foi abaixado.’ Tem uns quantos versos que eu sei decor. Esse é o da mãe - *e mostra o papel dobrado, com alguns pedacinhos puídos, mas com o respeito de quem guarda um documento muito importante, e assim o é para ela.* Homero Rosa era escritor e já morreu há muitos anos. Eu sempre, sempre, sempre gostei muito de ler, muito, muito, muito.

Como meio de guardar as memórias de um outro tempo, Dona Maria ‘decorou’¹⁶ os versos escritos por Homero Rosa, todos impressos nos anos 20 do século passado. Esses textos trazem marcas da cidade, de pessoas, de momentos vividos e outros sonhados, como no caso dos que trazem as lembranças de sua mãe que tanto a fizeram chorar. Talvez a dor da lembrança do que não foi vivido seja maior do que qualquer outra. “A construção do passado pelas obras literárias” deve ser apontado como um fato concreto, observado na narrativa apresentada a mim neste dia (CHARTIER, 2011, p. 95).

Além disso, a intersecção do olhar de Dona Maria, com o toque no papel guardado em sua penteadeira por tantos anos, junto à declamação do verso, reúne elementos que identificam quem é, de fato, esta mulher. O trabalho de etnografia é para além do que os olhos podem ver. Sempre me perguntava, depois que havia decidido entender a relação entre objetos e pessoas, como poderia fazer isso. Inclusive porque algumas pessoas questionavam de que modo isso seria possível. A resposta para tal indagação vai surgindo em cada encontro: do objeto com a mulher, da mulher comigo e eu comigo mesma. A possibilidade de que “[...] os objetos materiais, de certo modo, constituem nossa subjetividade individual e coletiva” é fato concreto (WAGNER apud GONÇALVES, 2007, p. 26-27).

¹⁶ No sentido de memorizar.

Figura 23 Décimas de Homero Rosa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Tenho guardado também os registros de nascimento das crianças que faleceram, tá guardado junto com essas coisas aqui. Pois é, uma daquelas crianças que faleceram talvez foi da última que eu contei daquele parto que eu ganhei sem dor e sem parteira, de um cházinho que a Jaci me deu. Eu sempre me lembro, olhando também pra florzinha do Padre Reus. Foi uma graça do Padre Reus ganhar uma criança sozinha, sem dor e sem parteira. Eu senti assim, - *e passa as duas mãos pelo corpo, de cima para baixo* - eu tinha impressão que era uma bacia que estava se virando e tava saindo a água. A água tava indo tudo embora, não tive dor nenhuma, nenhuma. Essa foi a última que eu ganhei depois da falecida Marisa. Alguma coisa, - *e procura no meio dos papéis que estão sob suas pernas* - esses aqui são os jornais que eu guardo, que tem notícia minha - *e ela lê silenciosamente um trecho*. Esse jornal aqui foi quando eu votei na última eleição. Tá no quadro também. Agora vai fazer 4 anos. Se Deus quiser vou votar, só não sei ainda em quem porque não escolheram ainda os candidatos. Vamos ver a cara que eu vou me agradar. Mas aquela jornalista da Zero Hora disse que na votação ela quer tá junto comigo para me entrevistar de novo. Ela vai me acompanhar, mas eu tenho que pensar bem, bem, bem, bem.

A necessidade de se sentir parte do processo que define uma disputa eleitoral, embora não seja obrigatoriedade para ela, demonstra elementos da identidade de Dona Maria. Neste meio entre simpatias e antipatias, ordem e equilíbrio, similitudes e experiências, assuntos que aparecem nas narrativas e que são tratados com excelência por Foucault (2007), está o indivíduo que quer se manifestar e, de alguma forma, participar desta disputa, pois é a maneira como existem as disputas que faz com que as coisas do mundo permaneçam o que são.

Esse jornal aqui é do Nelson 'Mangales', aquele negrão da África. Eu guardei aqui, é importante, ele faleceu com 101 anos. Eu guardei então o Jornal. O Nelson era um líder, barbaridade, de muita história de muito sucesso.

Ah essa é da Bila Ortiz que eu falei. E tu lembra de uma Delis Ortiz, jornalista? Eu sempre acho que aquela tem que ter alguma coisa com essa. Essa aqui também é de 28 - *se referindo ao ano de 1928*. Não essa é de 29, - 1929, é bem antiga, ela era Rainha dos Estudantes. Meu Deus, quando ela veio para Porto Alegre, meu Deus, foi uma tempestade. Não cheguei a ver, mas aí no papel diz - *e então entrega o papel contendo uma décima de Homero Rosa para mim e declama: 'Bila Ortiz foi a mais bela e também a mais constante, basta dizer que o seu nome é, a rainha dos Estudantes. Foi a uma e meia da tarde que o avião chegou, com ela nele vinha a senhorita Bila, que do Rio Grande do Sul é a mais bela. Nunca vi tanto movimento, como tinha nesta ocasião e a multidão era toda reunida, quando avistaram o avião.'* Mas ela é bonita, era muito, muito, muito bonita, era uma moça muito amada que tinha naquele tempo.

Dona Maria nunca viu Bila Ortiz. No entanto, ela parece-lhe íntima. O mesmo se dá com Nelson Mandela. São ícones de diferentes tempos e espaços, mas que possuem uma aproximação com ela através dos meios de comunicação. Aqui se percebe claramente o "caráter relativo da noção de familiar e exótico, especialmente na nossa sociedade" (VELHO, 1974, p. 12). Lembrando que Gilberto Velho, por vezes, se remete à Da Matta (1974) para reafirmar a trajetória antropológica nesse aspecto.

Depois de tantos versos declamados, combinamos de nos encontrar daqui a alguns dias para mais uma conversa. Afinal, Dona Maria tem na penteadeira uma caixa com muitas fotos que ela guarda com todo amor. Para estas fotos dedicaremos um outro momento. Despedi-me dela, entregando um par de brincos de presente, de pressão, pois ela não tem a orelha furada. Ela ficou muito encantada. Este sorriso não tem como descrever.

Figura 24 Dona Maria, sorridente



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

07/03/2018

Hoje Dona Maria está no apartamento da filha Marli. Por telefone me disse que a neta ganhou bebê e tem bastante movimento lá na casa dela. Assim, a filha decidiu levar a mãe pra residência dela, para ficar mais tranquila. Então, com a permissão delas, fui até o apartamento de Marli para conversar com Dona Maria. Ela também fez questão pois levou a caixa de fotos pra lá e um bordado que ela guarda na penteadeira.

Assim que cheguei, ela me esperava sorridente.

Que maravilha que tu veio. Vem aqui dentro, vamos sentar no sofá, minha caixinha de fotos está aqui esperando pra gente ver junto - sentei-me ao seu lado, pedi licença para ligar o gravador e fazer algumas fotografias enquanto ela me mostrava os objetos desta caixa.

Agora então vou te mostrar essas fotos. Eu adoro olhar foto, fico um tempão olhando. Olha só, isso aqui isso aqui tá no WhatsApp da Marli - e me mostra a foto dela numa festa. Isso aqui foi na Praça da Cidade das Flores - Ivoti então. Um colega da Marli tirou essa foto. Tinha um batizado lá e passamos na praça. Essa aqui é do casamento da Nelci - e fica parada olhando a filha vestida de noiva. Isso aqui é um aniversário. Eu adoro fotos, mas hoje em dia ninguém mais revela. Só no computador e a gente perde um monte de foto - fala um pouco indignada, pois gosta da fotografia impressa, em mãos.

O valor da fotografia impressa se traduz no gesto de segurar algo concreto, numa tentativa de conter a imagem dada pelo tempo que desejar. A fotografia

continua sendo parte de um ritual onde se registram momentos significativos (KOURY, 2001) e, embora se encontrem hoje inúmeros meios para estes registros, de modo instantâneo e até com certa efemeridade, a fotografia impressa produz um movimento e uma sensação diferenciada. Isso não se restringe somente a pessoas em processo de envelhecimento, mas de modo geral. Rouillé (2009) trazia Mauss ao tratar sobre exatidão, verdade, realidade e magia da fotografia. Muito se discute sobre esses conceitos, mas o que é inegável é o fato de que a imagem está ali e, conforme Barthes (1984), é porque o que se apresenta nela, realmente esteve lá.

Essa aqui é a Jaci num baile do Cruzeiro com várias senhoras. Este era um baile de escolha de rainha. O baile de debutantes só a Nelci participou e tem uma foto, só não me lembro aonde está. Esse aqui é o filho da Nelci, o segundo, está com 48 anos, ele faz dia nove agora, vai fazer 48 anos. O mais velho fez 50 anos e o filho dele fez 30 em setembro. Esse aqui é meu netinho que já vai fazer 3 aninhos, quer dizer, bisneto - *e dá risada*. Esse aniversário foi aqui na Marli, tua mãe veio, foi quando eu fiz 93. Isso aqui é um cartão de Nossa Senhora da Penha quando nós fomos lá. Essa igreja tem 365 degraus e eu subi todos eles, aí tem uma capela tão linda, mas tão linda, mas tão linda, dá vontade de chorar quando a gente olha a Nossa Senhora da Penha. Esse aqui é o meu irmão mais novo a gente era entre quatro irmãos, tudo do primeiro casamento porque daí minha mãe faleceu e meu pai ficou 12 anos sem casar, só cuidando da gente. Os parentes pediram algum para criar e ele dizia: "Não dou nenhum, vou criar eles todos juntos para eles aprender a ter amor um pelo outro". Barbaridade, meu pai é um herói! Eu tenho um amor por ele que meu Deus - *ela fica olhando para as fotos*. Eu acho, às vezes, que é por isso que eu vivo tão feliz assim, de tanto amor que eu tenho pelo meu pai. Aqui estão todas as minhas filhas, as que nasceram vivas. A Marlene é a quarta, a mais nova foi a que faleceu agora há pouco tempo, a Marisa. Agora tem três a Nelci, a Marli e a Marlene. Essa foto aqui é de uma comunhão - *e olha bem de perto* - é a comunhão da Marli - *e dá uma gargalhada*. Já pensou? Hoje as famílias, a maioria já não faz mais.

Olha aqui, que maravilha! Lá na frente do mercado! Esta foi a primeira foto que eu tirei, na Praça XV, em frente ao mercado em Porto Alegre - *ela mostra a fotografia com muita alegria* - quem tá junto comigo é a minha irmã, essa que faleceu faz três anos. Agora nasceu um bisnetinho dela. A minha irmã tinha um rosto lindo. A minha irmã sempre ia numa casa que fazia chapéu, é ali na entrada da Rua da Praia. Ali tinha esses chapéus, um chapeuzinho parecia uma cartolinha até. Minha irmã trabalhava na casa de uma viúva ali perto.

"A descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes [...]" (ECKERT, ROCHA, 2010, p. 122). Logo, o olhar do etnógrafo ao pensar sobre as narrativas de quem faz parte de seu objeto de estudo é também uma forma de perceber este lugar dentro de uma outra perspectiva, sendo para ambos, um movimento no tempo dentro de um mesmo espaço: a cidade.

Antoninha e Mariquinha, assim que a gente era chamada. Mas eu tinha apelido, ela não tinha apelido, mas eu tinha três apelido. Meu pai e minha mãe me chamavam de Mariquinha. A minha avó me chamava de prendosa, meu Deus do céu, eu era a primeira neta, afilhada dela e tinha o nome dela, então meu Deus - *e bate palmas*. Ela me chamava então de prendosa. E os meus irmãos quando começaram a falar, começaram a ensinar meu irmão a chamar de maninha e então ele não conseguia. Daí colocou o apelido de Dodoca. Foi o meu irmão que botou meu apelido de Dodoca. Então eu tinha três apelidos - *e dá risada*. Esse aqui é meu irmão que tocava gaita, trovava que minha nossa, trovador e esse pequenininho que tá com ele é o filho dele. Esse daí tá vivo ainda, graças a Deus. Ele teve na minha casa há uns 3 anos atrás e agora não apareceu mais.

Figura 25 Dona Maria e sua irmã



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Essa foto é do meu casamento - *e aí eu fico olhando a foto e ela continua a falar*. Lá, lá no Morro Agudo, lá na casa do meu pai essa foto. Foi de dia e foi feito só almoço. Todo mundo ajudou, foi só almoço e mais nada - *e ri muito, muito*. Aquela igreja, aquela igreja do Morro Agudo vai fazer 105 anos agora no dia de São João, 105. Tem festa todos os anos lá. O ano passado eu fui na festa lá. Esse ano vou ver se vou - *e espicha o 'vou' - de novo, se Deus quiser - e sorri*. Aqui também é um aniversário meu, aqui, aqui fiz 82. Essa foto é bem antiga - *e dá uma gargalhada se jogando para trás no sofá* - vai fazer 20 anos essa foto, bem antiga. Essa foi boa! Mas essa aqui de 85 também é muito, muito antiga e bonita também. A festa foi grande, a turma dançou no meio da rua, foi muito, muito bom. Veio o carro de mensagem, agora não se vê mais.

Esse outro aniversário aqui foi o Andrei que tirou essa foto quando eu tinha 86, - e fica pensando, pois não aparecem as velas do bolo para confirmar, nem há escrita registrando a data - eu tinha uns 86/87 mais ou menos. Essa aqui parece 91, é 91, mas essa foi na minha casa. A outra, de 90, foi no Floresta Imperial.

Aqui a primeira comunhão é um dos guri - *ela se refere a um dos netos*. Eu não achei o retrato do casamento da Marlene. Será que eu deixei em casa? - *ela pega a fotografia do pai novamente nas mãos*. A foto do meu pai é muito linda! - e olha sua primeira foto - olha aí eu nessa foto com a minha irmã, eu tava solteira ainda.

Esse livrinho de orações tem quase 200 anos - *não encontrei data nele* - e esse livrinho era do meu pai. Esse livro meu pai ganhou do padrinho dele quando ele era guri. E como ele não sabia ler, ele guardou. Quando eu aprendi a ler ele deu pra mim. É uma linda recordação! Tenho muito, muito carinho pelo meu pai. Meu pai nunca aprendeu a ler, nós que lia pra ele. Ele incentivava muito a gente a ler, ele era apaixonado pela leitura, ele era enjoado de não ter podido aprender a ler. Ele tinha paixão pela leitura. Isso aqui eu recebi dele, é uma herança e também por ele não ter casado por 12 anos, tão novo para nos criar e isso aí eu não esqueço nunca, nunca, nunca. Isso para mim foi uma grande coisa. Não tem pai que nem este. Ficar viúvo com 30 anos, ficar sozinho com os 4 filhos e criar tudo, não tem preço, 12 anos sem mulher ahan - e faz negativo com o dedo indicador direito. Nunca, um pai assim nunca mais. Eu tenho muito orgulho dele.

Figura 26 Livro de orações



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Naquele tempo as pessoas levavam livro para dentro da igreja. A Mari achava que era catecismo, mas não era, era livro da missa e acompanhava o padre na missa. Esse livrinho é a coisa mais antiga que eu tenho, isso é uma relíquia para mim.

Esse livrinho é um tesouro para Dona Maria porque "O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um 'retrato de família'" (BAUDRILLARD, 2006, p. 83, grifo do autor). Ele demonstra em si os valores que eram primordiais no seio

familiar, o que se pode observar pela forma como a religiosidade aparece nas narrativas e nos objetos que estão contidos nas prateleiras e nas gavetas da penteadeira dela.

A minha irmã disse: 'Não tenho uma foto dos meus 15 anos', e eu falei mas tu ainda tem outras e eu que não tenho. Mas só eu que tirei dos 15, ela não tirou - *mostrando a foto com sua irmã mais uma vez.*

Eu trouxe um dos meus 'bordado' que eu guardei na penteadeira. É do meu enxoval. Eu comprei quando tava trabalhando na casa dos Chaves Barcelos. Tinha muito pano bonito. Aprendi a bordar com a minha patroa, nas horas que tava de folga do serviço. Os panos já vinham com os riscos, tudo, tudo. Era só bordar. Se usava muito, muito isso. Pendurava atrás do fogão à lenha, na parede, ficava muito, muito bonito. Ela levanta pra abrir o pano e me mostrar. Estava escrito: 'Onde a flor não se conhece, o amor não permanece'. As pessoas acham que foi costura, muito engraçado. Este amarelo eu gostei muito, muito.

Ela abre o pano sobre a mesa, pois faz questão de mostrar o lado avesso, tão bem feito que parece o lado direito. Interessante o fato que Dona Maria traz quando afirma que os panos eram comprados em lojas de tecido, sendo que vinham com os riscos prontos, tanto os desenhos (chamados também de "motivos"), como as frases. Então, ao pesquisar sobre este material, descobri que havia uma intenção nisso pois, "Não somente os motivos mas principalmente os dizeres, são altamente reveladores de um conteúdo pedagógico e normativo, visando os interesses masculinos" (FÁVARO, 2002, p. 125). Encontrei em livros antigos e em uma feira de artesanato atual, em Ivoti, cidade da região do Vale do Rio dos Sinos, frases como: "Trabalha e serás feliz". "A paz é a felicidade do lar". "Um bom manjar prende o marido ao lar". Fiquei surpresa quando Dona Maria contou que os riscos vinham prontos para bordar. Mas a surpresa foi ainda maior quando encontrei as frases, agora. Há muito que aprender e pesquisar.

Figura 27 Bordado do enxoval de Dona Maria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Eu acho que no futuro eu podia deixar esse meu livro para as pessoas não me esquecer - *ela se refere ao livro que está sendo escrito sobre sua vida*. E esse livro que eu guardo do último ano que eu tive na escola, isso aí é a história do meu pai e a minha história. Quando eu tava na escola, eu passava por uma casa assim, um armazém, uma loja, eu adorava ler o que estava escrito nas placas, me interessava bastante pela leitura. Meu livro não vai ficar pronto para o meu aniversário de 102 anos, tá encaminhado, vai ser depois. Mas vai sair esse ano ainda, lá por novembro. Todo mundo achou que seria muita coisa minha festa junto com o lançamento do livro. Então vai ser separado. Dá para escrever mais coisa ainda no livro, - e *dá gargalhada* - muito melhor, eu posso lembrar de mais coisas ainda.

Seu livro biográfico está sendo escrito por Fabrício Vijaes¹⁷. Dona Maria se demonstra muito ansiosa e feliz por ter a oportunidade de deixar registrada sua trajetória de vida. Mas também deixa bem claro que há muito o que ver e fazer ainda. E não tenho dúvida alguma sobre isso.

Só não dá pra esquecer da máquina. Minha mãe costurou muita roupinha nela e eu costurei muita roupinha para minha família depois também. Vai ser da Marli. Eu dei uma entrevista na semana passada e queriam saber qual é o segredo desta vida longa minha. O segredo é muita gratidão a Deus, muita gratidão aos pais e amar ao próximo como a si mesmo, ajudar quem precisa, orar uns pelos outros. Isso é o segredo e alegria. Alegria faz

¹⁷ Mestre em Ciências Sociais pela Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista em Pesquisa do CNPq. Especialista na área de Ética e Direitos Humanos pela FACED - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Colaborador no Núcleo Interdisciplinar de estudos sobre mulher e gênero na UFRGS.

parte da vida. Que maravilha, a vida é coisa muito, muito linda. Gravei um vídeo pra Tramontina, com a receita da minha cuca - *então eu coloco a ela que vou procurar no youtube, lembro que a Marli tinha me falado num encontro que tive com ela*. Agora a gente vai tomar cafezinho com cuca. Desta vez tem leite, é no apartamento da Marli, daí fiz com leite - *digo que ela fique tranquila pois eu tenho meu remedinho na bolsa e vou provar a cuca que ela fez*.

Depois disso a gente se despede, sempre com muitas risadas. Hoje foi dia de alegria! Estar com Dona Maria é estar sempre bem! Ao chegar em casa assisto o vídeo que Dona Maria gravou para o Blog Mulheres Finas, Sabores e Saberes, em parceria com a ComLines Tramontina. Penso, como ela mesma diz: uma maravilha!

Figura 28 Dona Maria em vídeo no Youtube



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QVMqx3IZ-KE&feature=youtu.be>

16/04/2018

E então, conversar com Dona Maria é sempre viver o inesperado. Mostrei o que escrevi e as fotografias que tirei ao longo da pesquisa e ela concordou com tudo. Disse que não tem nada a esconder e dá aquela gargalhada inconfundível, acompanhada na sequência pela frase: “Que maravilha!” Pedi pra ela me contar quem é Dona Maria hoje. E ela apenas diz:

Eu sou uma pessoa que vive feliz, com a graça de Deus, tenho minha família, meus amigos, saúde, tudo muito, muito bom.

Com tamanha sabedoria e simplicidade, ela se resumiu assim. Abraço muito ela, encerrando esta etapa. Mas, tanto ela quanto eu, sabemos que teremos muitos

encontros ainda. Encontros que serão de muita alegria porque desde que a conheço, há mais de 40 anos, sempre foi assim. E eu penso comigo: Gratidão Senhor!

4. FIRMEZA NA VOZ E SORRISO NO ROSTO: A FÉ EM FORMA DE PESSOA

12/12/2017

No mesmo dia em que visitei Dona Maria, aproveitei que uma de suas filhas estava lá e me aproximei na intenção de tratar também com ela dessa questão de pesquisa.

Marli Mendonça é aposentada, mora em Novo Hamburgo, nascida em 07/10/1950, e filha de Dona Maria. Divorciada, tem um filho e dois netos. É uma pessoa, assim como sua mãe, muito sorridente. Religiosa, também é adepta da Seicho-no-ie, sendo preletora¹⁸. Ela fala que “parece que foi ontem que trabalhava com a Laci¹⁹ e ela contava sobre suas filhas pequenas.”

Combinei então, de entrar em contato com ela novamente para conversarmos com mais calma sobre o assunto desta investigação. Ela amavelmente me passou o número de seu telefone. Foi uma tarde muito agradável.

Figura 29 Aproximações com Marli



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

10/01/2018

Fui até o apartamento de Marli pela primeira vez; é nosso segundo encontro pois o primeiro foi na casa da mãe dela. Claro que combinamos por telefone antes. Ela me recebeu com um largo sorriso no rosto. Falei a ela que não iria demorar hoje,

¹⁸ Uma espécie de coordenadora, pastora, que realiza atividades, lê e propaga esta filosofia.

¹⁹ Segundo nome de Terezinha Passos.

que seria somente uma explicação sobre meu trabalho para que ela pudesse então decidir se gostaria de ser minha 'parceira'. E assim foi, firmamos compromisso, com muitas risadas e suco. Marcamos encontro para quando ela retornar da praia.

O apartamento dela fica num lugar bem tranquilo entre o Centro e Hamburgo Velho, no andar térreo, com bastante área verde ao redor. Nota-se brinquedos espalhados por toda sala. Sei, pelo encontro anterior, que ela cuida dos netos na parte da manhã em sua residência. Assim, vou procurar sempre marcar nossos encontros pela tarde.

19/02/2018

Na tarde de hoje fui ao encontro de Marli Mendonça. Chegando ao seu apartamento (agora já sei bem o caminho), ela me recebeu e passamos ao sofá da sala. Ela logo falou:

Guria, estou numa correria. Este negócio de cuidar de neto é muito bom, mas sempre, tá me dando uma coisa. Acho que já não estou mais no pique. - *e dá risada*. Mas enfim, vamos conversar um pouco hoje sobre minhas coisas? - *então afirmo que ela poderia me falar hoje sobre alguma coisa de sua vida, o que desejasse*. Ah, o que eu quiser? Que bom, vou fazer terapia então. - *e dá gargalhada; eu digo pra que ela fique à vontade*. Então ela *continua*. Um fato marcante na minha vida é que eu, quando eu era criança, fui criada com mais quatro irmãs, eu sou a do meio, terceira aliás, eu sempre - *ri muito* - eu sempre fui muito assim, de ficar observando as coisas e cuidar assim, até das minhas amizades. Essas coisas assim sabe? - *e mexe com as mãos em círculo* - e então, eu sempre fui muito voltada para a igreja porque os meus pais sempre foram bem religiosos sabe? Então a gente sempre tava, sempre na igreja e daí e eu gostava muito daquilo sabe? E uma coisa que me chamava muito a atenção assim, que o meu pai, an, como ele não sabia ler nem escrever, ele sempre nos incentivou a aprender a ler, a escrever e continuar estudando, sempre sabe. Então eu, depois eu fui crescendo e sempre pensando assim, puxa, mas que coisa linda né, não saber ler nem escrever, mas passar isso para os filhos, a importância do estudo né? - *ela gesticula bastante, abrindo e fechando os braços*.

Ela traz a presença marcante de seu pai em suas decisões sobre estudo e carreira, refletindo sobre a importância da busca pela realização profissional para um homem analfabeto naquele período em que ele viveu. Percebe-se na prática que "Os homens souberam empenhar sua honra e seu nome bem antes de saberem assinar" (MAUSS, 2015, p. 239), no sentido de que este pai demonstrou cuidado com o futuro de seus filhos, incentivando-os para que não desistissem de seus sonhos, de modo que o nome da família fosse preservado e valorizado.

Daí eu cresci sempre pensando assim: eu vou sempre estudar e vou procurar também ter uma profissão, um emprego onde eu me sinta realizada exercendo a minha profissão. Sempre tive isso em mente e como a mãe foi doméstica, sempre trabalhou de doméstica, ela achava que nós, mulheres, tínhamos que trabalhar de doméstica - e *dá risada*. Então, as duas irmãs mais velhas, elas logo foram trabalhar de doméstica, mas elas gostavam daquilo ali, eu não gostava. Eu achava que aquilo ali, que para trabalhar de doméstica, não precisava saber nem ler nem escrever, então eu podia fazer muito mais tá? Daí eu sei lá, fui estudando, mas daí eu estudei até o segundo grau. Daí depois eu fui trabalhar. Aí trabalhei na Secretaria de Saúde e Ação Social daqui mesmo, de Novo Hamburgo. E teve uma época, quando estavam iniciando com o curso de serviço social, que era um curso novo né, na Unisinos, tá aí como eu trabalhava na área eu pensava assim: eu vou fazer serviço social. Daí eu fui pra faculdade, mas eu não terminei o curso. Eu fiz numa época assim que, a gente sempre acha desculpa, mas no fim, - *dá risada* - eu estava há pouco tempo separada do meu marido, com filho e daí o filho tava na adolescência e daí eu deixava o filho sozinho e ia para faculdade, era uma confusão a minha vida. Daí eu pensei. Fiz alguns semestres e depois parei.

Marli sempre teve o desejo de aprender, estudar e compreender de que forma poderia ser útil, entendendo que tinha potencial para um trabalho mais elaborado. Porém, os afazeres do cotidiano e seu compromisso como mãe não permitiram que ela pudesse investir nos estudos, pois “Conciliar esses projetos com a dedicação e assistência aos demais comporta outra classe de custos e conflitos em nível pessoal” (STREY, 1997, p. 72).

Mas eu trabalhei sempre nessa área. Teve uma época que eu trabalhava já na prefeitura, mas eu dava fichas, só dava fichas sabe, para serem atendidos por médicos e dentistas. Daí eu vim de uma palestra de seicho-no-ie e eu entendi que nós seres humanos temos capacidade infinita. Daí eu pensei não, para dar fichinha basta saber ler e escrever e eu tenho capacidade para mais. Daí eu comecei a agradecer. Isso a gente aprende também na seicho-no-ie. Isso é uma coisa que me marcou muito. Comecei a agradecer a minha promoção na prefeitura. Tu acreditas que dois dias depois de eu começar a agradecer a minha promoção, eu fui chamada no posto que eu trabalhava aqui ao lado da Igreja Evangélica da Paz, como secretária ali dando fichinha, daí a secretária mandou eu ir lá na na Secretaria da Saúde e eu fui. Ela até brincou comigo, ela disse assim: ‘Eu vou te dar uma suspensão’. E eu disse: eu não fiz nada de errado - e *deu uma risada*. Eu sempre sabia que eu estava fazendo tudo certo. Daí ela disse assim: ‘Não, eu te chamei aqui para te promover. Eu quero te convidar pra tu seres a coordenadora dos postos de saúde no município.’ Na época eram 14 postos de saúde do município e eu fiquei feliz da vida, ao mesmo tempo que encantada porque eu pensei assim, mas como que eu recém almejei e já aconteceu? Por isso eu acredito muito no ensinamento da seicho-no-ie, que tudo é provisão da nossa mente, tudo é provisão da mente, a gente pensa, acredita e acontece. Então a gente tem que ter cuidado com os pensamentos. Isso ali foi uma coisa muito grandiosa que aconteceu na minha vida. Aí eu fui promovida, coordenei os postos por mais de 10 anos, fiquei coordenando 14 postos e foi assim, eu fiz um trabalho maravilhoso. Não, é porque uma coisa sempre fui aprendendo: sempre me colocar no lugar do próximo. Isso é uma coisa também muito boa que eu fui aprendendo na minha vida: é se colocar no lugar do outro. Sabe por que eu percebo assim? Nos acontecem tantas coisas no nosso cotidiano, mas falta a pessoa se colocar no lugar do outro. Um exemplo: antontem eu fui ali

para frente para pegar o ônibus para ir para o centro. Antes das duas eu fui pra parada. Duas horas é o horário do ônibus. Passou um ônibus 5 para as 2 horas, logo que eu cheguei ele passou. O ônibus especial não me levou, eu ia até o centro, o motorista poderia ter perguntado: 'Vai até o centro?' Daí poderia levar porque os passageiros estavam só descendo. Mas como ele parou ali, poderia ter me levado, não levou. Fiquei ali, era 2:30, passou outro, também especial, de novo não me levou. Puxa, mas é triste a pessoa não se colocar no lugar do próximo. Daí vem outro, o terceiro ônibus. Então eu peguei, mas quando eu cheguei, eu liguei logo para empresa e eles não estão agindo corretamente. Eles têm que levar se a pessoa vai até o centro, porque eles são obrigados a pegar o passageiro na parada. Então daí assim, essas coisas eu penso assim, puxa vida como as pessoas são egoístas, elas não pensam nos outros, só em si. Isso foi uma coisa que eu aprendi lá atrás, quando eu estava começando a trabalhar, eu pensei que bom que a gente vive dessa forma né quando eu parei de trabalhar, quando me aposentei há 22 anos atrás. Eu falei para o meu filho quando ele estava começando, eu disse que sempre quando tu fores atender alguém tu te colocas do outro lado da mesa, no lugar daquele que está indo ali para ser atendido por ti porque daí o dia que tu te aposentares, tu vais sentir a mesma alegria que eu estou sentindo ao me aposentar, de missão cumprida. Isso é maravilhoso.

A satisfação pela trajetória profissional bem realizada faz com que Marli tenha a intenção de deixar ensinamentos para seu único filho sobre como proceder para esta realização. Sendo o filho sua maior riqueza, o desejo de que ele possa viver sua profissão em sua completude passa ser um sinal de passagem de uma herança geracional, afinal “Todo el proceso histórico de la humanidad consiste en el triunfo gradual del espíritu sobre la naturaleza que el espíritu encuentra fuera de sí, pero también, en cierto sentido, dentro de sí” (SIMMEL, 1934, p. 212).

E eu acredito que tudo que a gente vai aprendendo, a gente já vai trazendo de casa. Quando eu cheguei na seicho-no-ie eu também pensava que eu tinha sido criada numa família muito pobre, mas depois eu fui ver que a minha família nunca foi pobre, que nós sempre tivemos o que vestir, que nós sempre tivemos o que comer, a mesa sempre farta, graças a Deus. Meu pai também se preocupava muito com isso porque ele passou fome quando era criança. Então ele não deixava faltar nada para nós em casa, sim, comida nunca. Graças a Deus. Até hoje tu vês como é na casa da mãe. - e dá gargalhada. Então, isso são valores que a gente, às vezes, não observa e não dá o devido valor. Então, eu fui criada numa família rica, próspera, onde meus pais souberam nos educar, e essa é a maior herança que eu vou levar para o resto da minha vida, a educação que nós recebemos dos nossos pais. Não tem preço isso, é uma coisa muito marcante na minha vida.

E agora, com a mãe com 101 anos, uma das coisas mais marcantes na minha vida é o exemplo de vida dela, é o modo dela viver. O modo de viver da mãe, eu não conheço ninguém que vive dessa forma. Ela está sempre bem consigo mesmo, sempre, sempre bem. Então essa bondade dela, esse amor, essa pureza de alma, ela contagia o mundo inteiro. Tanto que ela está sendo procurada como por ti atualmente Sandra. Ao estar com ela, é dia de alegria, dia de sorrir. Quando eu vi no Youtube a propaganda da cuca, - *pela Tramontina* - eu ainda escrevi ali, que as portas se abrem para a mãe pelo modo de viver dela. Olha, vem gente lá de, de São Paulo da Record para entrevistar a minha mãe, tem gente da Zero Hora de Porto

Alegre para entrevistar minha mãe, tu veio para pesquisar com ela fazendo o teu curso, e agora comigo também por conhecer nossa vida, o modo de viver. Que presente grandioso a minha mãe! É a pessoa mais rica e mais próspera que existe na face da terra, saúde perfeita, visão perfeita, audição, memória como ninguém, isso nenhuma de nós puxou por ela infelizmente. Mas eu sou muito feliz por ter essa vida e por ter sido educada dessa forma, muito feliz - e ela sorri muito, assim como sua mãe.

Figura 30 Descontração durante os relatos de Marli



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

E então encerramos a nossa conversa no dia de hoje porque voltarei em outro momento para conversarmos sobre os seus guardados. Nos despedimos e ficamos de nos falar pelo whatshap para agendar o próximo encontro.

02/03/2018

Marquei de visitar Marli hoje. Fui ao seu apartamento e ela me recebeu como sempre: com aquele sorriso. Só este fato já traz uma enorme satisfação. Entramos, sentei no sofá de sua sala e organizei minhas coisas. Ela atendeu o celular dela enquanto isso. Sentou comigo e disse que agora ia colocar o celular no silencioso. Seu telefone está sempre tirando sua atenção, segundo ela.

Muitas pessoas ficam me ligando, pedindo orientação, ajuda, eu escuto, faço o que posso, muitas vezes não é comigo que elas têm que conversar, daí repasso - *sempre com um largo sorriso.*

E então retomamos nossa conversa de fevereiro. Relembro resumidamente alguns pontos. Chegamos agora a falar sobre a penteadeira e seus guardados. Ela me convida a ir ao quarto dela e diz:

Bah, minha penteadeira está uma bagunça! Olha isso - e *aponta para o móvel carregado de produtos de higiene e beleza. Percebo que ela não está satisfeita com essa situação e não peço para fotografar.*

Pergunto se ela colocou seus objetos em algum outro lugar, embora eu já tenha visto na sala algo que parecia ser este novo espaço. Ela sorri e continua sua fala:

Claro que sim, aqui na sala. Aquele relógio - e *vai em direção a duas prateleiras.* Esse relógio nós ganhamos de casamento, eu e meu marido, da madrinha de batismo dele que também foi madrinha de casamento dele, a dona Rosa, ela que nos deu de presente. Esse relógio, eu gosto muito dele, é um relógio antigo né, ele tá paradinho, mas se der corda ele anda, ele trabalha, - e *sorri* - ele me marcou muito. Esta negra aqui que é um cinzeiro, quem me deu foi meu ex-marido, o Jorge, quando a gente ainda namorava, já tem 42 anos - *seu sorriso se fecha.*

Daí a Nossa Senhora Aparecida é lembrança, os terços também são lembranças de amigas que viajam e trazem para mim. Essa aqui também é lembrança de Nossa Senhora de Fátima que a lara trouxe. Aqui tem uma lembrança de uma amiga, também preletora, de São Paulo que veio passar uns dias aqui em casa e trouxe - e *ela mostra então o restante dos objetos, apontando de modo geral.* São tudo lembranças, da Julia minha afilhada que viajou e trouxe também.

Ah, essas mãos de madeira aqui, é muito bonito também, eu ganhei de amigo secreto há anos atrás, ele era filho da madrinha do meu ex-marido, - *não falou o nome* - ele já foi para o mundo espiritual e ficou a lembrança.

As mais antigas lembranças são essas. *E fala olhando para os objetos.* São guardados que trazem histórias de lugares e que eu deixei aqui porque eu passo todos os dias e vejo e querendo ou não, a gente lembra. Os objetos fazem a gente lembrar das pessoas e dos lugares.

Marli tem um local no alto em seu corredor. Ali ficam suas relíquias. Houve um deslocamento dos objetos que estavam em sua penteadeira para este lugar. Primeiramente em função dos netos, mas ela confessa que aqui tem acesso o tempo todo aos seus objetos.

Esta mulher contemporânea, assim como na vida pública ocupou vários espaços, em seu lar organizou seus pertences mais preciosos por toda casa, tendo este espaço especial para contemplação. Bachelard afirma que “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa tem um porão, um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados” (1993, p. 28).

Figura 31 Marli e seus objetos



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

A mãe mesmo disse que um dos objetos que ela vai me dar pra eu lembrar sempre dela vai ser o livro que ela usou quando estudava, né. E como ela trouxe ele pra cá para conversar contigo então eu já disse, bom já é meu - e *dá aquela gargalhada*. Mas que para mim também é muito importante, eu acho assim também que a pessoa que tem que ficar, eu acho que é aquela pessoa que admira, que cuida e preserva essas relíquias. Tem que dar valor, eu gosto de guardar também, são essas pessoas que devem ficar com as coisas.

Weller (2010) apresenta que, para Mannheim, as gerações não podem estar em dicotomia, mas em constante interação. Se considerarmos a tecnologia na contemporaneidade, podemos pensar que este dinamismo pode facilitar o intercâmbio entre as gerações facilitando o diálogo e promovendo as trocas entre as partes.

O que eu guardo com muito carinho que eu ganhei do meu pai eu vou te pedir para ti ir até a minha porta central - e *ela se dirige à porta de entrada*

enquanto eu a acompanho. Eu fiquei muito feliz quando ele me deu porque ele também guardava com muito carinho, muito respeito, muita fé, a imagem de São Jorge - e a imagem está posta na parte superior interna da porta. Ele está sempre comigo, sempre que eu saio agradeço a São Jorge pela proteção. - Triste... a foto que tirei do São Jorge ficou muito escura. Tenho que tirar outra noutro dia.

Assim como eu ganhei isso do meu pai, eu penso, eu tenho um filho só, o Andrei, ele tá com 39 anos. Para o Andrei eu pretendo deixar como relíquia minha coleção A Verdade da Vida pois ela me representa hoje, porque ele pratica o ensinamento da seicho-no-ie desde os 5 anos até hoje, vai em seminário de casais, na geral e eu fico muito feliz também que a esposa dele conheceu a seicho-no-ie e ela também é adepta, gosta muito e eu sei que ela também dá muito valor para o ensinamento. E o Andrei, eu sei que também vai dar continuidade através da leitura dos livros A Verdade da Vida, que a mãe já estudou os 40 volumes. Eu ainda não li toda a coleção, mas a mãe já leu toda ela. Minha vida hoje se resume nisso, cuidar dos netos quando eles precisam, da mãe também e ser uma boa preletora.

Então, eu agradeço pela atenção dela e combino que irei marcar outro dia para conversarmos novamente. Reparo que estou começando a entender o momento de parar, de terminar a visita, para que a 'parceira' de pesquisa se sintam bem e com desejo de continuar a conversa em outro momento. Nos abraçamos e retornei a minha casa para fazer meus registros.

07/03/2018

Como marquei com Dona Maria e ela está no apartamento da Marli, aproveito para conversar com ela depois de falar com sua mãe. Retomamos nosso encontro da semana passada, onde falamos sobre os objetos que trazem lembranças. E então ela me fala que as fotografias que guarda na gaveta da penteadeira são muito marcantes em sua vida.

Depois que tu foste embora na semana passada, eu abri minhas gavetas da penteadeira e vi ali, - *e pausa sua fala, meio embargada* - as minhas fotos mais importantes e pensei porque eu não tinha aberto naquele dia que tu entrou no meu quarto - *então eu falo que podemos falar sobre elas hoje, que estou aqui para ouvi-la.*

Ah, eu tenho a minha primeira foto da escola e essas fotos todas aqui eu quero colocar no meu *hall* de entrada, mas não foi colocado ainda. Aqui são meu sogro e minha sogra. Eles já retornaram ao mundo espiritual. Eu sempre me relacionei bem com eles, eu era como filha deles, eles eram como meus pais. Nós nos separamos quando o Andrei tinha quatro anos, mas a vida inteira a gente teve contato e eu fazia papel de filha também com eles sabe? Precisava de médico, remédio, a gente estava sempre junto, a gente tinha um carinho muito grande por eles. Eu casei aqui em Novo Hamburgo, na catedral São Luiz, e eu vim morar aqui nunca me mudei daqui, quer dizer, morava primeiro no bairro Primavera e daí lá vendemos a casa e viemos para cá - *e continua mostrando as fotos.*

A tia Loci aqui - *e mostra outra foto* - sempre juntas. Isso aqui são amigas que estão sempre juntas: a Alice, a tia Loci, sempre juntas, viajamos sempre juntas. Aqui tem o Andrei, a Julinha e o Murilo tava na barriga - *e mostra a foto com a nora grávida.* A Julinha é filha da minha nora. Ela já chegou com

a Julinha, mas a Julinha é neta igual, - e *repete* - é minha neta. O Andrei e ela casaram agora em novembro passado. A Julinha está com 9 anos. Ah, ela colocou uma foto no face ontem, coisa mais linda com o véu voando - *foto do casamento, como vai remexendo nas fotos, a conversa fica saltitante como as fotos ao nosso olhar*. Eles dançando, é lindo de ver. Essa aqui tu viste, essa foto da mãe com a coleção A Verdade da Vida? - *eu aceno que não*. Eu acho linda essa foto.

Figura 32 Fotografias de Marli



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Samain (1995) trata sobre o surgimento da antropologia e da fotografia num mesmo período, sendo importante pensar na necessidade que o homem tinha e tem de se ver de outras formas. Assim, através da associação das narrativas e das imagens, tanto anteriores como no momento da etnografia, pode-se ver e falar sobre as pessoas de uma forma mais ampla ao mesmo tempo que mais minuciosa. A

antropologia visual apresenta aqui, nesta pesquisa, quem de fato, são estas mulheres.

Eu sempre, também como a minha mãe faço muito trabalho manual. Eu gosto muito de tricô, bordado, crochê e pintura. Esses quadros aqui da minha sala foi tudo eu que fiz menos aquele - *e mostra um quadro que é na verdade uma gravura no canto da sala*. Eu sempre estou fazendo alguma coisa.

As minhas fotos que eu tenho são essas aqui, da escola, dizendo versos, estava sempre dizendo versos - *e dá risada*. Olha as minhas primeiras fotos, olha - *e aponta* - da escola, da comunhão, da igreja, eu tava sempre na igreja. A Marlene está aqui junto comigo, olha só a Marlene. E a Carmem Lúcia no colégio, isso aqui foi na Scharlau, eu fiz o ginásio na Scharlau. Eu tenho também mais outro neto, Miguel. Aqui tem a Jaci, minha irmã que já retornou ao mundo espiritual, isso era num baile onde nós estávamos juntas, ela foi Rainha do Clube, a gente sempre fazia as roupas para ir nas festas e bailes. Minha mãe sempre era preocupada da gente estar bem vestida.

Um dia muito feliz da minha vida também foi a formatura do meu filho e o casamento do meu filho. Coisa mais linda do mundo! É muito lindo, a gente não sabe de onde vem tanta alegria.

Aqui meu sogro, ele era gêmeo com outro. A minha primeira foto mesmo foi aquela da escola. Eu não tenho foto de pequena, só da escola. Antigas que são minhas relíquias são essas aqui - *nisso bate uma brisa e ela olha para fora*. Esse meu apartamento aqui é como uma casa, eu gostei muito quando eu vim para cá. Aqui eu tenho acesso ao pátio. Se eu andar reto aqui eu vou para o pátio. Tem salão de festas, tem garagem aqui do lado onde eu deixo o carro, tem essa área verde. Eu entro lá em cima com carro e saio a pé por aqui.

Ah, de trabalho deixa eu te mostrar o que eu faço - *aqui ela se refere aos trabalhos manuais e então se levanta para pegar no quarto e quando passa pelo corredor, fala do colchão que está escorado na parede*. Esse colchão deixo aí porque as crianças tão sempre aí. Eu gosto muito de trabalhos manuais, eu já dei aula também, de pintura também, muitos anos pela LBA, no tempo que eles buscavam a gente de carro em casa e traziam depois de volta. Isso aqui é ..., tem crochê, tricô que eu gosto de fazer. Não gosto de ficar sentada olhando TV sem fazer nada. Se eu sentar para ver TV tenho que fazer tricô ou alguma coisa assim, não posso ficar parada, nunca parada.

Então, enquanto vai guardando seus trabalhos manuais numa sacola, ela começa a falar do filho:

Eu tenho muito orgulho do meu filho. Ele se formou em publicidade e trabalha numa empresa de publicidade aqui em Novo Hamburgo, ali próximo ao Campo do Novo Hamburgo, na Vila Rosa, na RCP. Ele também gosta muito de fotografia, eu achei que ele ia ficar mais na área da fotografia, mas ele fotografa também, em alguns eventos, fotografa modelos também. Ele tem uma preocupação com as fotos. Ele sempre andou de skate e então ele fotografa as pessoas nos eventos de skate, aquelas fotos, aquelas imagens diferentes deles saltando no skate. Ele faz umas fotos muito bonita. Eu adoro fotografia, não é incômodo nenhum mexer nas fotos, muito pelo contrário, eu adorei que tu veio para eu poder mostrar, porque semana passada eu fiquei pensando nisso. E hoje tu não vai embora sem tomar um café. *Então eu falo que já estou indo para não atrapalhar e então as duas dizem que eu não atrapalho nunca, que hoje elas têm um evento para ir à noite somente, e que de tarde está tranquilo*.

A gente tem o lançamento de um livro hoje a noite para ir, é dum amigo nosso. Ele é uma pessoa sempre alegre, tipo a vovó.

Figura 33 Marli mostrando um de seus trabalhos manuais

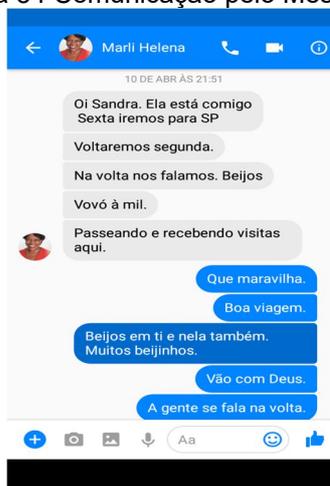


Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

E então a gente vai em direção à mesa e elas estão trazendo as coisas pro café, onde a gente conversa sobre os pães e a geleia em meio a muita gargalhada. Despeço-me agradecendo e a gente vai marcar o próximo encontro por telefone então.

Acompanho pelo Facebook e percebo que Marli está fazendo várias viagens e mando mensagem para saber se Dona Maria está com ela e quando poderei conversar com as duas para mostrar as fotos que fiz e os textos que transcrevi. Marli me responde assim:

Figura 34 Comunicação pelo Messenger

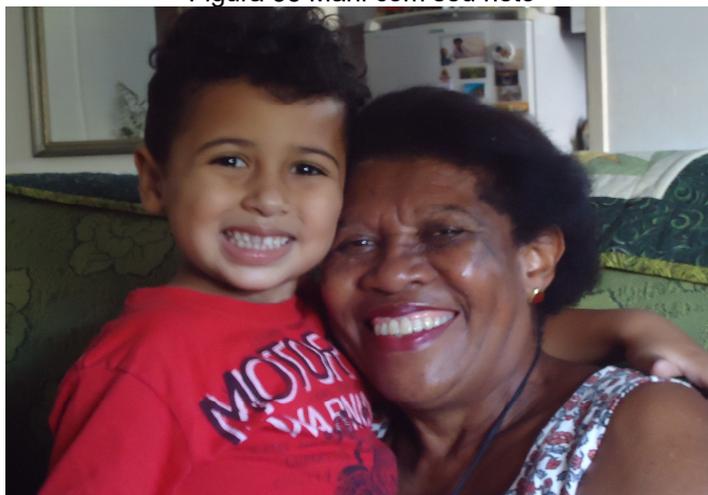


Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

16/04/2018

Neste dia fui visitar Marli para mostrar o material da pesquisa e receber seu consentimento sobre o uso desse. Seu neto estava com ela nessa manhã, embora isso normalmente não ocorra. Mas ele é muito querido e carinhoso, chamou a atenção para ele, no que correspondi com perguntas elaboradas na hora sobre a vida dele. Foi muito prazeroso.

Figura 35 Marli com seu neto



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Também nesse dia pedi à ela para fotografar o São Jorge que está acima de sua porta de entrada pois a imagem não tinha ficado boa numa outra vez que capturei. Ela ficou muito contente por eu ter valorizado algo que significa muito pra ela. Abaixo dessa imagem tem também uma mensagem de proteção para o lar.

Figura 36 São Jorge que era do pai de Marli



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Para finalizar nossos encontros, solicitei que ela apresentasse a mulher Marli, hoje. Ela pensou por um instante e falou:

Hoje eu me sinto uma mulher forte, que há anos atrás eu não me sentia. Eu acredito que foi pelo que eu passei, pelo que eu vivi. Quando eu ouço, eu leio, que me muitas vezes as dificuldades, elas vêm para nós crescermos, eu acredito nisso. Porque nós temos capacidade infinita como seres humanos, como filhos de Deus e, quando surge uma adversidade, hoje eu tenho força para superar. Então hoje eu me sinto uma mulher forte, uma mulher decidida, uma mulher que sempre procurou cumprir com seus deveres, e me considero uma pessoa bem sucedida. Hoje eu me sinto muito feliz.

Assim nos despedimos com a certeza de que em outros momentos nos encontraremos. Agradei sua contribuição e demos um longo e afetuoso abraço.

5. O TIC-TAC DO RELÓGIO MARCA O TEMPO ENTRE PASSADO E FUTURO: O PRESENTE É UMA CANÇÃO

13/12/2017

Chegou o momento de reencontrar Valéria. Ela tem 68 anos, é de origem alemã, casada pela segunda vez e tem uma filha adotiva.

Essa amiga de Terezinha é filha de sua melhor amiga, Edy, já falecida. Temos uma relação muito próxima com essa família e inclusive eu era encarregada da limpeza da sua casa quando era adolescente. Valéria e sua irmã Lúcia tinham penteadeira em seu quarto bem como a mãe delas. A casa era muito grande e linda, com muitos objetos, tapetes, cortinas, tudo muito requintado. E eu, então adolescente, limpava essa casa aos sábados. Quando estava no final da limpeza observava que Valéria e sua irmã estavam se enfeitando diante da sua penteadeira, que continha caixa de música e vários objetos de decoração, além dos vidros de perfume.

A própria Terezinha indicou Valéria para participar da pesquisa e só depois que me recordei desses detalhes da minha adolescência, onde a penteadeira estava presente também. Será um prazer enorme pesquisar com Valéria porque imagino que ela deva de ter muita coisa para contar. Como é na mesma rua que a minha, fui a pé. Muito bom observar este lugar por outro ângulo, parece que até o ritmo do tempo muda.

Mas hoje a visita foi breve, só para aproximação mesmo. Como ela estará saindo de férias, acordamos que em fevereiro voltamos a conversar.

06/02/2018

Dia marcado com Valéria. Cheguei em ponto diante de sua casa. Ao entrar no pátio fomos surpreendidos por um cachorro que estava na rua e entrou atrás de mim pois ela abriu o portão grande. Tivemos que devolver o cachorro à rua pois ela tem uma cachorrinha que está no cio e este cachorro é macho e é de uma vizinha dela. Problema solucionado, ela me convidou a entrar e sentar no sofá de sua sala. Sentei-me e, como de costume, no segundo encontro, expliquei a ela sobre meus estudos, minha pesquisa e sobre a possibilidade dela fazer parte. Ela se demonstrou contente. Assim, combinamos então nosso próximo encontro para dia 20, depois que

passar o carnaval. Agradei e então me despedi dela. Quando eu estava saindo no portão ela disse:

“Já vou ficar pensando nas coisas do passado. Esta rua aí onde tu vais sair, era uma estrada de chão batido, só pra começar”. Ela fica sorrindo e eu retribuo da mesma forma. Valéria vive hoje numa casa ao lado da que morava desde sua infância, ou seja, a memória sobre o lugar e suas transformações poderão nos brindar durante o trabalho.

20/02/2018

Terceiro encontro com Valéria Ely, em sua casa. Cheguei uns 5 minutos antes do combinado, mas ela já estava me esperando, caminhando no pátio da casa. Entrei, ela estava ansiosa pra conversar e foi logo querendo saber sobre o que ela tinha que falar. Deixei-a sentar-se para daí dizer que ela poderia hoje falar sobre coisas que ela havia pensado depois do nosso último encontro. Então, ela começou a falar tranquilamente depois que eu liguei o gravador com a autorização dela:

Eu fiquei esses dias pensando - *e fica olhando para um ponto fixo da parede*. Uma coisa que é muito marcante para mim, eu gosto de lembrar e o face é muito bom para isso. Eu reencontrei a nossa professora ali do grupo escolar, a Vilma Pafiadache Rocha. Foi uma professora que marcou bastante a vida de muita gente né? Eu encontrei ela assim, agora depois de anos. Ela já é vó e tudo né. E ela foi muito importante na minha vida escolar, ali no grupo sabe. Eu me lembro assim que ela adorava o Zé, meu irmão, e o Claudinho Metz. Inclusive ela botava eles de castigo e ela não conseguia manter o castigo. Voltava lá e tirava eles do castigo.

Então, ela foi uma pessoa assim que, então, ela foi uma pessoa assim que me marcou bastante nesse período escolar. E uma outra professora que tinha, que eu fiquei lembrando dela esses dias assim, que tem esses testezinhos que diz: marque uma professora que foi importante na sua vida e eu me lembrei da Maria Elzira. Foi ela quando eu quebrei o braço a primeira vez, ela me levou no colo até a casa da vó Zita ali sabe? - *e aponta com o indicador para oeste*.

E eu fico imaginando, ela não era uma mulher muito alta - *ela dá uma pausa na fala como quem está enxergando a cena que descreve*. E eu fico imaginando, eu era uma criança muito pernuda, e eu fico imaginando assim, eu devia tá quase com os pés arrastando no chão, ela comigo no colo né. E ela me levou com o braço quebrado lá pra vó.

E ainda eu pensei assim, se eu tivesse que marcar duas professoras que foram marcantes para mim seriam essas duas. Esses testezinhos de face que eu não sou de fazer, não sou muito, mas eu me lembrei. E me lembrei essa semana que passou, essa semana eu me lembrei dela, das duas até.

Assim, outro fato marcante foi meu casamento com Claudinho né. Hoje eu olho com a experiência de vida que eu tenho, eu olho para trás e vejo assim, eu penso assim: Nossa, mas isso não aconteceu comigo. Não fui eu que casei com ele. É uma coisa assim, - *e fica pensando* - é tão diferente do que hoje eu vejo o que é o casamento. Que aquilo lá que eu tive, não foi, então eu meio que apaguei aquilo. Aquilo pra mim é uma coisa assim estranha, que parece que não - *pausa* - que eu não - *suspira* - aquilo não

me, ele é um fato marcante, mas não me marcou em nada sabe, não agregou em nada. Nem experiência boa, nem experiência ruim. Uma coisa assim meia esquecida, assim que eu não, não tenho problemas em falar sobre isso, mas não, não agregou nada, não deixou nada.

Uma coisa bem triste que me marcou muito, me marcou bastante, foi a perda do meu pai. Que o pai para mim era assim um semideus né. Que eu achava que o pai era perfeito, o pai era uma pessoa que não tinha defeito. Uma pessoa que para mim bah, era assim nossa, lá em cima - *e gesticula muito com as mãos para cima*. Daí logo em seguida nesse ano que eu perdi o pai, eu casei e mudei de emprego, me arrependi porque eu sai do banco que eu adorava. E fui pra Nische, não gostei, não me adaptei. Nesse ano eu tive a depressão, aquela que eu convivo com ela até hoje. Então eu tive que fazer um tratamento para, de - *pausa* - de psicoterapia de apoio. E aí isso foi no final de 1987, início de 88. E ali eu percebi, entendi com o tratamento, que o pai não era perfeito, que ele não era aquele Super Homem que eu achava que ele era. Ele tinha defeitos e era um pouco até omisso na nossa educação. Quem era presente era a mãe. Mas eu precisei me tratar para entender isso. Foram dois anos e meio de sessões, duas semanais. Custou caro né, não é barato esse tipo de tratamento. Mas para mim, eu acho assim que foi muito importante. Eu consegui elucidar muita coisa na minha cabeça assim. Não que eu ache Sandra que, eu não sei, hoje em dia eu penso assim, se eu tivesse que fazer um tratamento assim, de autoconhecimento, uma coisa assim mais profunda, eu acho que eu não iria querer sabe, porque é um processo bem dolorido. Mas hoje em dia eu acho assim que não. Eu vivo bem comigo mesmo, eu tô bem no meio que eu estou, então eu não vejo necessidade de aprofundar coisas - *certamente não iremos aprofundar nossas conversas em alguns aspectos para respeitar a parceira de pesquisa*.

Eu acho que, é claro, meu casamento com o Mauro é uma coisa marcante, maravilhosa, an né. Encontrar a Cecília foi o maior presente que eu recebi. Ela eu vejo assim, como a Cecília parece, assim que ela, - *sorri com delicadeza* - ela, enquanto a gente tava se cadastrando nos fóruns para adoção, eu acho que ela tava sendo gerada e nascendo em algum lugar pra nós. Então ela veio assim, pra gente de uma maneira tão... - *fica sem palavras, sorrindo*. Então como é inesperado e num caminho tão ... - *e movimentada bastante as mãos mostrando o que seria percurso* - assim como é que eu vou te dizer, tão fora do comum que eu acho que ela, ela foi feita pra nós.

Figura 37 Valéria no sofá de sua sala



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Achei conveniente dar por encerrada nossa conversa hoje visto que percebi ela muito emocionada. As lembranças associadas ao pai mexem profundamente com os sentimentos de Valéria. Então dei uma desculpa que tinha compromisso, conversei sobre a cachorrinha dela e ela relaxou. Percebi então que ela estava bem e despedi-me.

06/03/2018

Hoje cheguei na casa da Valéria bem sorridente para que ela possa receber esta alegria como algo positivo, pois da última vez que estive aqui ela estava aparentemente triste. Ela me abraçou e chamou pra dentro. Organizei as minhas coisas e começamos a conversar.

Pedi a ela se ela teria e poderia falar, mostrar objetos que seriam aqueles especiais, que retratam a sua história. Então, ela começou a falar:

Eu tenho um crucifixo assim - *e mostra com dois dedos* - pequenininho, de madrepérola, que eu ganhei do padre que me deu a primeira comunhão, eu tinha 5 anos e meio e eu carrego ele comigo até hoje. O padre já é falecido, padre José Rhode. Tu não lembra dele, ele não é da sua época, eu lembro até hoje. Na minha primeira comunhão ganhei um livrinho de missa, que hoje em dia nem se usa mais, isso também com capa de madrepérola, que eu também conservo com muito carinho, que tem assim na capa, assim um crucifixo dourado, que eu guardo com muito carinho. E fotos e coisas de uma vida inteira né, que eu gosto de guardar assim. Coisas de registrar o momento, eu sempre digo, tem momentos que não podemos deixar de registrar. Então tem o cachinho da Cecília quando eu cortei o cabelo dela né, que eu guardo, esses dias ainda mostrei pra ela.

Eu tenho muitas fotos da minha mãe. As fotos que ela tinha, ela tirava, eu não me desfiz de nada. Aquelas fotos antigas de parede, isso que se mandava pintar o casal, tá lá na casinha - *ela se refere à pequena casa que foi construída em seu pátio para que sua mãe morasse perto dela e ela assim poder cuidá-la*. Aquilo, - *pausa* - não vou me desfazer daquilo, ann tenho um rosário que eu não me lembro qual o padre trouxe da Itália pra ela e ela me deu. Eu tenho isso guardado também, eu considero assim uma, uma relíquia, a mãe bah, tem um monte de coisa.

Sobre a minha penteadeira de adolescência, aquela penteadeira tá lá na minha casa da praia. Aquela penteadeira era dos móveis do quarto de casamento da mãe, que o pai do Claudinho fez porque ele fazia móveis. Então, eu não quis me desfazer dela, ela tá lá na casa da praia, tá lá na praia, no quarto da Cecília. Acredita ou não, não tem um cupim naquela penteadeira e eu não troquei o espelho porque o espelho, com o tempo, ele ficou com aquela mancha preta de velho que fica e como isso hoje em dia é moderno né, o espelho é original ainda, e tá com aquelas mãozinhas que seguravam os espelhos antigamente - *que vontade me deu de pedir prá ir na casa de praia dela, só pra ver aquela penteadeira*. Eu tiro uma fotografia para ti e te mando pelo whats, até a cadeira tem, não é daquelas todas assim - *e gesticula bordando no ar com as mãos* - era uma cadeira quadradinha, com a guarda baixa. Eu troquei o estofamento dela, ainda é com mola. A cama que tá lá, da Cecília, é uma cama mais nova, aí eu forrei a cabeceira com o mesmo tecido que eu botei na cadeira. Aqui em casa ela era de cetim cor de rosa. Ela tá lá aquela penteadeira e a cadeira. Hoje eu

não tenho penteadeira, eu tenho como ali a parede toda roupeiro e foi feito um nicho assim onde eu botei uma TV. Mas eu sinto falta da penteadeira. Pra mim um quarto completo tem uma penteadeira.

Bah, agora fiquei pensando na penteadeira. O que tinha em cima dessa penteadeira esses dias ainda disse pra Lúcia, porque é que a gente não guardou? Não sei se tu vai te lembrar porque tu é bem mais nova do que eu. Sabe aqueles vidros de perfume da Avon, que vinha, que era um golfinho, que era um menino com uma varinha. O vidro era decorado. Então eu tinha vários, não tanto pelo perfume, mas pela embalagem Sandra. Esse golfinho, ele era desse tamanho assim - *e mostra gesticulando com as mãos numa altura de um palmo* - com o rabo pra cima e era um vidro jateado. Eu nem me lembro do perfume que tinha dentro, mas eu adorava. Então, nessa penteadeira eu lembro bem desses vidros de perfume da Avon. Maquiagem eu tinha muito pouca porque eu não era de me maquiar. Porta-joia eu não tinha, mas a mãe tinha na penteadeira dela, era um retangular, aqueles que tinham 'aquelas' dama antiga, sabe? Aqueles negócio assim redondo que tinha a dama antiga e uns arabescos assim, dourado. Mas ele foi quebrado. As minhas joias ficavam na gaveta junto com as coisas de cabelo, tiara, a Lúcia era mais de tiara do que eu, grampinhos, rolos que se usavam muito naquela época, essas coisas que hoje em dia já não existem mais, an, eram assim, miudezas assim. Caixa de música eu só tive depois de casada, que eu ganhei do Mauro e ela foi quebrada. Era assim, era um formato de um piano e ela tocava música de piano, foi a única que eu tinha, e ela tinha uma bailarina assim que dançava, quando levantava a tampa.

Falando assim sobre a minha penteadeira, eu lembro que o nosso quarto era branco, a gente pintou de branco, né, e a gente fumava, nós duas fumávamos, eu acho que fumava mais que a Lúcia, e a mãe reclamava muito que nosso quarto tinha cheiro de homem por causa do cigarro, que ela era a única da casa que não fumava, eu, o pai, a Lúcia e o Zé fumávamos. E nós fumava dentro do quarto fechado. Hoje que eu não consigo entender como que a gente fazia isso, como a gente aguentava isso? A nossa cortina do quarto ela não era mais branca, ela era amarela. E como a minha cama era a do canto, a da Lúcia era assim - *mostra com as mãos, no sentido contrário a da sua* - do lado da penteadeira que era de nós duas, divididas as gavetas então, a cabeceira da minha cama era amarelada da fumaça do cigarro. Hoje eu fico pensando assim, como a gente aguentava isso? A porta fechada e nós fumando dentro do quarto. É, eu fico pensando. E daí a mãe reclamava que nem sei - *com a palavra reclamava bem espichada* - ela dizia 'olha a cor dessa cortina do quarto de vocês, olha só como tá isso'. E nós não queria nem saber, fumava deitada. Cheiro de homem porque mulher não podia tá fumando assim e ela reclamava que nem sei. Eu me lembro que a cortina do quarto amarelou e a cabeceira da minha cama amarelou mais porque a cama era aqui - *e mostra com as mãos* - e a janela era ali e como a cabeceira ficava no canto, era onde a fumaça ficava mais. A gente se fechava e fumava. E outra, dormia, e no meio das nossas camas tinha um bidezinho com um cinzeiro cheio de bituca de cigarro e nós dormia ali. Hoje, existe coisa mais fedorenta que bituca de cigarro? Ou um cinzeiro, que já nem existe mais, só em alguns lugares que se vê, fede que meu Deus. O que a gente aguentava, pra ti ver o que era o vício, né. Em janeiro agora fez 29 anos que eu parei de fumar, foi logo depois que eu casei que eu parei de fumar. Eu fumava muito, duas carteiras por dia. Era muito. Tu sabes que uma vez um médico disse pra nós, eu me lembro que eu tava mas não lembro quem tava junto, que a mãe era uma fumante passiva e que o cigarro fazia mais mal pra ela do que pra nós. Ela reclamava sempre que nós obrigava ela a respirar a nossa fumaça.

A ideia de que o quarto das filhas parecia de homem estava associada a questão de que ao homem era permitido tudo, inclusive fumar e deixar o ambiente

sujo. A mãe de Valéria reafirmava para as filhas o que havia aprendido com sua mãe, pois “as mulheres acabavam por introjetar e reproduzir o ideário corrente e, ao menos nas aparências, submetiam-se a ele” (FÁVARO, 2002, p. 57).

E ela era tão caprichosa. Na penteadeira tinha aqueles conjuntos de crochê, a gente tinha um cor de rosa, bem miudinho aquele crochê que ela fazia. Sabe que eu acho que eu ainda tenho ele numa gaveta no meu quarto. Mas tinha vários, tinha branco, teria que olhar. Quando ela não tinha tempo de fazer novo, ela comprava ou encomendava pra alguém fazer. Mas eu tenho guardado vários, mas todos que ela fez. Inclusive depois que ela veio morar aqui, ela teve assim um período que ela fez, fez, fez, assim, um monte de coisas - *com palavra monte bem comprida na fala* - daí eu comprava as linhas pra ela porque aquilo dava prazer pra ela, daí chegou um dia que ela disse ‘não compra mais linha porque eu enjoiei’. Daí eu não comprei mais e ela não fez mais nada, mas antes disso ela fez várias coisas. Vou ver ali na minha gaveta - *e foi*.

Ah, olha aqui Sandra. Esse aqui era da minha penteadeira, bem miudinho. Tu não sabe a trabalhadeira que dava lavar, era tudo passado e engomado. Naquele tempo se botava no sereno pra poder passar. Era assim, o grande no meio, os dois pequenos em volta e mais um grande no bidê. Esse aqui foi a mãe que fez. Eu já não tenho serventia pra tricô e crochê. Eu gosto de bordado, pintura e agora eu estou gostando de costurar. Eu admiro muito quem faz. A mãe bordava tão bem que minha nossa. Os guardanapos de crochê, ela juntava tudo as peças do conjunto, ela passava fita mimosa e dava pras rifas de igreja, das escolas, ela fazia e depois presenteava, doava. Eu me lembro quando a Cecília estudava na Santo Antônio, ela fez e eu dei pras festinhas que tinha, coisa assim, eu levava. Eu acho que eu tenho, só um pouquinho Sandra - *e vai até a gaveta novamente* - assim ela fazia oh, juntando o conjunto - *e mostra os guardanapos unidos por uma fita mimosa* - e aqui achei outro da minha infância, só que este não tá completo, falta um grande. Esse aqui era da minha infância, tu olha isso aqui era feito com uma linha bem fina, tu imagina fazer cada pontinho disso aqui hein. Bem miudinho isso aqui, eu não tenho paciência pra isso, as minhas telas são tudo grandes, eu não gosto de fazer coisa miúda. Mas minha mãe era habilidosa e talentosa. Tudo que a mãe fazia assim era bolo, era tudo com talento, ela tinha uma mão abençoada.

Figura 38 Guardanapos de crochê da infância de Valéria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ah, mas a minha penteadeira de agora, ela virou este aparador aqui - e *aponta para um móvel na sala, cheio de fotografias*. E tenho uma penteadeira ambulante, vamos dizer, porque carrego algumas coisas comigo. O livrinho e o crucifixo eu guardo comigo na bolsa, o rosário da mãe. Mas tenho outros objetos que estão guardados. Estão guardados os guardados - *ela se espanta ao falar isso*. Estão guardados, não à vista pra mim. Olha, fui dizer isso é disso, isso é daquilo, levantou uma coisa assim, que agora isso tinha que tá à vista. São coisas assim, que eu gosto que me são, que foram importantes, e são importantes porque vieram de quem eu gostei, amei muito, isso é uma coisa que eu vou ter que ver um lugar de destaque pra botar. Viu como é bom isso?

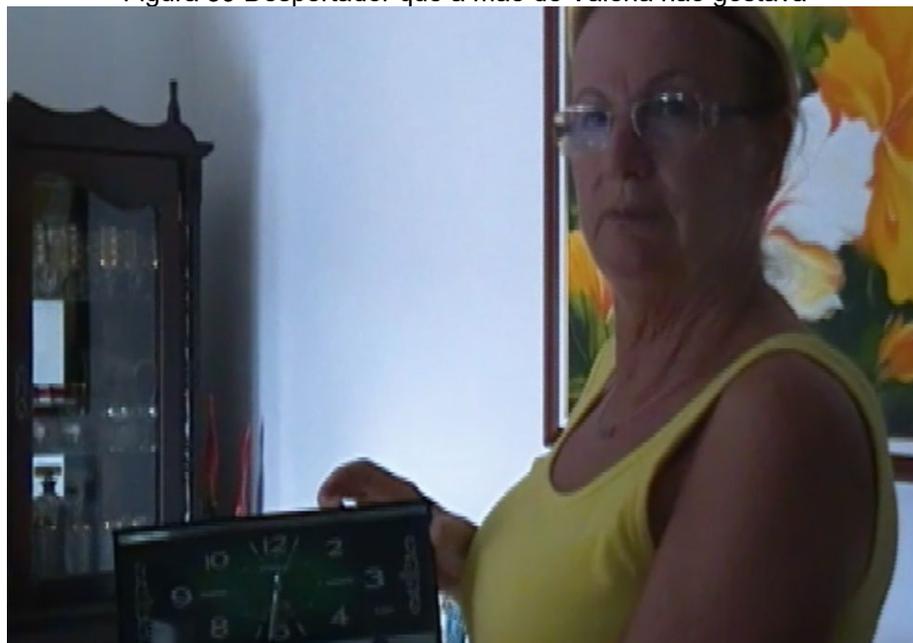
Para Gonçalves (In Abreu, 2009, p. 27) os objetos "Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários, e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos". Assim, pode-se afirmar que os objetos guardados por Valéria fazem parte de seu patrimônio familiar, contam a história de pessoas desta família possibilitando a rememoração de fatos importantes deste grupo de parentesco.

Ali são tudo viagens que nós fizemos, cada um deles, a não ser aquele Mickey lá que a Cecília trouxe quando ela foi para Disney, - *ela mostra uma prateleira pequena acima da tv* - tudo são de viagens. Então, às vezes eu me sento aqui e lembro cada uma das viagens olhando pra aquilo, para aquelas coisas ali, então da mesma forma eu tenho que botar a vista meus objetos todos.

Eu tenho um relógio que era do pai e estas muitas velas, que eram da mãe, mas que é coisa mais recente e eu não quis me desfazer porque eu gosto de vela como ela gostava. Eu botei ali aquele castiçal que também era e dela eu peguei pra mim depois - *e faz uma pausa* - e aquele relógio verde lá atrás, aquele relógio tem uma história. *Então ela se levanta e vai até a estante, pega o relógio na mão e começa a dar corda enquanto vai falando: esse relógio aqui era do pai - e o relógio começa a tocar uma musiquinha enquanto ela continua* - esse relógio aqui era do pai, mas esse relógio só era usado o despertador dele quando a Lúcia (irmã dela) morava no Paraguai. Ela vinha e daí tinha que pegar o avião de madrugada. Então a mãe não gostava dessa música porque lembrava ela que a Lúcia ia viajar. Ele ficou parado, e não funcionava. E tudo porque ela não queria - *daí ela suspira, faz uma pausa e fala como a mãe falava: 'Bota no lixo, isso não me faz bem'* e eu disse ai mãe ele tem um estilo, eu acho. E peguei ele pra mim e ele tá aí, olha quantos anos. A Lúcia tá casada há 35 anos, 36 eu acho. Então eu fiquei com ele e ele tá aí. A mãe não gostava dessa música - *e coloca ele no lugar novamente, falando com o objeto: vê se tu pára de tocar - e o relógio continua por um bom tempo tocando a música ainda*.

Os objetos remontam histórias, ligam pessoas, tempos e lugares. O objeto que se torna patrimônio "faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, passado e presente, entre o céu e a terra, entre outras oposições" (GONÇALVES, 2007, p. 114). Aqui, além do objeto em si, o som que ele produz parece promover esta mediação.

Figura 39 Despertador que a mãe de Valéria não gostava



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ela se vira para o móvel com as fotografias, que apontou como uma das penteadeiras atuais dela, e fala:

Isso aqui eu herdei da mãe, o gosto pelas fotografias, adoro, deixo sempre aqui, eu gosto de passar por aqui, correr o olho e dar uma olhada. Isso eu herdei dela, ela me ensinou. E esse relógio de carrilhão era do pai, ele bate de 15 em 15 minutos, mas preciso mandar fazer uma limpeza nele, mas não acho mais pessoas que trabalham com este tipo de relógio, hoje em dia tudo à pilha, ou digital, ou isso ou aquilo, não existe. Encontrei em Dois Irmãos um casal de velhinhos, mas até que eu fui lá e encontrei eles de fato, eles já não enxergavam mais direito, embaralhava a visão, e não deu pra deixar lá daí. Então, não tem quem trabalhe com isso - *enquanto ela vai falando, a música do outro relógio continua a tocar*. Eu adoro ouvir, é muito bom ouvir de madrugada.

Eu falo então que tenho uma amiga em São Leopoldo que o marido é colecionador deste tipo de relógio e poderá dar alguma informação pra ela. Fico de falar com minha amiga e dar o retorno pelo whatsapp. Ela fica muito sorridente, o olho brilha.

Que bom, tomara que eu consiga arrumar ele, vou ficar muito feliz. Poder fazer uma limpeza e botar ele pra funcionar, eu agradeço porque é muito lindo. Mas eu vou te mostrar as coisas que eu carrego comigo agora - *então ela pega a bolsa e tira o rosário*.

Olha aqui o terço que a mãe deu pra mim. Eu não fiz questão de arrumar o terço, ele tá arrebitado, eu não quero arrumar ele pois esse foi o terço que me acompanhou quando eu estava internada 16 dias no hospital, quando eu tive depressão. Ele arrebitou de ficar embaixo do meu travesseiro, de ficar embaixo de mim na cama, pra lá e pra cá. Eu achei que eu ia morrer e eu não consertei ele, podia ter consertado, mas eu quero manter ele assim pra me lembrar como ele foi usado. Por isso que eu sempre carrego na minha bolsa.

A mãe que me deu quando eu fui pro hospital. Ela foi lá e me levou; ficou comigo. E esse é um guardado que eu carrego sempre. Foi há 31 anos atrás. Eu casei dia 5 de dezembro, eu troquei de emprego no dia 9 de janeiro do ano seguinte, eu perdi o pai em fevereiro daquele ano, e em dezembro daquele ano eu baixei o hospital. Foi uma série de eventos importantes na minha vida.

Valéria realizou um deslocamento de seus objetos de penteadeira aproximando-os de seu cotidiano, carregando alguns deles em sua bolsa. A necessidade deste vínculo tem uma intenção inconsciente, embora quando ela fale sobre estes objetos sua narrativa já contém a justificativa para tal.

Figura 40 O terço de Valéria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

O emprego foi uma coisa que eu deixei que eu amava fazer. - *e espicha a palavra amava*. Fui para uma empresa assim, o Nische (mesma empresa que Celina e Terezinha trabalharam) tinha um ambiente muito ruim, me sentia muito mal sabe? O Scherer era assim uma pessoa assustadora, recém eu tinha saído de lá e ele se matou. Ele era uma pessoa assim difícil, aí - *e a testa se enruga toda* - me fez muito mal, eu fiquei dois anos e meio lá. Então fui para o INSS, tive que ir lá fazer aquelas perícias horríveis. E aí numa das perícias eu pedi para o médico me dar alta porque eu queria ir pra empresa me desligar. Daí ele me deu alta, eu voltei para a empresa só me desligar porque eu não queria mais vínculo com ela.

Depois eu fui pro A. P. Müller, fiquei 9 anos, era outro lugar, maravilhoso - *e ela mexe em sua bolsa*. Eu vou ter que achar meu crucifixo - *e procura*. Estava sempre na bolsinha de couro e eu devo ter guardado em outro lugar. Vou procurar ele melhor amanhã.

Sabe, às vezes eu penso assim, né, o que é que a Cecília vai conservar do que é nosso porque o gosto dela não é igual o nosso, né. Então assim, a gente não sabe, né. É uma coisa muito pessoal. Tu sabes, eu e a mãe, a

gente tinha um gosto parecido, assim. E tem coisas que hoje, que eu faço e que eu acho que a mãe ia adorar acompanhar. Hoje eu faço patchwork, eu faço artesanato e cada peça que eu faço, que eu presenteio alguém, uma coisa assim, eu penso bah, a mãe ia adorar ver isso, porque a mãe gostava de coisas delicadas, de bordados, eu ando bordando. Já tô assim em contagem regressiva pra começar as aulas. Achei que era amanhã, mas não, é semana que vem. Então às vezes eu penso assim, bah a mãe ia achar isso aqui o máximo, quando eu termino alguma coisa assim, porque ela gostava muito. A mãe assim, gostava de guardanapos, eu tenho uma gaveta cheia de guardanapos que era dela. Nós temos o gosto parecido. A Lúcia já é bem diferente da mãe. A Lúcia é do clean, do limpo, assim sem nada de riquiffi, sem nada de enfeite, reto, aberto, branco, né. Eu já sou da madeira, gosto de madeira e a mãe também gostava. E a Lúcia não, ela é do bem aberto, pouca coisa, pouco... Então eu não sei o que a Cecília vai pegar de mim, assim de gostar. Eu gostaria muito de que ela ficasse com as minhas jainhas que eu tenho, mas eu queria que ela ficasse. Mas ela já não é muito de anel. Então, eu adoro, ela não. Não sei o que ela vai gostar do que é meu. Porque tudo que eu tenho é dela - e *sorri*.

Ao mesmo tempo em que se preocupa com a herança simbólica para a filha, Valéria reafirma constantemente o sentimento de saudade da mãe e as aproximações que hoje percebe com os gostos dela. Se antes tinham divergências e distanciamento, agora observa em si muitos detalhes que eram específicos da mãe.

Eu agradeço muito pelo dia de hoje, nosso encontro foi muito proveitoso e combino de avisar por telefone nosso próximo encontro. Ela hoje está feliz, falou e pensou em coisas boas e não tão boas, mas o saldo é positivo, dá pra perceber no sorriso dela.

14/03/2018

No dia de hoje Valéria estava me esperando já com a caixa de fotografias que ela havia guardado, e que estava em sua penteadeira antes dela ser levada para a praia. Entrei, me organizei e ela já começou a falar, ansiosa:

Eu tenho essas fotos aqui. Olha só. Uma é da minha primeira comunhão. Mas veja bem, eu passei muito trabalho pra fazer a primeira comunhão porque fiz com seis anos e não sabia ler bem ainda. Daí eu tinha que decorar, porque com essa idade, naquela época, nem se pensava em ir na escola ainda. E aí, tudo decoradinho aqui - e *aponta para a cabeça e dá risada*. Eu me lembro tão bem que ela me colocava no colo, perto do fogão e eu tinha que repetir até decorar.

A importância da fotografia é indiscutível. Nas imagens apresentadas por Valéria percebem-se eventos religiosos da metade do século passado, onde se observa o espaço, os modos de vestir, a participação na comunidade e, inclusive,

relacionando direta e indiretamente as histórias vividas por algumas das parceiras desta pesquisa.

Aqui essa foto mostra as missões em 1953, a procissão final das Missões feita no Salão Müller que era o Salão do Teobaldo Müller que era o salão que tinha ali embaixo, que era do pai da Lorne, tinha uns eucaliptos enormes na frente. Então veio de lá em direção à igreja. Isso aqui é a faixa, a RS-240 agora. Eu tava dizendo pra Noeli como o pessoal comparecia. Olha ali nessa foto, a casa do seu Albino, essa casa é onde moravam os pais dele, aqui tá o tio Oscar Müller e aqui tá o pai e tem outra foto em que ele aparece melhor. Uma coisa que me chamou atenção: os homens de terno e gravata. Então esse era um evento em que o pessoal se vestia a rigor pra ir. Olha aqui o posto do Dary, antigo, lá atrás ia para Montenegro, em chão batido. Olha o tipo dos caminhões. Essa aqui é a Zilda, irmã da Marlene Bonacina. Essa aqui eu conheço, mas não consigo me lembrar o nome - *e aponta para uma mulher na foto*. Essas aqui moravam ali perto da escola, mas eu não lembro o nome delas direito, parecia que uma era Reni. Essa aqui é irmã do Toco, ele vai adorar ver isso aqui é a Nadir Link e esse aqui é um dos tio da Suzana e da Bernadete, acho que era um dos tios, ele era muito vaidoso. Aqui tá a mãe segurando a bandeira porque a mãe era presidente do apostolado. A tia Nilza, aqui tá a Dilce Koch, a mãe do dono da agropecuária Corrêa. Aqui é o padre Pohl, a tua mãe tá mais para frente naquela foto que eu mostrei lá, é o mesmo evento, junto comigo e a Roseli - *essa última citada foi minha primeira professora, e este momento também é citado como um marco na trajetória de Lorena (12/03), que não tem fotografias dessa época. Com autorização da Valéria, vou enviar esta foto para Lorena.*

Figura 41 Missões em Rincão Cascalho²⁰



Fonte: arquivo pessoal de Valéria, 1953.

²⁰ Localidade hoje pertencente ao município de Portão, sendo que, nesta época, pertencia a São Sebastião do Caí. Atualmente, neste lugar está situada a Praça de Pedágio no entroncamento entre Portão – São Sebastião do Caí – Montenegro.

Essa foto aqui dentro da Capelinha é a única foto que eu tenho dentro da Capela antiga, onde tem o Dom Vicente Scherer, o padre Pohl e o Padre João, e aqui estou eu entregando rosas para Dom Vicente. Me olhando na foto tá a mãe e a minha professora Elzira, aquela que me levou no colo quando eu quebrei o braço. Aqui tá a Diva, da falecida Quina, ela casou com o Zé do Liceu te lembra? Morava ali perto da tia Araci, já foi demolido tudo, mas onde hoje tem o prédio do Hélio. Ali eles moravam, ela é tia da Célia, aquela que vende Boticário. Isso é do tempo da tua mãe, não do teu - *eu concordo com a cabeça*. O padre aqui ainda estava bem magrinho, depois ele ficou gordinho e essa foto aqui é de novo daquela procissão, a mãe escreveu junho, realmente, tão tudo de casação.

Esse prédio aqui é onde é o Adão hoje - ela se refere à padaria na beira da rodovia atualmente - isso aqui era um restaurante, teve muita coisa no entorno disso aqui. Isso aqui é os fundos da rua onde tem a casa da tia Edel, a casa do Luciano, aquela área ali toda. Mas me chamou a atenção a presença de tanta gente. Essa é bem mais recente, é o 20º aniversário do Apostolado da Oração. A mãe tá sentada aqui, a dona Celita, a tia Quena, a Erondina, a Vilminha que tá viva ainda e esses dias tava de aniversário, tá aí toda a mulherada, tua mãe tem que tá aqui, ela tava sempre junto com a minha. Algum lugar ela tem que tá. E ela era sempre da diretoria, então ela tem que tá na frente - e fica em cima da foto olhando - eu tenho uma lupa e acho que vou buscar ela porque tem coisas miudinhas que eu não consigo ler nem com óculos. Olha o Padre Inácio, a Leonídia. O São José. Que bonitas estavam as samambaias.

Então eu peço as fotos emprestadas para scanear. E ela prontamente me oferece.

Este aqui é aquele crucifixo que eu te falei que deve de ter quase 62 anos. Eu ganhei do padre Oscar Rhoden e eu carrego comigo ele até hoje, sempre, sempre, sempre, sempre. Esse aqui é o livrinho de madrepérola e o dourado aqui ele até já apagou oh - *e mostra com detalhe*. Eu ganhei ele em outubro de 57, ele tem dentro todos os rituais da Santa Missa, tudo com gravuras - *e vai mostrando* - aqui tem a Via Sacra e tem tudo, tudo, tudo, já está meio caindo as páginas, mas eu tenho ele guardado e isso para mim é uma relíquia. Esse aqui é o rosário que eu te falei que a mãe me deu. Foi um padre amigo nosso que foi para Itália e trouxe pra ela de lá e daí um pouco antes dela morrer, uns anos antes, ela me deu e disse: 'Eu sei que tu vai guardar'. Olha que lindo que ele é, que precioso. Tu sabe que uma vez ela disse assim pra mim: 'Quando eu morrer tu bota nas minhas mãos no caixão'. Aí passou um tempo, tempo, tempo e eu dizia pra mãe pra não falar essas bobagens Daí ela disse assim: 'Não, não bota, depois ainda vão querer roubar, vão achar que é uma joia e vão querer me desenterrar pra roubar, não bota'. E insistia - *e ela sorri*. Então isso aqui eu guardo com muito carinho e é uma coisa assim, que a coisa mais valiosa que ela tinha ela me deu. Então eu acho assim que ela me confiou. E no caso a missão pra mim é muito importante. Isso aqui é uma coisa que eu queria que a Cecília me dissesse que vai guardar de lembrança da vó dela, sabe? E ela adorava a vó dela.

A confiança depositada por sua mãe ao lhe entregar algo que lhe era muito precioso é ponto importante na aproximação entre elas. Este é um acontecimento marcante na trajetória de Valéria, pois o objeto lhe assegura a relação de afeto com sua mãe.

Este quadro aqui que eu tenho é dos dois, - *o pai e a mãe dela* - mas eles não tiraram essa foto junto, isso eu também nunca vou esquecer. Porque não dava certo nunca para reunir os dois e o pai era meio avesso à fotografia. Então essa foto era separada, era uma foto que ele tinha sozinho e ela tirou uma foto então pra fazer essa composição. Eu me lembro bem desse vestido dela - *e ela fica olhando para o quadro*. Aqui foi uma mistura de arte porque houve uma foto e já havia a foto do pai. Isso aqui, se tu olhar bem, isso aqui, eu não sei que técnica usaram aqui porque naquela época que foi feito isso não tinha Photoshop e nem ampliação eu acho, não sei também porque não tem data. Mas é uma mistura de técnicas porque na gravata do pai tu vê que é uma pintura. E aqui este clareamento - *e aponta para o vestido* - esse vestido era de seda. Aqui no cabelo tu olha, parece que houve um recorte, não sei ao certo que técnicas foram. Mas foi muito bem feito. E eu não faço a mínima ideia de quem fez, nem a data. O que é uma pena. Como eu acho ele parecido com o Frederico - *ela se refere ao fato de um dos netos, filho de sua irmã ser parecido com o avô*. O Fred agora está de bigode, então é muito parecido com o vô. Ele também está ficando com essas entradas aqui bem acentuadas - *e mostra a testa do pai no quadro*.

Figura 42 Quadro com os pais de Valéria



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Foi muito bom pra mim mexer nessas coisas. Eu tive uma bênção Sandra. Eu e a mãe, a gente brigava muito, né. Quando nova eu era muito briguenta com a mãe. Então eu tive uma bênção de resgatar essa convivência, de ter sido carinhosa com ela antes dela morrer. Então eu me sinto muito, muito à vontade hoje, não sinto, eu tenho uma paz muito grande em relação à mãe porque eu consegui me perdoar e perdoar ela também. Porque a mãe era muito mandona, a mãe era muito assim, como é que eu vou te dizer, a mãe era leonina, então a mãe era uma pessoa dominadora e daí eu não aceitava isso e a gente tinha uma relação bem complicada. Mas eu sempre digo assim, que eu tive a bênção de resgatar isso em vida pra não levar a minha vida toda essa coisa dela ter morrido e eu não ter me acertado com ela. Então eu me sinto muito bem em relação a isso. Assim, eu tinha guardado dois vestidos dela, eu dobrei os vestidos, sou eu que está desocupando a casinha, daí eu dei um roupeiro pro Dinei, ele buscou ontem, daí os vestidos estavam pendurados lá, daí eu tirei, abracei e disse: que saudade, pois ela podia ter vivido muito bem, poderia ainda estar aqui pois eu tenho tias ainda vivas, irmãs do pai, e foi tão cedo né. Mas, ela foi com 76 anos, poderia

estar agora com 88 anos e muito bem, eu tenho uma tia com 94 que tá que tá - *se referindo a energia e saúde*.

Valéria me oferece um chimarrão, eu agradeço. Ela vai lá dentro e leva o chimarrão para sua empregada. E então continua:

Chimarrão alegre a alma, levanta o astral, eu tomo chimarrão de manhã à noite. Como diz aquele ditado gauchesco lá - *e nisso os quero-quero gritam lá fora voando sobre o campo*: Se os senhores da guerra mateassem ao pé do fogo antes de lavar a erva a paz reinaria. Eu acredito nisso - *e conversamos sobre o chimarrão lavado para o meu caso, que não posso tomar*.

Voltando então, eu não me imagino hoje, como eu era assim com a mãe antigamente, como é que eu ia me sentir hoje se eu não tivesse resgatado isso com ela. O que eu me rebelava muito com ela é que eu não queria que ela mandasse, que ela impunha as coisas sabe. É típico dela, ela era mandona, mas na Lúcia ela não conseguiu mandar, a Lúcia tinha nove anos e já ia sozinha pra São Sebastião do Caí no dentista, lá no Schutz, todo mundo lá em casa era do Schutz, Dario Schutz. Com a Lúcia ela não conseguia, mas em mim ela, digamos assim, eu era mais chorona, digamos assim. E eu custei a entender essa coisa assim, talvez ela sentiu a necessidade, talvez ela me viu frágil, viu que eu precisava, não sei, mas eu não gostava de me sentir oprimida e por isso nós brigávamos muito. Mas depois, bah, eu fui muito abençoada, dela poder vir morar aqui, de tá aqui do lado, da gente conviver, de eu levar fruta na cama pra ela, de paparicar ela, assim com carinho. Pra mim foi muito importante.

Pedi a ela que me falasse um pouco sobre a questão da escolha da profissão, pois ela afirma muito sobre a importância disso na vida dela. E ela então foi falando:

Bah, no começo eu não sabia assim o que eu queria, mas eu sabia muito bem o que eu não queria. Eu não queria cuidar de casa, não gosto e não faço até hoje. O meu negócio era papel. Eu amo o cheiro do papel. Eu cheiro papel e tem gente que ri de mim e diz assim: 'papel não tem cheiro'. Tem cheiro sim. E é um cheiro muito bom - *e ela ergue o volume de voz* - livro novo pra mim é perfume, sabe? Eu gosto muito do cheiro dos livros. Então eu sabia que eu ia trabalhar na área do papel, mas eu não sabia bem no quê. Daí eu fui fazer secretariado. Porque naquele tempo era assim, primário, o ginásio porque daí a gente saiu daqui e foi estudar na Scharlau e eu terminei o ginásio no Portão, porque daí já tinha noturno ali e depois tinha o profissionalizante que a gente fazia. Daí eu fui fazer secretariado no Instituto Rio Branco, em São Leopoldo. Lá eu conheci o Fernando que foi um namorado bem importante que eu tive, mas isso foi depois de eu ter me separado. Eu fiz o ginásio e casei. Com 19 anos eu casei com o Claudinho. Fiquei casada com ele quatro anos e foi muito - *e dá risada*. Daí me separei, voltei a estudar e fui trabalhar em São Leopoldo, na Loja Lang, não existe mais. Foi meu primeiro emprego e eu fiquei lá três anos. Então, fazendo o Secretariado conheci o Fernando, namoramos, não casamos porque ele tinha uma filha e aí começou a dar problema e a mãe - *e ela acentua bem a palavra e repete* - a mãe não gostou dele. E a mãe ficava dizendo: 'Valéria pensa bem, ele tem uma filha'. Ela tinha treze anos na época e ela era pra morar conosco. 'Valéria pensa bem, tu tem uma vida boa, faz o que quer, sai quando quer, essa menina vai te infernizar a vida e blá, blá, blá' e tanto foi que eu comecei a observar com outros olhos as coisas, eu namorei com ele por cinco anos, e eu vi que ela tinha razão. Daí eu terminei com ele, mas foi assim uma decisão muito dolorida e por causa desse namorado, ele estudava no São Luís e fazia Administração no São Luís, eu mudei pra

Contabilidade no São Luís, pra estudar no mesmo colégio que ele e me achei na Contabilidade. Me formei lá e trabalhei na área depois, né, e trabalhando com papel que era o que eu gostava. Depois da Lang, a minha tia Nizia abriu uma loja em Montenegro que era a Mokinha, uma boutique e ela me chamou para gerenciar essa boutique, fiquei um ano e pouco lá. Aí o vô Puvi morreu. Aí a vô, eu era muito puxa da vô Zita né, a vô dizia que eu tinha que voltar, onde já se viu, porque eu tava morando em Montenegro com a Rose, minha prima, que fazia Nutrição na Unisinos, que hoje é doutora e leciona no Paraná. Daí eu acabei voltando pra casa e voltei pra Lang, onde fui promovida e me colocaram no segundo andar. Ah, não gostei, era fechado, tinha umas janelas pequenas, com móveis muito escuros, muito antigos, era um ambiente assim, não era lidar com o povo, com aquele colorido da loja lá embaixo, sabe? Ah, fiquei um ano e pouco e pedi demissão. E daí eu fui pro Unibanco, naquela época se fazia concurso pra banco particular, eu fiz o concurso e passei em primeiro lugar até. Só que eu achei que eu não ia passar e fui pra praia, lá pra tia Hilda, muito bela e fagueira. A Lúcia trabalhava no Unibanco. Mas a comunicação na época era difícil, eu fiquei lá e não vinha, não vinha e não sei quem foi pra lá e disse: olha, teu pai e tua mãe tão doido contigo, tu passou, tua vaga tá lá te esperando e tu tá aí atirada na praia e não vai trabalhar. Bah, mas eu vim que era um risco né. O pai e a mãe brabo né, pensa bem, vim que era um risco. Eu não me lembro como eu vim, eu acho que eu vim de carona, eu já dirigia, mas não tava de carro.

Valéria demonstra a maneira como necessitava se justificar para os pais, mesmo depois de ter sido casada e estar separada, pois morava na mesma residência e, ao que parece, isso era um dos motivos para esta obrigatoriedade. Sobre o novo trabalho, o contentamento era enorme, afinal, na região do Vale do Rio dos Sinos, no final do século XX, uma pesquisa coordenada por Strey (1997) apontou que a maioria das pessoas afirmava ainda que o lugar da mulher era em casa. E isso era tudo que Valéria não queria para ela.

Eu tirei carteira de motorista, aqui em Portão não tinha nada, eu tirei em São Leopoldo, o pai não me deu o carro pra fazer exame de direção, ele dizia que eu não ia passar. Daí eu paguei um carro porque eu pensei, eu vou provar pra ele que eu tiro. Nunca me esqueço, o carro que eu paguei era um 'fuquinha' laranja, eu não sei quanto custou na época, mas eu fiz. Eu consegui a carteira, eu chorei pro delegado que eu morava no Portão e eu não tinha como voltar, ele assinou no mesmo dia. Eu vim pra casa, eu nunca vou esquecer, daí eu entrei em casa e eles estavam sentados à mesa. Eu peguei a carteira e fiz assim - *ela mostra o movimento com o braço como se estivesse jogando algo* - pro lado do pai com a carteira. A mãe tinha uma toalha lisa assim e a carteira foi rodopiando assim e parou no prato do pai. Daí ele olhou pra carteira, pegou na mão assim e fez um ar assim, um sorriso de orgulho, que eu tinha conseguido tirar a carteira e ele não tinha precisado pagar nada. Ele sempre dizia: 'carteira pra ti eu vou ter que comprar, tu não vai conseguir tirar'. Mas aquele sorriso dele eu nunca vou esquecer. Eu vi que ele ficou orgulhoso que eu consegui, e eu sempre dizia pra mãe isso. Mas daí pra conseguir o carro com ele, eram outros - e *espicha esse outros* - quinhentos. Ele não dava. Eu sempre dizia pra mãe que o dia que eu ia me sentir mais realizada ia ser o dia que o pai me entregasse a chave do carro e dissesse assim: 'dirige pra mim'. Eu esperei bastante tempo, mas aconteceu, ele fez. Mas sempre assim, aquela coisa, sempre o homem mais em cima e a mulher mais embaixo. desde o meu avô, tudo assim. A gente percebe isso muito claramente, assim oh, não

existia mágoa nenhuma, mas o tio Ari ganhou o açougue, a mãe só ganhou as terras, né. O tio Ari ganhava, por exemplo, junta de boi, ou naquele tempo uma carreta nova era como um carro hoje. A mãe não ganhava o equivalente. Não há mágoa sobre isso, nem dela havia. Mas existia essa coisa do filho homem. E o meu pai também tinha isso.

Os estereótipos da inferioridade da mulher em relação ao homem e de sua fragilidade “limitam as possibilidades de desenvolvimento pessoal ou grupal” (STREY, 1997, p. 86). Além disso, a ideia era de que a mulher que assumisse algum papel considerado basicamente masculino deveria adotar tal postura, pois o homem é o detentor da razão, aquele que age com o cérebro (Priore, 2013).

Bem, daí fiquei oito anos no Unibanco, quase nove. Aí eu conheci o Mauro, a gente casou e o chalé que tinha aqui o pai emprestou dinheiro pra nós fazer. E aí o pai ficou doente, o pai tava morrendo, o dinheiro tava indo assim - *e ela movimentava as mãos em direção ao chão* - Nossa Senhora, que horror foi aquilo, a partir de lá que a gente começou a ter plano de saúde, e eu devia esse dinheiro e eu não sabia da onde tirar, como pagar, tu vê de um chalé naquela época, há trinta anos atrás. A única maneira que eu achei foi saindo do Unibanco, eu tinha um bom cargo, ganhava bem. A minha rescisão e o fundo de garantia daria para pagar o que eu devia. Aí eu falei com o Valdecir que era meu chefe imediato na época. Eu disse, eu quero que tu me bote pra rua, ‘não’ disse ele, mas eu preciso falei pra ele. Daí eu contei pra ele porquê. E ele me demitiu, me botou pra rua, eu recebi o dinheiro, o pai nem soube que eu paguei ele. Eu casei dia 5 de dezembro de 1986, dia 9 de janeiro eu sai do Unibanco e dia 23 de fevereiro o pai morreu. O pai nem ficou sabendo que eu paguei ele porque o dinheiro assim como entrou na conta foi pra pagar aqueles nove dias que ele ficou na UTI, lá no Mãe de Deus em Porto Alegre, que foi assim um absurdo de dinheiro que custou aquilo. Foi tudo, mas eu saldei a dívida, né, só que eu me arrependi muito porque eu ambicionava um cargo dentro do banco, eu trabalhei pra isso, e quando o gerente, o seu Elói, que hoje já é falecido, veio me fazer a visita de pêsames aqui em casa, ele me disse que eu tinha sido indicada pra aquele cargo que eu ambicionava. Aí mesmo que eu me descabelei. Aí eu tentei voltar, fui até na Superintendência. Tentei voltar, mas, seu Nestor Braiman era nosso superintendente na época e ele me disse uma coisa assim que me ajudou a me conformar um pouco porque eu fiquei assim inconformada. Ele me disse assim, da mesma forma que tu conhece o sistema, da mesma forma que tu foi preparada pra chegar onde tu chegou, cada agência tá preparando um ex colega teu pra assumir a função. Então isso ficou dentro da minha cabeça, mas aí se fizessem isso pra mim eu não ia gostar. Aí eu me conformei, fui pro A. P. Müller e lá também fiquei oito, nove anos e quando dividiram o A. P. Müller no meio eu fiquei no lado que eu não queria ficar, fiquei mais seis meses e pedi demissão. Eu fiquei um tempo parada porque a gente adotou a Cecília, neste período. Então eu fiquei em casa com ela porque era uma situação totalmente diferente, né, ela tinha um ano e quatro meses. Então eu fiquei com ela um tempo. Depois trabalhei no escritório de contabilidade do Luciano, ali em cima, e aí me aposentei. Eu queria ter um tempo livre, em não queria cumprir horário mais.

Aí o Ricardo Rigon, da Déti - *ex prefeita* - estava montando o grupo de juízes de pequenas causas, aí eu liguei pra ele e ele logo me recebeu muito bem. Então fiz o curso de preparação, teve a formatura na Sociedade. Eu abri a Seccional Portão e fiquei nove anos ali. O curso era bem caro na época, financeiramente, eu vou te dizer, paguei o curso e de vez em quando dava pra botar uma gasolina. Muitos meses eu tive que tirar dinheiro do

bolso pra comprar coisas, pagar luz, telefone e água. O Mauro dizia: 'Onde já se viu, tu tá pagando pra trabalhar e ainda me traz serviço pra casa'. Além do envolvimento, sabe. Tinha que ter muito cuidado até no vestir - e *ela salienta bem a palavra vestir* - a gente era bem cobrado por Porto Alegre pra ter uma conduta assim, até no se apresentar, o Dr. Pakov dizia sempre assim: 'Eu nunca quero ouvir dizer que um juiz mediador deu um vexame num baile, bêbado. Eu não quero que chegue a mim nada assim, o cara da seccional tal tava bêbado num baile, ou outra coisa do tipo, envolvido em discussões, não quero ouvir isso'. Então a gente era muito cobrado quanto à postura o tempo todo. Aquilo ali eu adorava fazer. Adorava. Era muito bom ver as pessoas entrar na sala de audiência, cada um com a cara virada prum lado, brabos, e depois darem as mãos, que a gente fazia na hora do acordo final ao sair dali, daí a gente fazia a sentença, encaminhava, isso eu gostava. Foi uma pena que no Portão não vingou isso porque eu acredito na mediação, eu acho que é o caminho pra resolver as pendências, pra não entupir o judiciário com coisas pequenas, né, deixar o judiciário com as causas grandes. Tem um grupo de juízes de pequenas causas de Estância Velha que tá querendo se estabelecer em Portão. Entraram em contato comigo, queriam que eu voltasse e eu disse que não, que não tenho mais vontade, até pro Dr. Pakov, já fiz a minha parte, não tenho menor interesse de voltar. 'Ah mas dar uma palestra a senhora poderia ir, numa das reuniões de formação de juízes'. Até posso falar da minha experiência, o meu relato sobre as coisas que eu vivi nesta profissão, com o Rogério, com o Gilberto. Nunca me esqueço o dia que o Ricardo morreu. O dia não tinha amanhecido ainda, o Gilberto me ligou e eu atendi e não reconheci a voz dele porque ele tava tão alterado e ele só dizia: 'Valéria o Ricardo morreu, Valéria!' Nossa, foi muito jovem aquele cara, aquilo foi um absurdo assim. Mas foram nove anos muito bons assim, eu gostava muito. E volta pra aquela história do papel. Era só o que tinha ali, papel. Eu gosto de arquivar, de mexer, do cheiro, adorava o papel. E até hoje eu não gosto de cuidar de casa, eu não gosto. Faço porque tem que fazer, mas assim. E se eu não tô a fim, eu sempre digo pro Mauro, eu considero uma violação, é me violentar fazendo uma coisa que eu não gosto, não faço, não faço mesmo. Se tá muito ruim, olha, só me incomoda quando não tá feito. E se me incomoda muito eu fecho a porta e saio. Eu saio sozinha ou saio com o Mauro, se ele vai pra Nova Hartz eu tô junto, eu adoro ir pra lá, é muito bonito lá, a estrada, sinuosa assim, as paisagens, o campo, então Nova Hartz eu vou sempre junto. O Mauro liga e diz: 'Tô indo pra tal lugar, quer ir junto? Faz um chimarrão'. Eu olho em volta assim oh, e não penso duas vezes, eu enfio uma roupa, ou passo uma água no couro que nem eu digo né, peço um tempo, e vou com ele. Aí dirijo, que eu adoro dirigir, ele enche o chimarrão e nós vamos. E é tão bom, a gente vai falando sobre nossas coisas, sobre a Cecília.

Valéria nunca gostou do trabalho doméstico e sempre afirmou isso com naturalidade, desde jovem, afinal não entende que este trabalho seja uma exclusividade da mulher. Ainda hoje há muitas críticas a respeito disso em diversas instâncias.

Os tempos são outros, mas, para as mulheres, parece que, junto com os novos tempos, permaneceram os velhos, lado a lado, um constantemente interferindo no outro. Fazer um prognóstico do andamento das transformações sociais é difícil, pois mudanças mais profundas exigiriam mudanças estruturais da sociedade também em termos profundos, e vemos que isso é difícil de acontecer. Em todo caso, o mundo está lentamente se transformando. Esperamos que essas transformações sejam de cunho positivo para as mulheres (STREY, 1997, p. 93).

E Valéria continua relatando sua trajetória profissional, relacionando-a a sua vida pessoal. É necessário que se pense nestas relações.

A Cecília foi um presente pra nós. Deus mandou ela nascer lá em Garruchos e todo percurso do jeito que foi se dando, nós temos certeza de que ela nasceu pra nós.

Ontem eu achei umas fotos do dia 10 de novembro de 1995, no dia em que eu peguei ela no colo a primeira vez e aí eu tava mostrando pra ela. Daí eu disse, filha tu quer guardar com as tuas coisas ou quer que a mãe guarde aqui? 'Não, pode deixar aí', ela disse. Eu achei também a carteira de vacina dela, a de lá. Porque quando chegou aqui eu peguei a carteira de vacina de lá, tava meio sujinha, e eu fui no Posto de Saúde e pedi pra fazer uma nova, com o nome dela, o novo, porque eu troquei o nome dela na adoção. Daí mostrei pra ela tudo, foi copiado os dados, o apgar, as medidas, peso, tudo. Mostrei pra ela e disse aqui tá o nome do teu pai, que eu nunca sabia o nome dele, ela olhou, olhou tudo de novo, as fotos. Daí eu perguntei se ela queria guardar e ela pediu pra eu guardar tudo comigo. Ela tem isso tudo bem resolvido. Tu sabes que a mãe biológica dela achou ela no face e mandou convite. E ela não quis. Eu disse, olha tu fica bem à vontade, tu que sabe. A mãe, nem o pai, ninguém aqui vai ficar chateado se tu resolver adicionar, não tem problema nenhum. Ela tem uma irmã que é a cara dela, muito mais parecida do que aquela da São Jorge - *localidade* - que é a mais parecida com ela das cinco que vieram, ela mora agora em Novo Hamburgo. Eu disse, fica à vontade e ela disse: 'Não, eu tenho pai e mãe que são vocês e não tenho interesse'. Eu disse que ela é quem sabe. A gente tem um diálogo bem aberto, muito bem resolvido. A Cecília nos faz muito bem. Esse toco de gente - e *sorri radiante*.

Encerramos nossa conversa hoje, bem animadas. Trocamos um abraço e fico de marcar pelo whats o próximo encontro. E ela ficou sorridente ao me dar tiau.

Figura 43 Valéria em sua casa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

19/04/2018

Hoje fui à casa de Valéria para finalizarmos nossos encontros. Falamos sobre as narrativas e as imagens, e ela autorizou o uso de tudo que eu mostrei à ela. Pedi então para que ela falasse sobre quem é esta mulher Valéria, na atualidade. Valéria suspirou, deu um leve sorriso e foi falando:

Eu me gosto muito mais hoje do que há anos atrás, até quando eu era mais nova. Hoje eu vivo muito melhor, claro, tirando essas coisinhas, essas dores, essas coisas, isso faz parte da idade, não adianta. Hoje eu sou uma pessoa melhor e vivo melhor do que quando eu tinha 30, 30 e poucos anos. Eu acho assim, tu dá mais importância a coisas que têm mais essência. Eu me gosto mais assim hoje. Eu vejo assim, que eu valorizo coisas que, quando eu tinha 30 e poucos anos, passava batido. Era muita festa, era acampar, era rodada de cerveja com o pessoal do Banco, aquele oba oba assim. Claro, era da época, aquilo foi importante, eu vivi bem, foi bom. Mas hoje tem mais qualidade, tudo assim, na relação com a família, na relação com os amigos. Acho que vem também daquela coisa assim de tu escolher com quem tu vais dividir as tuas coisas. Eu acho que isso é muito importante. Então, eu me gosto e acho a vida melhor hoje. Eu vou usar uma palavra meia forte, mas eu me sinto plena. Claro, eu tenho sonhos e não poderia deixar de ter porque se tu deixa de sonhar né... então eu tenho sonhos, eu quero ser vó, eu quero ver minha filha formada, é meu maior sonho ver a Cecília togada e eu quero viver muito. Eu sempre digo pro Mauro (seu esposo) que eu ainda tenho muita coisa pra fazer e tenho muita coisa pra ver. Eu me defino assim: eu vivo de bem com a vida e com olhos ainda lá no horizonte.

Então, agradei pelo espaço e pela abertura que tive por parte dela, nos abraçamos e ficou, inclusive, uma sensação de desejo mútuo em continuar com as conversas. Foi muito bom ter estado com ela.

6. VIAGENS: DOS LIVROS ÀS RODOVIAS, É PRECISO SE AVENTURAR

07/02/2018

Por acaso encontrei Eoní hoje, no mercado. Nos cumprimentamos, pois fomos colegas de trabalho em uma escola há algum tempo atrás. Falei rapidamente e pedi se poderia ir até a casa dela para conversarmos. Ela disse que depois que voltasse da praia. Então combinei de marcar dia e hora certa pelo messenger. Fiquei vibrando de alegria por ter encontrado ela. Espero que ela aceite meu convite.

22/02/2018

Hoje é dia de visitar Eoní, combinado anteriormente pelo messenger. Visita rápida, mas suficiente para uma reaproximação e a explicação sobre a pesquisa. Reaproximação porque nós trabalhamos juntas há alguns anos atrás, e faz tempo que não nos vemos e conversamos.

Esta tarde estava muito quente e com movimento na avenida onde ela mora. Parei o carro embaixo de uma árvore um pouco mais a frente de sua casa e, ao descer do carro, já avistei ela em frente a sua casa, de cor verde e com muito verde ao redor. Ela abriu o portão, nos cumprimentamos e ela me convidou para entrar e sentar.

Ela quis saber o que eu estava fazendo depois de aposentada. Então expliquei sobre o Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e a pesquisa, também falando sobre a possibilidade dela participar e o modo como ocorreria nossos encontros e registros. Então, Eoní concordou em fazer parte deste trabalho. Marcamos nosso próximo encontro no dia 08/03 pela manhã porque fica melhor pra ela. A gente se despediu e saí pensando que agora só falta mais uma confirmar para que eu tenha a quantia de mulheres que havia projetado.

08/03/2018

Como combinado, chego à residência de Eoní, na parte da manhã pois ela havia pedido. Um de seus gatinhos está se aquecendo ao sol.

Figura 44 Casa de Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ela me recebeu com muito carinho e fomos para sua sala. Ali organizo meus instrumentos de pesquisa e começamos a conversar. Pedi que ela começasse a contar sobre sua vida, o que ela tivesse vontade de falar, assim ela logo iria relaxar e se acostumar com o gravador e as fotos que fui fazendo. Então ela começou:

Eu nasci no dia 05 de novembro de 1945 e fui batizada em março e ali consta a data de 05 de novembro na lembrança de batismo. Meu pai demorou a me registrar e quando ele foi me registrar não sei se passava um mês ou dois meses e tinha uma multa, aí ele fez assim, me registrou como se meu nascimento fosse no dia 10. Não sei bem o porquê da demora, mas daí não dava a tal multa. Foi uma sugestão do escrivão ou de alguém que estava ali por perto. Então eu tenho duas datas: a data de nascimento e a data oficial do registro. Até eu, quando tenho que responder sobre meu aniversário tenho que dar uma paradinha e pensar. Mas eu só sei comemorar no dia 5. Às vezes num lugar assim, eu apresento meu documento, alguém me dá os parabéns, eu agradeço, mas pra mim aquilo soa estranho.

Assim também, quando penso na minha vida, tem também os dois lados, tem altos e baixos. Olha, a gente que é mãe, quase sempre os momentos mais marcantes são relacionados aos filhos né? Um momento muito marcante na minha vida, que me emocionou muito - e a voz dela fica embargada - foi a formatura do Cassiano - e ela aponta para a fotografia na mesa de canto. Já vai fazer três anos, mas foi nesta semana que ele, não sei o que que deu, mandou fazer um quadrinho e me trouxe.

Ele, quando era novo, começou a faculdade, parou. E o Juliano também. E eu sempre falava: Vamos estudar Cassiano. Até que um dia ele chegou e disse: 'Mãe, passei no vestibular e vou estudar na Feevale'. E se formou. Eu disse pra ele, pra mim foi um momento de orgulho e de emoção - e se mostra emocionada. Isso me marcou bastante. Ele se formou em Logística.

Um outro momento muito especial pra mim foi no ano passado, com o Juliano. Ele tem uma banda e conseguiu lançar um CD oficial lá em Porto Alegre. Nós fomos e estava muito bom. Foi muito bonito o lançamento, porque ele gosta muito de música e ele é assim tipo Sandra, ele trabalhou quase dois anos neste CD, na escolha das músicas, na preparação, no

clipe. O som pra ele tem que ser perfeito - e *separa as sílabas para dar ênfase na palavra per-fei-to*. Alugou estúdio, reservou fotógrafo para as fotos antes e no lançamento. Então, aquele momento ele disse assim, que foi como ganhar um filho, uma realização, foi muito emocionante, sem dúvida.

Outro momento emocionante foi agora no final do ano: nós fizemos um Cruzeiro, que era um sonho e foi um momento muito lindo. O Cruzeiro foi diferente de tudo, já fiz muitos passeios, mas este foi especial. Nós fomos ao Panamá, era um sonho do Bruno - *seu marido* - conhecer o Canal do Panamá, as eclusas, ver o funcionamento todo, que tu só entende estando lá e vendo, o que é uma obra de engenharia né. E que custou muitas vidas também, né. É algo fabuloso aquilo lá. E a cidade do Panamá é uma cidade de primeiro mundo. Tu te sente num outro mundo. Já fui a Portugal, pela Europa, mas não se compara. A viagem de navio também, tudo diferente, eles te envolvem que tu nunca pára. São oito dias no navio e tu não percebe. Meu primo disse: 'Deus me livre, pode afundar a qualquer momento'. Mas foi assim, fabuloso. E aí fizemos a rota pelas ilhas do Caribe, né. Praias maravilhosas, deu tudo certo e foi lindo.

Quando falei para ela sobre objetos guardados, que passam de geração em geração, ela ficou entusiasmada e disse:

Tenho objetos sim, tenho vários até. Aqui em casa, além dos que eu tenho de herança, o que eu não fico, o Cassiano guarda - *ela dá risada, levanta e vai em direção a outra peça que parece ser a cozinha pois vejo só uma parte, e continua falando*: olha esta licoreira, minha mãe disse que ela ganhou de casamento. O casamento dela foi em 1930, também tem dois copinhos. Ela fazia licores e colocava na licoreira. E tinha muito orgulho de oferecer licor nela. Esta eu guardo com muito carinho, aqui na minha cozinha.

Eu fico escutando os passos dela e barulhos de objetos. Então ela volta e mostra:

Eu tenho esta manteigueira que era da minha - *nisso o telefone toca e o marido dela entra na sala para atender, eu o cumprimento e ela continua a falar*. Esta aqui é do casamento da minha sogra e pelo jeito faziam bastante manteiga. Ela é bem antiga, deixa eu ver - *e fica pensando* - minha cunhada tem 74, a manteigueira tem 75 anos.

Então eu pergunto se ela costuma usar estes objetos e ela me fala:

Estes objetos assim eu deixo mais pra decoração, mas eu deixo no lugar onde estaria se estivesse sendo usado. Manteiga a gente não está mais usando e licorzinho, quando a gente faz já não costuma mais colocar na licoreira - *e leva os objetos para o lugar novamente, após eu fotografar*.

Figura 45 Licoreira e manteigueira de Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

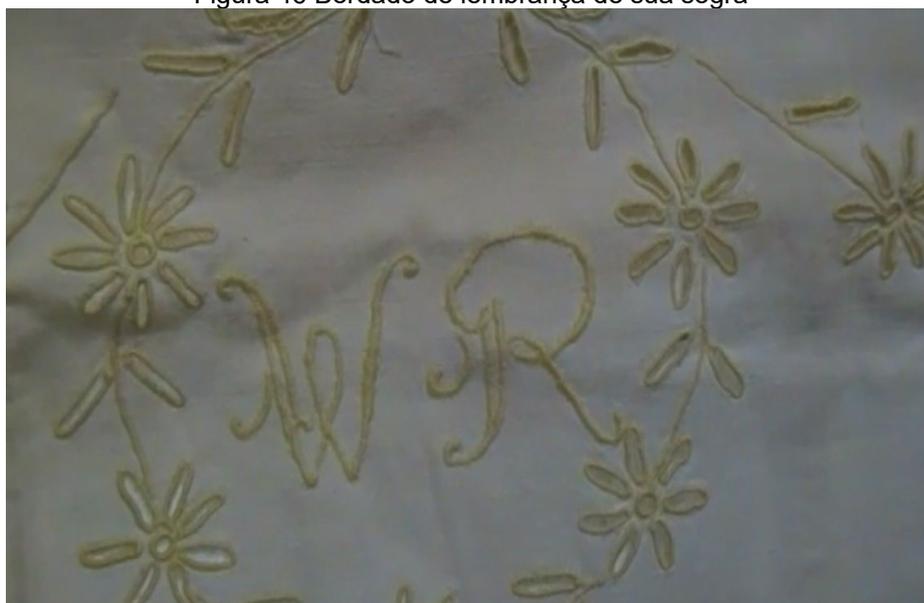
Em seguida ela me convida para ir até outra peça onde vai me mostrar mais alguns objetos.

Olha aqui, da minha mãe eu tenho uma caixinha de fotografias - ela mostra uma caixinha com trabalho em baixo relevo. Aqui tem foto do compadre Jorge, do meu pai a cavalo, tem a foto da tia, irmã da minha mãe, tem meu pai com os netos lá em Fazenda das Palmas, ele ficava feliz, ia pegar o cavalo só pros netos dar uma voltinha. Então eu guardo com carinho esta caixinha, né.

Nesta pequena sala há muitos objetos, um santuário onde há imagens de santos diversos, vindos de Aparecida e Ouro Preto, entre outros lugares. É um espaço que eles utilizam para leitura. Ela então me mostra um relógio de parede antigo.

O Bruno (esposo) gosta de fazer a limpeza dos relógios para que funcionem sempre bem. Eu gosto é de fazer meus artesanatos. Mas eu já fazia mais antes. Gosto de crochê, costura, bordado, tricô, eu fazia pintura de agulha também - *então ela me mostra a toalhinha que estava sobre uma mesa e diz*: Isso aqui era da minha mãe, foi a vó Erna que fez quando ela já tava com 80 anos. Ponto cruz e borda em crochê. E esses guardanapos - *ela abre a gaveta da salinha* - esses fui eu que fiz, tenho os cinco, costumava colocar na penteadeira sempre estes, agora troco às vezes. *Da gaveta ela também tira capas de travesseiro bordados*. Este aqui era da minha sogra. Tem as iniciais dos nomes deles, um monograma, olha só que delicado. Isto aqui deve de ter mais de 75 anos porque era do enxoval dela. As noivas se preparavam já com o nome do noivo. Eu guardei assim, como uma lembrança mesmo.

Figura 46 Bordado de lembrança de sua sogra



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Tu queres ver uma toalhinha que eu bordei? - *claro, afirmo animadamente, e ela vai buscar*. Hoje eu já não sou muito das artes, mas alguma coisinha a gente faz. Isso aqui é um paninho antigo, tá até amarelado. Esses bordadinhos são ponto de correntinha. Imagina, estudando em internato de irmãs, se não ia bordar, fazer tricô, crochê. Eu fazia mais tricô do que crochê, mas igual tinha que aprender e fazer de tudo no internato. Eu estudei no internato em Nova Bréscia e depois no Colégio Normal São José, em São Leopoldo. Todos dois de irmãs, e tinha trabalhos manuais e artes aplicadas naquela época, tinha que fazer de tudo e valia nota. Este aqui eu bordei - *e mostra uma toalhinha* - este é chamada pintura de agulha, que tu borda com ponto, tecendo as cores, tem que seguir o fio. E a irmã ainda examinava, ai se tivesse um tortinho.

Nos colégios internos, as meninas eram obrigadas a aprender todo tipo de trabalho manual, nem que não tivessem gosto ou habilidade para tal. Este era um requisito muito importante para as moças deste período, denotando assim, a força da igreja sobre a mulher. "A orientação religiosa definia regras para as famílias e definia o papel da mulher, funcionando, também, como um elemento aglutinador diante da sociedade, reforçando ideais de indivíduos e de famílias" (PAIVA, 2006, p. 226).

Figura 47 Toalhinha bordada por Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Quando eu casei eu tinha 25 anos, já tinha feito magistério, eu morava no interior e daí vim morar na Estação. Eu morei em vários lugares, até que compramos o terreno aqui e cá estamos. Esta mesa aqui também era da minha sogra, eu só colocava ela em uso quando chegava alguém que iria tomar uma cervejinha, comer uns salgadinhos. Um dia uma prima minha me perguntou: 'Mas por que tu não coloca esta mesa na tua sala, ela é muito mais bonita do que aquela lá de vidro?' Aí botei e ela ficou.

Uma coisa que eu tenho que é meu tesouro é meu anel de formatura - e *ela busca o anel no seu quarto e o apresenta dentro da caixinha*. Este anel aqui eu ganhei em 71, ele tem 47 anos, eu ganhei do Bruno - e *então ela coloca em seu dedo e me mostra*. Nós éramos noivos. Esta formatura foi de segundo grau porque eu já era formada no normal rural. Quando da minha primeira formatura meu pai me deu um anel e eu perdi. Depois eu descobri que eu não perdi, roubaram. Porque a pessoa ofereceu o anel a outra. Ah, eu fiquei muito sentida quando perdi, procurei, procurei, procurei e chorei muito. Daí quando eu o Bruno estávamos namorando ele disse que ia me dar outro. Ele é um anel de normalista mesmo, não de faculdade, mas representa a minha história na educação. Eu gosto de usar ele, mas não uso mais, assim no dia a dia, porque tenho medo de ser roubada de novo. Sabe, que foi uma guria que trabalhava na minha casa, depois ela ofereceu o anel e as pessoas vieram me contar. E ela me ajudou a procurar lá em casa, sabe? Aí que eu fiquei mais sentida ainda pois ela era uma pessoa que eu tinha assim como de confiança.

Neste caso, o objeto não está mais presente em sua estrutura física, mas está vivo nas memórias de Eoní de tal modo que surge em sua narrativa com riqueza de detalhes. Gonçalves (2007) lembra que os objetos são tidos como continuidade para

aqueles aos quais pertenceram, mesmo quando já se perderam de alguma forma ou de outra.

Figura 48 Anel de formatura de Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Eu então agradeço por ela ter me acolhido neste dia e combinamos que irei retornar outro momento, mas falaremos antes pelo messenger. Abraço ela com muita gratidão, vou até a garagem e me despeço do Bruno, seu esposo e saio pelo portão de entrada. À tarde tenho outra ‘parceira’ me esperando.

27/03/2018

Cheguei à casa de Eoní um pouquinho antes do horário que havíamos combinado, mas ela veio logo me atender. Pedi desculpas por ter chegado dez minutos antes do horário e ela riu dizendo: “Prefiro que chegue antes do que me deixe esperando, olhando toda hora pro portão”.

Passamos para o interior da casa, me organizei e fui logo falando sobre o móvel penteadeira, perguntando se ela tem e se pode me mostrar. Ela sorriu positivamente e eu fiquei radiante, eu acho. O que eu não poderia esperar é que ela tivesse “duas” penteadeiras. Ela então me convidou para ir para o quarto dela, que foi na frente, pegou um objeto no quarto e mostrou no corredor:

Eu tenho um porta joia que era da minha mãe e os colarzinhos de pérola que eram dela ainda - e sorri olhando para o vidro transparente. Ela adorava estes colarzinhos de pérola. Eu deixo pra eles ficar brilhando assim - e ela devolve ao lugar e vai se dirigindo para outra peça.

Daí eu pergunto, mas e a tua penteadeira? Ela diz:

Está na outra peça - *mas eu indago sobre aquela do quarto dela, no que ela volta e diz*: Eu chamo esta de cômoda, ela é mais recente. Eu tenho bastante objetos. Aquele lá - *e aponta para uma escultura de madeira* - eu ganhei do falecido Elói Besson - *ex-prefeito* - nas antiguidades dele ele tinha e eu achei interessante e ele me deu. Eu já tinha aquele que o Juliano me deu, que tinha trazido de Ouro Preto - *igual* - mas como ele quis me dar eu não tive como recusar. Ah eu tenho este crucifixo antigo, que é do meu casamento - *e mostra na parede do quarto* - que permanece ali.

Figura 49 Crucifixo de parede



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Estes dias nós estávamos indo para, como é que é, Vila Flores, e encontramos um lugar com coisas antigas assim como essas que tu está falando, das recordações de família, é toda decorada a entrada da pousada, tinham várias coisas, das famílias, sabe. Bom, daí tinha um assim. Bem, eu sou bem antiga porque eu ainda tenho ele. Tinha capelinhas, assim como as de Nossa Senhora, mas mais antigas, decoradinhas, então eles colocam pra decorar, crucifixos maiores, menores. Mas aqui tenho as coisas que mais uso agora - *e mostra a penteadeira mais nova*. Esta penteadeira aqui eu quis porque eu sempre gostei de penteadeira com espelho grande no quarto. Até que um dia eu achei e gostei desta, aí nós compramos. Também é boa pra guardar joias, bugigangas. Eu tenho estas coisinhas de cerâmica que eu ganhei de uma amiga do Uruguai, eu não sabia o que ia fazer com eles e comecei a colocar minhas coisas. Nesta penteadeira eu guardo as minhas próprias joias que eu ganhei ainda em solteira e eu tenho um vínculo assim com elas, fazem parte da minha vida, né. Tem pequenos objetos de devoção, perfume, a caixinha de música, a caixinha feita por uma amiga, ela me deu para joias, mas eu boto cremes, o porta joias da minha

mãe com os colares de pérola dela ainda, este pó de arroz que era comum na minha época e eu continuo usando todo dia. Ele era mais fininho antes, hoje é mais compacto. É uma das poucas coisas que eu uso, um batonzinho e o pó de arroz, que minha vaidade exige, um pouco de maquiagem. Meu ursinho que eu ganhei do Bruno que tá quase na hora de passar adiante. Até não faz muito tempo que ele me deu, em comparação com a caixa de música, faz uns oito, dez anos - e *sorri*. Ele apareceu com um ursinho, ele gosta muito de dar presente, essas coisas - e *suspira*. Penteadeira, sempre usei e ainda continuo usando. guardo alguns objetos de valor pessoal, esmalte, batom, coisas assim né, umas joias e elas fazem parte da vida.

E como relíquia que faz parte de sua história, o objeto se torna mito. E, para preservar este de uma realidade estática, o discurso se torna de foro íntimo sendo que “o objeto mitológico não é mais um discurso para os outros mas para si mesmo” (GONÇALVES, 2007, p. 88).

Olha o livro que eu tô lendo agora, O Caminho de Massada, a Saga. Trata dos primeiros cristãos, escavações que encontraram, pergaminhos. Ele é um livro em duas etapas: uma fala dos primeiros cristãos e a outra fala dos atuais, de Israel, Jerusalém, disputando este pergaminho de Massada, fazendo escavações. Ele é tipo O Tempo e o Vento, tem que ler uma parte e depois a outra porque elas vão se entrelaçando no livro, mas pra ti entender tu tem que ler separado, ele é muito bom, a Odete Scherer que me emprestou, a gente vai trocando os livros e comenta, é muito bom.. Por isso é importante a gente manter vínculo com as pessoas, a gente se sente viva.

Figura 50 Objetos na penteadeira mais recente de Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Aqui no quarto tenho este rádio bem antigo, o antigo rádio de cabeceira - *eu pergunto se ele funciona ainda, ela liga ele e continua falando* - ahan, funciona. O Bruno sempre que deita tem que ligar o rádio ou a TV, mas principalmente o rádio. Como ele foi caminhoneiro, o rádio sempre fez companhia pra ele. Então ele adora.

Figura 51 Rádio de cabeceira



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

O meu abajur também tem uns 40 anos. E funciona que é uma beleza. Olha bem ele, que lindo! - *ela gosta muito do abajur, faz muita questão de que eu mostre ele.*

Figura 52 Abajur de Eoní



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

E ali está a foto dos meus três... o Cassiano tinha dois anos, nem parece, mas era dois anos. O Juliano tinha sete e o Luciano tinha doze.

Nesse momento faz um silêncio profundo, ela só fica olhando pra fotografia ampliada na parede, sem dizer mais nada, e eu espero por uns minutos. Passado este tempo em que ela contempla a imagem dos três filhos, ela se direciona para a outra peça da casa onde ela diz que tem sua penteadeira antiga. Sigo. E ela fala:

Este aqui é outro quarto, esta máquina era da minha mãe, esta estantezinha era da minha mãe também. Estas são as caixinhas - *e vai para a penteadeira então*. Os porta joias, caixinha de música em forma de piano, mas esta não toca mais, eu ganhei de uma amiga de aniversário. Este pote de cerâmica ganhei de uma amiga secreta, na Ilha de Paquetá, uma vez que nós fomos ao Rio de Janeiro, ela era de Santana do Livramento, a Rute. Ela gravou aqui de Rute para Eoní, daí eu nunca mais esqueci o nome dela, ficou registrado. Este aqui é outro - *e abre a tampa de uma caixinha* - antigo, tem quase 50 anos. Nós éramos solteiros quando o Bruno me deu, no dia dos namorados. Já fizemos 46 anos de casados. Ela tem uma pintura no estilo japonês, dentro e fora da caixa. Este anjo aqui também é porta joia, este eu ganhei de uma das noras. Eu tinha uma antiga penteadeira quando eu era solteira, ela era toda de gavetinhas, tinha espelho também e a gente sempre usava com a banquetinha. Eu tenho a banquetinha dela ainda, olha aqui. Pra sentar e se arrumar né - *então ela se senta diante da penteadeira, e conversamos sobre o que se pensava diante da penteadeira, e ela fala:*

Figura 53 Eoní em sua antiga penteadeira



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ah, muitos sonhos se têm diante do espelho. Eu sonhava casar, ter uma casa, filhos. Era na frente da penteadeira que eu me arrumava pra ir nos bailes, que eram famosos naquela época, a gente encontrava os rapazes nos bailes, tinha que se arrumar, eu tinha os cabelos bem longos - e

gesticula - eu ficava penteando, me arrumando, botando um batonzinho, a única maquiagem que eu sempre usei foi o batom, que já era mais ou menos parecido com o de hoje. Às vezes usava o pó de arroz, que era bem fininho, pó mesmo. Mas mais o batom mesmo. Então usava um batonzinho, uma correntinha e os brincos.

"Apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis ser ou fazer-se bela. Se a igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura lhe incentivava a forjar os meios para transformar-se" (PRIORE, 2000, p. 29). Aos poucos os meios de comunicação foram passando informações sobre produtos de beleza como meio de divulgação para o consumo, anunciando inclusive, a realização dos sonhos explorando as questões do imaginário.

A mãe me contou que já no hospital as irmãs furaram as minhas orelhas, então estava sempre de brinco. Na época era o primeiro presente que ganhava da madrinha eram os brincos. Eu nasci no Hospital Centenário em São Leopoldo, daí lá já furaram minhas orelhinhas. Na época não era muito usual, quase todo mundo nascia em casa, mas a mãe disse que passou muito trabalho pra ganhar minha irmã, daí ela já exigiu de ir pro hospital quando foi a minha vez de nascer.

Quando eu era solteira, na minha penteadeira sempre tinha joguinho de crochê. Eu fazia, a gente usava fazer cinco guardanapinhos de crochê, pro enxoval, três pra penteadeira, os redondinhos, e dois pros criado-mudos, os bidezinhos. Sonhava muito fazendo crochê, bordado, pensando nos bailes, nas festas de igreja. Sabe, tinha aqueles namorinhos de baile, passeava pela festa de mão dada, mas o Bruno foi meu primeiro namorado de visitar em casa, como era o hábito. E vivemos muitas coisas juntos, é uma vida.

A minha nora que mora aqui do lado disse que essa penteadeira aqui vai ter que ser dela, vai ter que ser herança dela - *e dá risada*. Ela inclusive já ficou com um armário da minha mãe, já envernizou tudo o guarda louça. Ela gosta muito dessas coisas.

Finalizo esta visita de hoje, combinando de marcar nova data para a gente conversar mais um pouco. Foi uma grande visita esta!

10/04/2018

Cheguei à casa de Eoní e fui logo recebida com aquele sorriso meigo. Ela abriu o portão, nos abraçamos e entrei para organizar meu material. Ela disse que encontrou duas coisas importantes dentro da penteadeira antiga. Enquanto pega, vai conversando:

Quando eu tô em casa o que eu mais gosto de fazer é cuidar das flores, das plantas, leitura, olhar filmes também gosto bastante. Além disso tenho meus grupos de amigas, ex professoras. O grupo de canastra tem dia fixo, é sempre na primeira sexta-feira do mês. Os homens têm a janta deles nesse dia, a maioria é marido das que jogam canastra, mais alguns outros. O grupo de passeio a gente combina um passeio sempre no ano. Aí quando realiza um, já planeja a data do outro e então já fica marcado. O grupo da canastra é menor, já o de passeio daí é de todas as que trabalharam ou trabalham na Escola Pedro Shüller, professoras, funcionárias, todas.

Também se faz um chá ou um almoço. O certo é que uma vez por ano a gente se encontra, todas. Eu até pensei que a turma do Fraga - *escola municipal onde trabalhamos juntas* - podia também começar a ter um encontro né? A gente se aposenta e depois não se encontra mais. Aí tu perde aquele convívio, aquele contato e eu acho que é muito bom isso. Da Pedro Schüller a gente se encontra, o grupo maior, uma vez por ano, envolve também as antigas merendeiras, quem quer entrar no grupo e que era da Pedro Schüller, tá no grupo, mas só as aposentadas mesmo. Participam, se reúnem, é muito bom. Tem uma ou outra que tá no grupo, mas quase não participam porque ainda trabalham no município e daí não estão ainda liberadas em qualquer horário para os encontros. Tem quase trinta pessoas no grupo, é muito bom manter esse vínculo. Tu te encontra, parece que sempre tu tá convivendo, fala sobre seus problemas, vitórias, eu acho muito bom. Te sente parte do grupo aquele.

A aposentadoria pode ser um momento de crise ou um espaço para novas possibilidades. A oportunidade de se criar ferramentas para que as relações com os grupos de trabalho se mantenham, pós-aposentadoria, é um meio de fazer com que a pessoa se sinta pertencente a um grupo, reafirme sua trajetória profissional, tendo o coletivo como sustentação para os desafios apresentados nesta nova etapa da vida.

Eu tive visitando o internato onde eu estudei em Nova Bréscia, logo que me aposentei no Fraga eu disse pro Bruno, eu tenho uma vontade de ir lá em Nova Bréscia. Eu nunca mais tinha voltado, tinha pessoas de lá que se formaram e ficaram trabalhando lá. Então eu visitei três ou quatro colegas - *nisso seu esposo passa pela sala e nos cumprimentamos* - e aí eu fui visitar uma colega e ela me disse assim: 'Sabe que eu nem me lembro mais que eu fui professora?' - *e me olha com espanto*. É que ela se aposentou mais ou menos no ano em que eu me aposentei, em 88, a primeira vez, só que eu fiz concurso de novo e fui trabalhar no município daí, mas ela disse que perdeu vínculo e que ficou viúva, o marido morreu cedo com câncer, e ela foi trabalhar com o genro e a filha numa agropecuária e disse que faz o serviço pra filha, a comida e de tarde atende na agropecuária e disse, 'olha não tenho nada assim do tempo que fui professora'. Claro, ela disse que se lembrava de mim, ficou faceira que eu fui fazer uma visita, mas disse que não lembra disso e que só é professora quando vai receber o ordenado no final do mês. Eu achei aquilo assim tão triste. Ela disse que não tem tempo pra ler, 'eu não tenho tempo'. Parecia assim que ela tava há cem anos atrás, não sei se tu me entende - *eu confirmo que sim*. Ela parou no tempo assim, quase que culturalmente, corre no serviço da casa de manhã, corre pra agropecuária de tarde, passando as horas assim. O dia em que eu fui lá a filha e o genro tinha ido acampar, ela tava sozinha na casa e na agropecuária. Assim, aquele completo desligamento. Eu acho que eu mantive o vínculo com a profissão porque a gente tem os grupos, é bom pra gente manter esses vínculos. Parece que a gente se sente mais viva, mais gente. Se não tu vira só cuidar da casa, fazer comida, é como tu, tu parou mas não quis ficar em casa, tu foi estudar, se aperfeiçoar, é assim algo da tua natureza, tu não é acomodada. Porque o serviço da casa tu faz todo dia, todo dia tu tem. Eu gosto da casa arrumada, mas eu não sou aquela pessoa, ai Deus o livre ali tem um pozinho. Ah, se eu tenho vontade de ler eu pego o livro e, eu gosto de sentar lá na sala, eu fico bem quietinha, vou lá e leio, de manhã, de tarde, a hora que tiver vontade. Se eu quero olhar um filme de tarde, eu olho, eu acho que eu tenho que me dar esse direito. Agora, eu gosto de planejar sempre uma viagemzinha porque senão tu fica só em casa, acomodado, faz, faz, faz serviço, an. Então, pra sair da rotina a

gente viaja. Gosto também de ir à igreja, tenho um grupo também na igreja, tenho também o grupo do Sesc. O Bruno me acompanha em algumas coisas, agora no Sesc ele não tem paciência pra ficar lá, ele é muito ativo, ele gosta de coisas mais agitadas.

As atividades propostas através dos grupos ligados ao poder público ou iniciativa privada como o Sesc Maturidade Ativa²¹, por exemplo, propiciam momentos de socialização e saúde. A aposentadoria deixa de ser um tempo de recolhimento para ser sinônimo de lazer e, para tanto, “já não se trata de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar-lhes cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada” (DEBERT, 1999, p. 61).

Olha aqui o Bruno achou a minha velha caixinha de música. Só que ela tá toda oh, mas só que ela ainda toca - *e dá corda e a música começa a tocar*. Aqui tinha as bailarinas que sumiram. Aqui tinha as almofadinhas de veludo vermelho e aqui se colocava as bailarinas deitadinhas e botava joias ali do lado. Eu tava falando e o Bruno disse que viu ela dentro de uma caixa lá em cima e eu fiquei muito feliz.

Figura 54 A caixa de música encontrada



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

²¹ Programa desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio, ligado à Fecomércio RS (Rio Grande do Sul) que desenvolve uma série de atividades artísticas, recreativas, culturais e esportivas, para promover o protagonismo e a participação ativa de idosos.

Olha aqui o que tava na gaveta da minha penteadeira antiga da outra vez que tu veio - e *vamos até lá*. Olha, isso aí é bem antigo, vem passando de geração em geração - *é um espelho pequeno num porta espelho*. Eu sempre uso ele lá na janela pra tirar os fios do rosto, ele aproxima bem, ele vira. Ele era da minha mãe e veio pra mim, já tive pra descartá-lo porque ele tá com o espelho meio ruim, mas sabe como é que é, vai ficando. Mas ele é bastante usado, às vezes até minha nora vem pegar pra se maquiar porque ela disse que é bom pra pintar os olhos. Essa penteadeira a minha nora disse que é herança dela, que ela quer ficar com ela, não sei se até lá ainda vai querer.

Quando Eoní narra sobre o objeto como algo que vem sendo repassado através de gerações, está se referindo àquilo que é valioso e que precisa ser preservado (ABREU, 2009). Assim, se faz necessário pensar em quem irá receber e dar continuidade ao cuidado com o objeto tido como patrimônio da família.

Figura 55 Eoní e o espelho de maquiagem



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Despedimo-nos e fico encarregada de propor a criação de um grupo de professoras aposentadas da escola onde trabalhamos juntas há tempos atrás. Afinal, é preciso criar espaços que promovam a integração de pessoas em processo de envelhecimento.

18/04/2018

O encontro com Eoní nesse dia é para olhar e conferir os materiais aqui coletados. Também para que ela falasse um pouco sobre a Eoní dos dias de hoje. Ela, com muita calma, pensa, elabora e então diz:

Eu me considero uma professora dona de casa. Eu mantenho esse status de professora. Gosto do grupo de professoras que eu mantenho amizade, a gente se reúne, aqui da antiga Pedro Schüller, a gente mantém um bom relacionamento, é muito bom. Uma professora aposentada, que cuida da casa, gosta do jardim, de viajar, olhar filmes, lê bastante e que gosta de participar desse grupo de amigas que passeia, joga canastra, troca livros e comenta, pra não ficar só aquela dona de casa que fica lavando roupa, louça e se estressando com a casa. Essa sou eu. Uma professora aposentada que procura curtir a vida do melhor jeito que dá porque hoje estamos aqui, amanhã não sabemos. Se a gente for esperar muito para o dia de amanhã não sabe o que pode acontecer.

E então a gente se despede por ora, pois sabemos que vamos ter muitos outros encontros, até porque ela me pediu muito para organizar um grupo de professoras aposentadas de nossa antiga escola. Vamos nos organizar num grupo pelo whatsApp e voltaremos a nos falar.

7. ENTRE UM PASSEIO E OUTRO, A SURPRESA DE ENCONTRAR-SE CONSIGO MESMO

08/02/2018

Hoje aconteceu uma coisa interessante: meus pais estavam com o carro na oficina e me pediram para eu deixá-los na sede do Sesi²², onde acontecem as atividades do Sesc maturidade ativa. Fui levar e quando parei lá a Lorena estava chegando. Como ela estava também na lista - a princípio não iria entrar em contato com ela - resolvi descer e falar um pouquinho com ela. Cumprimentei e perguntei como ela estava e tal. Falei também sobre a possibilidade de eu ir à casa dela conversar sobre um trabalho meu. Ela concordou, mas disse que tinha dois passeios por estes dias. Assim, já marcamos para dia 23/02. Despedi-me e senti alegria por parte dela. Fiquei otimista.

Uma outra que eu estava pensando em procurar, vou esperar um pouco. Gostaria de visitar sete mulheres e depois escolher três para me aprofundar mais. Agora já estou com sete, embora falte a confirmação de três.

Enquanto aguardo o retorno delas para eu confirmar as sete e voltar à campo, vou ler os livros de antropologia, cultura e conceitos abordados na pesquisa e fazer fichamento.

23/02/2018

Ida ao apartamento de Lorena, como combinamos aquele dia que nos vimos no Sesi. Cheguei ao prédio, sei de antemão que é de propriedade dela, sendo que embaixo existem lojas e que, em cima, é a residência dela. Apertei o interfone e ela disse oi, abrindo o portão eletrônico. Quando abri o portão avistei algumas dezenas de degraus e, ao final, ela estava me olhando sorridente. Subi para o segundo piso, nos abraçamos e adentramos ao apartamento.

Sentamos, ela parecia um pouco ofegante, deixei que conversasse sobre o que quisesse, comentamos sobre banalidades e então falei a ela sobre a pesquisa, meus estudos, da importância da participação dela, e aguardei que ela falasse. “Mas Sandra, vamos ver no que eu posso contribuir, então”. Assim, expliquei sobre uso das falas, de imagens e das visitas que eu teria que fazer em sua casa. Ela deu

²² Serviço Social da Indústria – Sede em Portão localizada na Rua Uruguaiana, 448 - Loteamento Riva.

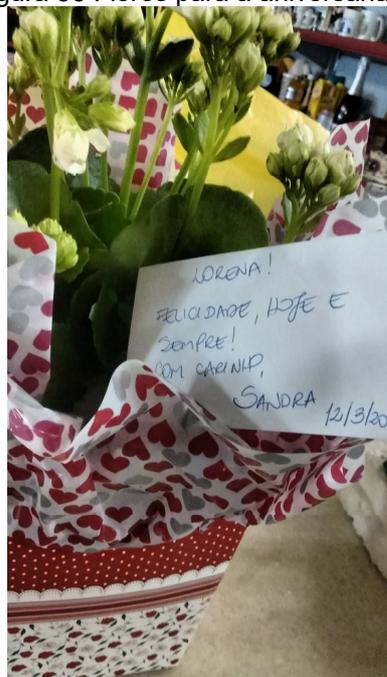
risada parecendo ter gostado. Então marcamos nosso próximo encontro para 12/03 porque ela vai para Piratuba uns dias e só volta dia 10/03.

Ela ficou contente que eu pensei nela e eu porque ela aceitou meu convite. Nos despedimos, desci os degraus e bati o portão, feliz da vida pois agora tenho meu grupo de pesquisa.

12/03/2018

Hoje é dia de ir visitar a Lorena. Quase que não fui! É aniversário dela. Mandeí mensagem pra trocar a visita, mas ela fez questão de que eu fosse. Então, passei numa floricultura, comprei uma flor e um cartão e levei pra ela. Toquei o interfone, ela logo atendeu e abriu o portão. Nos abraçamos, entreguei as flores e ela ficou emocionada. Organizei meu material e começamos a conversar. Pedi que começasse a falar sobre o que achava mais interessante contar sobre sua trajetória, deixando-a bem à vontade. E ela foi falando.

Figura 56 Flores para a aniversariante



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Bem, hoje eu estou sozinha porque fui jantar com as filhas na sexta porque na quinta foi o aniversário do 'véio' Dealmo (seu ex marido) e eu tinha um passeio agendado. Assim, hoje não vou fazer nada pro meu aniversário e daí posso conversar contigo - *fiquei lisonjeada pela acolhida neste dia ao mesmo tempo que percebi uma necessidade de uma presença nesta tarde.* Hoje faz 79 anos que eu nasci. Eu nasci lá no Faxinal, não era Portão ainda, era São Sebastião do Caí naquela época. Primeiro nós moramos na rua Júlio de Castilhos, meu pai tinha uma ferraria e a gente morava na Júlio de Castilhos, onde tem aquele núcleo de casas agora. Ali eu me criei e estudei

lá no Rincão, lá no grupo Escolar Costa Gama. Eu até hoje quero saber quem era Costa Gama e eu esqueço de pesquisar - *eu fico de pesquisar e mandar pra ela ler.*

Pois o grupo escolar que tinha em Rincão do Cascalho era o Costa Gama. Isso pertencia a São Sebastião do Caí. Era ali, como é que eu vou te dizer, era ali no armazém do seu Augusto Diesel que era onde morava a Verânia, na esquina do seu Artidor - *e ela gesticula bastante com as mãos para situar o espaço, enquanto se balança em sua cadeira.* Depois que o Augusto fez o armazém pra cá, aqui na outra esquina onde tua mãe tinha o bar, ali - *ela se refere à lancheria que meus pais tinham até algum tempo atrás, mas décadas depois do senhor Augusto, num prédio novo neste local.* De primeiro era lá o armazém e tinha a escola junto e eu estudei ali. Eu ia do Rincão aqui - *apontando para a direção norte* - só depois que eu me mudei pro Faxinal. Foi um tempo muito bom, eu gostava muito de estudar. Tinha professoras muito boas, tinha a Araci Koch - *que de antemão conheço por ter sido formada na primeira turma de Artes da Feevale* - e a Selmira Diesel, era o que a gente tinha naquela época - *e ri* - porque a Selmira, eu acho, tinha pouco estudo, mas foi onde eu aprendi as minhas primeiras letras e o que eu trago comigo, foi naquela escola. Sabe que eu não tenho nenhuma fotografia do tempo de escola, inclusive eu fico chateada porque nem da minha primeira comunhão eu tenho. Não tenho nenhuma foto daquela época.

Para Leite (2001), a importância da fotografia diz respeito à leitura sobre o que ela traz sobre o “grupo retratado, o que silencia desse grupo e os indícios que permitem ao observador perceber ou sentir outros níveis da realidade” (LEITE, 2001, p. 76). Diante no fato de não ter estes registros, o que deixa Lorena muito triste, o que lhe resta é narrar este tempo e este espaço de forma a resgatar as imagens vividas por ela.

Pra tu ver, na minha primeira comunhão eu fazia catequese na Capela São José, tu vê quantos quilômetros eu andava a pé, hoje em dia as coisas estão tudo dentro das casas e as pessoas não querem, né? Não tinha igreja no Rincão, não tinha nada. Aí eu caminhava até a igreja São José pra fazer a catequese e fiz a primeira comunhão lá.

Daí depois, eu já era adolescente eu acho, tinha uns quinze, dezesseis anos que passou uma procissão, que veio umas missões com uns padres missionários pelo Rincão, que daí que começou a igreja lá, eu sempre tive envolvida também assim com a igreja, sempre, trabalhei, sempre tive participação.

Eu já morava no sítio nesta época porque eu tinha doze anos quando nós fomos morar no sítio, ali passei minha adolescência, quando tinha uns dezoito anos daí ia num baile que outro de vez em quando. Daí namorei por uns dois anos. Depois casei, fiquei 39 anos casada, não deu mais certo, divorciei - *se percebe, através dos movimentos com a cabeça, que ela tem uma negação em relação ao divórcio* - tô bem assim. Morando sozinha mas com paz de espírito, que a gente também tem que ter assim uma certa... os filhos tão tudo assim, longe. A que tá mais perto - *e sinaliza com o dedo para o lado* - é a Marisa, mas tem sempre muita atividade. Eu tenho três filhas, as duas mais velhas são gêmeas, que estão com 55 anos hoje, e a mais nova nasceu quatorze anos depois. Tenho sete netos, quatro bisnetos e mais uma chegando. Já tenho um bisneto de onze anos, um de oito, um de quatro e um de dois anos e agora vai chegar mais uma, a Maria Rita, uma bisnetinha - *e sorri enquanto se balança com as mãos entrelaçadas como quando a gente junta as mãos pra orar.*

A situação enfrentada por Lorena diante da separação apresenta, além da luta individual no cotidiano, novos arranjos pois a mulher necessita afirmar seu papel feminino neste espaço social da maternidade bem como reordenar sua identidade social no espaço público (ROCHA, 2014). Assim, ela dedica-se a acompanhar a trajetória das filhas, netos e bisnetos, bem como procura atividades em diferentes grupos a fim de relacionar-se socialmente nestes segmentos médios urbanos.

Quando eu engravidei das gêmeas eu não sabia, naquele tempo não tinha nada. Há 55 anos atrás, não tinha posto de saúde, não tinha nada. Consultava com o Dr. Bruno Cassel em São Sebastião do Caí. Tinha que ir a São Sebastião do Caí consultar, só tinha lá. Por toda região, só o Dr. Bruno Cassel lá. E eu nem desconfiava de nada. No dia em que eu baixei lá no Hospital de São Sebastião do Caí que o Dr. Bruno Cassel disse: 'Ah, vai nascer gêmeas, temos que fazer uma cesárea' - e *ela ri* - há 55 anos atrás, com a anestesia era o tal do éter que colocavam uma máscara - e *coloca as mãos no rosto para demonstrar o modo como se usava esta máscara* - foi um susto. E assim, muita pobreza porque naquela época se casava por amor - e *gesticula com as mãos em círculos* - mas talvez nem por amor, se casava pra juntar... e hoje em dia ninguém casa sem ter casa, sem ter tudo montadinho, tudo. E naquele tempo não. E daí veio as duas, era pouca roupa, era inverno - e *ela dá risada* - era dificuldade de tudo. Hoje em dia, tudo tão fácil e as pessoas ainda, hoje que acham difícil. Nós casamos e ficamos morando lá com meus pais, numas peças em separado. As meninas vieram um ano depois, foi logo porque não se sabia né, não tinha nada de anticoncepcional, nem nada. A outra então que custou mais pra vir - e *ela fica séria e em silêncio por alguns segundos, e daí retoma sua fala*. Nos primeiros anos de casada eu fiquei só em casa, depois as gêmeas tinham, não tô me lembrando assim de cabeça, as gêmeas tinham uns quatro, cinco anos, daí nós viemos pra aqui trabalhar - e *aponta com o indicador direito em direção ao chão* - na Prefeitura, ali em cima, moramos naquela casa ali em cima, do lado da Prefeitura ali. Aí comecei a trabalhar fora, tinha uns vinte e poucos, vinte e cinco, vinte e seis anos, que eu comecei a trabalhar fora.

A gente morava lá no sítio, o marido ajudava o meu pai que era ferreiro, trabalhava assim. Mas nisso daí foi criado o município, criada a Prefeitura e gerou esses empregos, e aí nós fomos convidados a morar ali e cuidar como zeladores da Prefeitura. Nos convidaram e aí a gente veio, daí eu trabalhei ali. Eu trabalhei quatorze anos, eu acho, ali. Não, antes da Daniela nascer daí eu parei de trabalhar. Mas eu fazia faxina na Prefeitura, cuidava, fazia cafezinho, fazia todo serviço da doméstica do ambiente. Foi um tempo bom - *mas sua expressão facial não expressa esta felicidade que ela fala*. Eu não tenho nada a me queixar assim de período ruim assim, nada. Graças à Deus todos tiveram saúde e tudo, foi bom. Depois, agora depois de velho que a gente desacertou e nos separamos. Mas se não - e *fica parada pensando* - eu por mim estaria tudo numa boa, mas, vivendo né. Agora ainda tive viajando e ainda vi assim os velhinhos - e *alonga a palavra velhinhos pra denotar a idade avançada* - de mãos dadas, que legal, né? Mas tem pessoas que enxergam o mundo de outra maneira - e *se fecha novamente*.

Ela lamenta alguns eventos acontecidos em família, mas se diz feliz por sua trajetória alegando que tudo foi da maneira como precisava ter sido e que, de forma objetiva, buscou sua ressignificação. Neste movimento procura reconstruir sua

imagem pessoal e grupal, pois “A visão do processo de separação dá-se pouco a pouco, passando a ser, após algum tempo, entendida enquanto um projeto de vida futuro” (ROCHA, 2014, p. 89).

Mas voltando, depois que eu tive a Daniela eu saí da Prefeitura. Daí eu comecei com comércio, eu abri uma lojinha, de papelaria, que aí não tinha papelaria por aqui, pros alunos das escolas. E daí eu trabalhei, não sei quantos anos na lojinha de papelaria, Miscelânea era o nome. Aí trazia os livros por encomenda, os professores vinham e diziam: ‘Tem tantos alunos’, e daí a gente encomendava os livros e tinha material também. Foi um tempo especial. Ah, daí nesse tempo quando eu tinha trinta e não sei quantos anos, deu uma reforma de ensino, no ensino, eu acho que tu ainda não tava nem pensando em ser professora - e *sorri* - e daí eu também fui convidada pelo diretor do Ginásio que naquela época era o Elton Krause e daí como ele me conhecia porque frequentava a Prefeitura daí ele disse: ‘Escuta, quer aproveitar e estudar agora, faz a oitava série, aliás, faz sexta, sétima e oitava série’. Eu tinha feito até a quinta série, quinto ano como se dizia antigamente no Costa Gama. E aí eu fiz no Ginásio, sexta, sétima e oitava. Aí quando eu terminei a oitava que eu tinha ideia de fazer o segundo grau e depois estudar mais, aí a Daniela nasceu e daí ficou, e daí ficou - *faz gestos com as mãos pra baixo* - não estudei mais.

Até bem pouco tempo, à mulher era negado o direito ao ensino porque “não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios” (PRIORE, 2001, p. 446, grifo do autor). Assim, era necessário abandonar todos os sonhos e planos em relação aos estudos em função dos filhos a criar e educar.

Mas estão todos bem, graças a Deus, os netos também, todos bem - *ela está se referindo ao fato de estarem todos formados e trabalhando em suas áreas, que sei de antemão, fisioterapia, turismo, biologia, moda e por aí vai*. Às vezes eu fico pensando, eu rezo pra eles nas minhas orações, aí eu penso, não tem nenhum assim, um figurão, um especial, um médico, uma coisa assim na minha família, mas também não tem nenhum bandido - e *dá risada* - são todos simples, mas trabalhadores, não tem nenhum rebelde e isso é importante. Às vezes eu fico pensando nisso, sabe? Então, interessante isso, todos eles trabalham, bandidão não tem nenhum. Porque às vezes acontece, né? Eu fico pensando, às vezes, olha, orgulho.

Logo que chego em casa, pesquiso sobre Costa Gama e já envio pra ela. Cuidado e atenção com a parceira de pesquisa é para além do momento da visita. Assim também, imprimo confiança, e isso é muito importante nesse trabalho.

Figura 57 Envio de mensagem à Lorena



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

28/03/2018

Como foi combinado, chego ao apartamento de Lorena e a gente vai direto ao assunto da penteadeira e ela já me pede pra eu acompanhar ela no quarto. Chegando lá me encanto com o móvel e ela logo vai pentear o cabelo, abre a gaveta da penteadeira, tira a escova e passa no cabelo em frente à penteadeira. E diz:

Eu tô assumindo meus brancos Sandra - e ela senta em frente à penteadeira e eu pergunto sobre o móvel e ela vai contando: Esse móvel eu tenho uns 40 anos já porque foi mandado fazer o quarto todo, o roupeiro, a cama eu tirei essa semana porque eu comprei um colchão novo, aí tirei a cama que era assim também toda rebuscada. Aqui tão as minhas medalhas que eu ganhei do Sesc - e mostra elas penduradas na penteadeira, toda feliz. Quando fiz este dormitório eu morava no outro apartamento, aqui do lado - hoje está vazio e pertence a ela também - daí eu passei pra cá porque esse apartamento era menor.

Logo que eu casei eu não tinha penteadeira, mas quando eu era solteira eu tinha. Eu usava pra guardar os badulaques, sempre tem miudezas nas gavetas - e dá risada. Essa guarda bolsinha de viagem, miudezas, bijuterias, aí guarda naquela. Essa outra aqui guarda batom, espelho, pente, escova - tudo muito bem organizado. Em cima aqui, essa imagem de Nossa Senhora Aparecida é especial porque eu trouxe de Aparecida mesmo, lá do santuário - lembro pra mim que em uma das idas dela à Aparecida que aconteceu o desaparecimento da portonense que foi muito noticiado e nunca foi resolvido e que foi algo que mexeu muito com ela pois teve de prestar depoimento e entrevistas na mídia.

As outras eu ganhei, essa eu ganhei há uns quatro, cinco anos da Daniela (uma das filhas), e essa aqui eu ganhei nesse Natal da minha neta Manuela - e ela abre um porta joia - tem aqui um terço que veio do Papa, direto do Papa Francisco e este foi também a Manuela que trouxe pois teve lá

visitando com o Joel. É isso, as minhas coisas. Este outro porta joias eu ganhei da minha amiga Rosina, que trouxe do Rio de Janeiro e esse outro aqui eu mesma comprei não lembro agora - *ela tem vários porta joia sobre guardanapos que estão dispostos geometricamente em cima da penteadeira*. Eu tenho terços e escapulários que eu compro ou ganho e gosto de pendurar, tinha um na cabeceira da cama que agora eu tirei e têm esses aqui. Ultimamente não tenho mais parado na frente da penteadeira assim, de sentar e ficar. Passo e coloco um batonzinho e é isso.

Lorena guarda os objetos recebidos de parentes e amigos ou mesmo os que compra e sabe da história de cada um. Embora esteja envolvida com uma série de atividades que a ocupam muito, ao ponto de não ter tempo de sentar diante de sua penteadeira, valoriza cada detalhe dos objetos que possui e que fazem parte de sua caminhada. Porém, chama atenção a questão da falta de tempo descrito por ela, sendo isso, talvez, uma estratégia²³ a fim de superar alguns desconfortos em relação a solidão do cotidiano.

Figura 58 Lorena diante de sua penteadeira



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Quando eu era solteira eu tinha o hábito de estar sempre fazendo um trabalho manual, então eu tava sempre fazendo crochê. Na minha casa era só eu e a Carmem de filha, e a Carmem tinha bastante diferença de idade, eu já tinha oito anos quando a Carmem nasceu, então depois eu ensinava as coisas pra ela até eu casar. Agora, esses guardanapos daqui são bordados que eu trouxe de Piratuba - *como se pode observar, ela viaja bastante*. Depois te mostro as coisas que eu faço.

Eu gosto de guardar essas lembranças de viagem - *e ela coloca a mão na testa pensativa*. Sabe que de guardados antigos eu só tenho a vitrola que era do meu pai. É daquelas de caixa, que dava corda com os discos de vinil, isso era do meu pai, daí assim isso é a única coisa que eu guardei. A minha

²³ Ver em CERTEAU, 1994, p. 97.

mãe era uma coitada tão simples, ela não sabia ler, era analfabeta, era uma pessoa assim tão simples que não... Eu me entendia mais com o meu pai do que com ela, ela foi assim tão simples, nos educou, nos deu uma educação assim mais ou menos, porque ela foi uma pessoa assim muito dependente do marido sempre, não fazia nada sem perguntar, sabe, uma coisa assim - *e a sua voz fica lenta* - e eu não tenho assim guardado dela, a não ser fotografias - *mas não me oferece pra ver*. Dos antepassados então que vem a tal da vitrola guardada.

Segundo Lorena, sua mãe não tinha participação nas decisões da família, era tímida, recatada, com todas as características que a mulher do início do século XX no Brasil ainda deveria de ter para ser considerada uma boa esposa. Afinal, “Autonomia, independência, integridade moral, poder decisório eram considerados apanágio do gênero masculino” (FÁVARO, 2002, p. 112).

Figura 59 Lorena através do espelho de sua penteadeira



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Eu não sou muito apegada às coisas, o que eu vou deixar pra família como minha marca assim é o meu nome, a mãe Lorena, a vó Lorena - e dá risada e eu fico pensando que além de seu nome, que pra ela significa muito mais, ela tem muitas lembranças de viagens que eu sugiro que possam ser objetos que representem o desapego pelas coisas em prol das viagens que ela faz, que são uma marca dela. Peço pra ela olhar em volta e o momento é muito especial porque ela percebe isso de fato. Então, rimos juntas.

A questão do nome como herança é primordial no entendimento de Lorena. Vinculados a isso estão os conceitos de honra, reputação social e orgulho. "A honra,

ligada à família, é aqui a capacidade moral inata, matriz de herança deixada aos descendentes” (FERREIRA, 1998, p. 214). Como ela pensa em ser citada como “a mãe Lorena, a vó Lorena”, demonstra que sempre procurou a “busca da reconstituição de uma ordem moral nas relações familiares” (ROCHA, 2014, p. 153). Sobre os tantos objetos que possui a partir de viagens realizadas, são pequenos detalhes que carregam as memórias de momentos vividos em cada lugar. Alguns estudos comprovam que

As mulheres têm paixão pelos pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos seus porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto do amado. Mais tarde, fotografias individuais ou de família, em porta-retratos ou álbuns, esses herbários da lembrança, alimenta uma nostalgia indefinidamente declinada. Álbuns de desenhos ou de cartões postais memorizam as viagens (PERROT, 1989, p. 13).

E ela continua sua narrativa sobre algumas de suas viagens:

Agora essa semana, fizemos uma viagem simples assim, fomos a Treze Tílias e em um Hotel Fazenda lá em Lages, coisas bem simples, muito bom. Eu aproveito muito essas viagens assim - *com a palavra muito bem marcada na fala* - muito. Eu sempre, pode perguntar pra tua mãe, eu sempre tenho umas histórias pra contar. Olha, em tal lugar eu vi isso assim e assim, assim. E aí eu gosto de contar pra elas, pros outros. Quando têm pessoas que já viajaram muito mais do que eu e nunca contam nada - *e se joga na cadeira pra trás rindo* - eu acho assim sabe. Eu gravo muito assim sabe, essas passagens desses passeios assim, e eu sempre gosto de repartir com as minhas amigas, de contar pra elas. Olha tal lugar eu vi isso, fizemos isso. Eu gosto.

Tu tem que viajar mais Sandra. Não precisa sonhar com, eu não sonho em viajar - *gesticulando com as mãos pra cima* - pro exterior ou pro nordeste, nós temos tantas coisas bonitas aqui pertinho, qualquer lugar, não precisa viajar pro nordeste, aqui é bonito também, têm lugares. É tu que faz a viagem, não é os lugares em si. Eu sei que tem lugar mais bonito, tem uma cascata, tem o mar lindíssimo, mas têm os mais perto, primeiro vamos ir conhecendo - *e faz sinal com as mãos e braços se abrindo. Como ela gosta de contar histórias eu peço pra ela me contar uma e ela fica pensando.* Lugar que eu gostei muito foi Montevideú, - *e dá risada* - eu falei que não precisava ser pro exterior e logo falo no exterior. Mas é pertinho, gostei muito de lá, da alimentação, culinária. Mas é muita comida. Ah, mas eu lembrei de uma história agora pra te contar. Eu fui no Pai Eterno, em Goiânia, e eu digo, já disse pras minhas filhas, pra todas as pessoas, se eu tivesse que ir embora de Portão, tu não pode mais morar em Portão, eu ia morar em Trindade, lá na cidade do Divino Pai Eterno pela simplicidade das pessoas - *e eu penso em sua mãe simples* - eu passei cinco dias lá e me encantei com as pessoas simples, me parece assim que eles não tem essa coisa assim de querer e de trabalhar, e de vim mais e mais. É aquilo. A gente chega nas lojinhas assim e eles perguntam o nome da gente e nos tratam pelo nome, assim numa simplicidade, uma coisa assim, aconchegante, acolhedora, foi uma das que me marcou mais foi essa de Trindade, no Divino Pai Eterno, pela simplicidade das pessoas. Teve um lance assim, na própria esquina do hotel tinha uma lojinha assim de

lembrancinha, objetos, souvenirs, eu comprei umas coisinhas e daí no outro dia alguém da nossa turma disse: 'A mulher da lojinha quer falar contigo' e eu pensei o que é que a mulher quer comigo? 'Ela disse que a gente avisasse a Lorena que ela passasse lá na loja' e daí no outro dia eu passei. E disse, o que a senhora quer comigo? 'Não, é que eu me enganei no troco e eu tenho que te devolver dois reais' - e *ela se joga pra trás na cadeira com as mãos no peito*. Isso me marcou tanto porque nós mesmos, por mais certinhos que a gente seja, não ia correr atrás de uma pessoa pra devolver dois reais. Ia deixar na gaveta e, então essa mulher me marcou muito nisso. Além de gostar do lugar todo, as pessoas. Eu fiquei encantada com aquela gente. Mas tem muitos lugares. Agora mesmo eu tava contando pro Leonardo, meu neto, ao meio dia, que ele almoçou comigo, e foi trabalhar. Ele tá morando na Estância e trabalha na Sammel ali e veio almoçar comigo. Daí eu tava contando pra ele que em Treze Tílias, porque tem uns conhecidos nossos, um pessoal aí que trabalha na Prefeitura há anos - e *ela mora bem perto da Prefeitura* - e eles passam em cima da gente e não dizem um oi, um bom dia, um boa tarde. Uma três pessoas que eu marco assim, que parece que custa dizer bom dia. É nós que pagamos o salário delas, então custava, não? Então agora eu fui a Treze Tílias, também todo mundo na rua cumprimenta, Sandra. Boa tarde, bom dia, nem que tu não olha a pessoa já tá te cumprimentando. Os meus aproveitamentos de viagem são essas coisas. Então as pessoas já sabem que se eu sumir do mapa é porque eu fui pra Trindade - e *dá gargalhada* - fui morar em Trindade.

Assim que Lorena fala a palavra 'simplicidade' logo lembro que esta palavra foi usada para definir sua mãe. No caso da cidade por ela narrada, ela conta fatos que atestam sua necessidade de estar em um lugar onde a simplicidade seja a ordem vigente. Ao que parece, talvez inconscientemente, ela, de certa forma, busca neste lugar o que vivenciou com sua mãe. Segundo seus relatos a mãe era uma "[...] mulher escondida. Guardada. Principalmente invisível, a se esgueirar na sombra. Reprimida e ainda assim sob suspeita. [...] Mais fantasiosa? Sim, embora mais secreta. Mais perigosa!" (TELLES, 2001, p. 671) Talvez, sobre a percepção e a intuição da mãe de Lorena não nos sobra senão cenas imaginárias.

Figura 60 Na cadeira de balanço



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

E, eu sempre tenho atividade, apesar da minha idade, nós temos o Clube de Mães, onde eu sou a diretora artística, já fazem uns dez anos que eu tô na diretoria, muda a diretoria e eu fico sempre. Eu digo sempre que não vou mais, que é pra arrumar outra pessoa, eu quero ser normal, eu quero jogar bingo, eu quero fazer o que os outros fazem, mas não, elas não me deixam sair. Porque é eu que arrumo as coisas, levo mensagem, conto piadas, preparo o bingo, todas as atividades que o grupo vai fazer, eu sempre preparo. Eu sempre tenho ideias né Sandra, não sou uma pessoa, ah, fiquei sem a palavra. No Natal, nós somos setenta sócias no grupo. Eu preparei setenta panos de prato, pedi os panos brancos e não disse pra quê. Eu fiz crochê em quarenta e dois panos de prato e os outros costurei barra. Sentava ali e fazia - e *mostra com as mãos*. E fiz setenta mensagens e imaginei assim, não era um amigo secreto assim normal ou te chamar e dar direto pra ti. Eu te escolhia e dava pra ti, mas daí tu tinha que escolher outra e assim foi indo. Até que todas ganharam o seu presente e dois abraços. Meu interesse era que toda turma fosse se abraçando e ao final todo mundo quis se abraçar. Então eu vou fazendo essas coisas assim.

Minha parceira de pesquisa aponta fatos onde sua participação e senso de iniciativa demonstram que "[...] a relação mulher e trabalho, mulher e maternidade, mulher e família, ou ainda, a equação mulher-trabalho-maternidade-família constituiu sua fraqueza e sua força, sua condição subalterna e paradoxalmente, um centro de poder" (FÁVARO, 2002, p. 26). A posição de liderança que Lorena possui, e utiliza com presteza em seus quase 80 anos, legitima a afirmação da força da mulher.

Essa semana tem reunião na quinta, a gente tava ainda meio que de férias, então começa a função. E tem o grupo do Sesc também, só que lá a gente tem o tal do facilitador que é quem dirige as coisas. A gente só tem as atividades, dança circular, ginástica e brincadeiras sempre.

Tinha um tempo que eu trabalhei com a Pastoral da Criança, mas aí eu achei que eu não tinha mais idade de ir pras vilas, porque daí tinha que ir pra vila e eu trabalhava lá na Comunidade São Pedro, aí eu ia lá pra aquele Loteamento Albino Kern, lá embaixo, daí eu disse que eu não tinha mais idade pra caminhar as tardes inteiras visitando as famílias e aí eu disse não, já está bom assim.

A minha filha Marisa gosta de atuar assim em grupos, em presídios, em casas de recuperação e também adora artesanato. Ela trabalha muito ainda como fisioterapeuta e com Pilates e faz estes trabalhos em outros horários. A Marília é mais arredia, mas ela também gosta, ela faz cerâmica, hoje é dia que ela foi pra Porto Alegre ter aula. Tá sempre se aperfeiçoando. Ela fez segundo grau e trabalhou muitos anos no serviço administrativo na Prefeitura de São Leopoldo até se aposentar. Agora só faz artesanato. A Daniela fez faculdade de Turismo na Feevale e é guia de turismo em Gramado, levando o pessoal que chega em Porto Alegre pra serra. Eu sou muito feliz pelas minhas filhas, e pelos netos, bisnetos.

Tanto o gosto pelo artesanato quanto pelo trabalho voluntário parecem ser a marca de Lorena, a qual já se percebe nitidamente nas filhas, de um modo ou de outro. Os traços de sua identidade ecoam nas gerações posteriores. "A presença da família permeia todos os membros de sua história de vida, de seu presente. É, em

síntese, o estruturante que baliza a definição que emite de si mesma” (FERREIRA, 1998, p. 212).

Dos netos a mais velha é a Bibiana que tá morando em Santa Maria, ela tem um menino que era filho do Tiago Scherer que faleceu antes do filho nascer, quando ela tava grávida de quatro meses, deu leucemia no Tiago e ele faleceu. Ela ficou por aí triste, o menino tá com onze anos já. Vem sempre aí, adora estudar, todos estudam. O neto mais novo tem quatorze, que é o filho da Daniela, adora estudar. Não tem nenhum neto, nenhum bisneto rebelde assim, que não queira estudar ou coisa assim, coisa mais interessante Sandra. Depois da Bibiana tem o Leonardo que é biólogo, tem o Paulo Henrique que montou uma firma de construção em Gramado. Quando eu iria imaginar que o Paulo Henrique ia dar construtor. Aí a Marisa tem as três meninas, a Verônica que tem um salão de beleza em São Lourenço, tá bem graças a Deus, trouxe três bisnetos pra mim, um mais lindo que o outro. Ela queria que eu fosse no aniversário da guriazinha que é no sábado, mas eu acho que eu não vou porque a Marília quer fazer uma feira com os artesanatos dela e daí eu ajudo. Mas até o fim da semana vamos ver. A Manuela, que é outra neta, tem um emprego muito bom, também em Gramado. A Paula, que é a outra da Marisa, casou, tá morando em Pelotas, se formou em moda e tá lá muito bem com as confecções dela. E agora tem o André Eduardo que não sei o que é que ele vai querer estudar. Esse ano ele vai terminar o nono ano e aí depois não sei o que é que ele vai fazer. A minha turma toda, graças a Deus, encaminhada.

Ela se preocupa com o futuro dos netos e bisnetos em relação aos estudos e ao trabalho. Sua satisfação se dá no sentido de que todos estão encaminhados para enfrentar os desafios da jornada da vida que se apresenta diante deles. Assim como os interlocutores das pesquisas apresentadas por Eckert (2002), Lorena aposta em “trajetórias motivadas por projetos de vida cuja condição econômica e social é construída com base na educação e na profissionalização muito mais do que na posse de capital ou propriedades” (ECKERT, 2002, p. 75).

As minhas filhas sempre foram envolvidas na questão da política, tomaram a frente em muitas coisas aqui. A Marília anda um pouco desanimada, desgostosa. Quem não tá desgostoso com a política? - e *ri*. Mas ela trabalhou com pessoal de Prefeitura e coisa e ficou desanimada com a política. Mas o marido dela agora voltou a trabalhar na Prefeitura de São Leopoldo. Eu não sei o que vai dar, eu tô muito apreensiva com esse futuro, com essa coisa, tô preocupada. Acho que a coisa vai piorar, cada vez mais, eu não enxergo uma perspectiva de mudança. Essa coisa de querer armar todo mundo, isso é mais violência, ao menos aquele cara disse que ia fazer, não sei se faria mesmo, mas não dá pra testar. Mas vem ver as coisas que eu faço, meus crochês, pinturas, bordados.

Figura 61 Artesanato de Lorena



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Então, depois desta narrativa tão recheada de detalhes, eu me organizo e finalizo a visita. É sempre muito bom estar com Lorena. Daqui mais alguns dias nos veremos novamente.

11/04/2018

Minha visita à Lorena hoje é na parte da manhã. Ela terá exames médicos para fazer à tarde porque está sentindo um barulho no ouvido. Vamos nos organizando e ela começa a me contar:

O que eu acho muito bom é que a mulher tem que ter vida própria também, não precisa ficar dependendo de homem, embora acho que tem uma maioria que ainda depende né, do marido. Mas eu acho que a mulher tem que ser independente, pra minha idade - e *ri* - eu penso assim.

E enquanto fala, ela gesticula muito com as mãos e balança assim, o corpo todo. Observo atentamente todos os movimentos que acompanham sua narrativa pois

Corpo não significa apenas cabeça, braços, pernas, pés, costas, assim como produtividade não significa exclusivamente trabalhar com as mãos; o termo envolve e evoca outras possibilidades, e alude sempre, na especificidade de feminino, à potencialidade da mulher em desdobrar-se,

em multiplicar 'cada fibra do próprio corpo', criando a partir do seu interior (FÁVARO, 2002, p. 185, grifo do autor).

E a narrativa prossegue:

Eu acho que houve uma melhora embora essa juventude tá me preocupando assim, os adolescentes estão assim meio que relaxados, assim as meninas, tinham que ter um outro rumo, mulher tem que ser independente, tem que ser livre, mas não assim alienada como eu vejo jovem que não quer trabalhar, não tem vontade, me preocupa esse futuro. Daqui a pouco vem filho desta geração sem tá planejado, pois hoje tem como planejar. A circulação de bebidas, drogas em geral. A própria bebida, quando vê tão transando e depois? Essa parte me preocupa também. Mas vamos rezar, pôr nas mãos de Deus, conversar com quem tá mais perto da gente.

Neste momento então peço pra ela que a gente troque de lugar pois, na verdade, tenho intenção de fotografar ela na frente da penteadeira, mas de outro ângulo e também de forma que a luminosidade não atrapalhe na imagem dela.

Figura 62 Lorena observando seus objetos de penteadeira



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Pergunto para ela se não fica ruim dela olhar pra mim eu estando diante da janela pois eu quero que ela esteja bem confortável e ela responde sorridente que não, que tá tudo ótimo. E ela senta em sua cadeira de balanço que ela tanto gosta.

Eu vou te dizer uma coisa, a Marisa e a Elizandra do Romeu, resolveram de fazer o encontro da família Lopes da Cunha. E eu pesquiso essas coisas dos antepassados. Ontem ainda, nós almoçamos lá na Marília, lá na chácara e eu disse que tem coisas que eu ainda queria descobrir. Das minhas bisavós, dessas coisas. A casa da Marília tu sabe onde é, a casa do

meu avô era mais pra cima e a minha bisavó morava, diziam eles, porque eu não cheguei a conhecer ela, talvez eu era pequeninha e ela ainda vivia, mas eu não lembro. Mas diziam que ela era uma índia e aí eu queria saber que tipo de índio tinha nessa região, mas eu acho que ela era charrua porque meu pai e minhas tias contavam que essa minha bisavó montava à cavalo assim oh - *e vira com o corpo de lado* - agarrava o pescoço do cavalo e montava de lado e os charruas que montavam assim, grudados no pescoço e com um perna só por cima do cavalo. Há dois anos nós fizemos um trabalho no Sesc que foi muito interessante, 'Histórias de ontem, riquezas de hoje', era o nome do trabalho. Foi feita uma encenação e pesquisamos quem morou aqui primeiro, os portugueses por causa do portão que tem lá perto do arroio, aquela parte toda, só depois os alemães, mas antes disso tinha os índios. O teatro que a gente fez teve gente que achou bobagem. Mas foi ótimo. Até os tamancos eu tive de comprar porque eu era portuguesa no teatro. Na minha família tinha português, mas também tinha indígena.

Mas o marido dessa índia, não casaram, ele nem morava ali, ele só passava, era tropeiro, mas tiveram três filhos juntos: o meu avô, a Nikinha tua bisavó e o Graciano. Ela devia ficar esperando ele passar. As tropas passavam por aqui em direção à Torres. Meu pai afirma que o nome dele era Esteban e que o meu avô dizia que ele era espanhol. Sobrenome daí, de repente inventaram Lopes da Cunha sei lá. Interessante que os três irmãos moravam todos alinhados neste mesmo espaço.

E são teus parentes também porque tua bisavó Nikinha era irmã do meu avô - *tinha que ter alguém fotografando o meu rosto nesse momento*. Resumindo, a gente é parente, meio de longe, mas é. Mas a gente tinha que saber ao certo toda essa história - *e ri muito* - tu que estuda e eu venho te dizer coisas - *eu afirmo que a sabedoria tá aí, por isso que estou indo ao encontro delas* - dizem que tem muito silva por aí porque quando dava uma revolução ou algo parecido, o povo se escondia e quando alguém achava diziam: 'Olha aquele lá, um silvícula qualquer' e depois as pessoas eram registradas com sobrenome Silva.

Dizem que a vó Aninha usava só uns panos, não usava roupa de baixo e montava a cavalo como os charruas, e que era indígena e os quatro filhos foram todos do mesmo homem de nome Esteban, que eles acreditavam ser espanhol.

Tinha tropeiro, mas espanhol e português. Tinha também muito português que passava nos trilhos daqui, mas de carretas daí. Mas este passava a cavalo.

Eu ando chateada com a minha terra lá porque vizinhos vão lotear todas as terras e o esgoto vai pra onde? Eu tenho cinco vertentes na minha terra. Estou muito preocupada com isso. Só se eu for no Ibama registrar essas vertentes, mas tem que ter dinheiro pra tudo. Avisei meu vizinho já. Pena que o Leonardo não tem tempo pra ver isso, veio do nordeste, mas tá trabalhando aqui e não tem tempo. Vamos ver o que vai dar isso.

Eu pergunto se não tem a corticeira nas terras, que é árvore protegida. Mas ela disse que não. Só maricá. Mas teria que ver a questão deste loteamento. Peço pra tirar uma foto dela na sacada do apartamento, e ela consente. Ao fundo, a Praça do Chafariz, ponto turístico da cidade e a rua que passa em frente é a que sobe para o Centro Administrativo de Portão.

Figura 63 Lorena radiante na sacada de seu apartamento



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Então fico encantada com tudo que ouvi e descobri de minha própria história. Agradeço com muito carinho e retorno ao meu lar pra salvar as informações e processar silenciosamente, as novidades todas.

18/04/2018

A ida ao apartamento de Lorena é para finalizar e agradecer pela parceria. Também mostro as imagens e os textos, sendo que ela observa uma parte que me pediu para excluir, que foi atendido. Assim, peço que ela me descreva quem é a Lorena. Ela sempre muito descontraída e comunicativa, logo vai dizendo:

Hoje, aos 79 anos, eu sou uma mulher renovada. Desde que me divorciei depois dos 60 anos, que minha vida mudou, eu sou uma outra pessoa. Apesar da idade, eu sou uma pessoa que vejo o mundo de um jeito diferente, sou uma pessoa de ideias novas, não sou apegada às coisas antigas, eu acompanho a evolução do mundo. Tenho muito medo das invenções muito modernas, mas temos que aceitar e ir caminhando junto com o modernismo, com o modo como as coisas são. A Lorena de hoje é uma pessoa prá frente. Pela minha idade não sou uma velha parada no tempo. Eu ando com o giro do mundo. Têm pessoas que ficam paradas e não vêem o mundo girar. E o mundo gira, e com muita velocidade. Eu sou uma pessoa prá frente, vivendo a vida, solitária, mas [...] porque os filhos crescem e vão viver a vida deles. E a gente tem que saber viver, a vida é uma arte. A gente tem que aprender a viver sozinho, se aceitar. E eu vou levando a vida assim. Enquanto der, enquanto tiver forças para andar, não tem problema. Eu sei, eu sou muito realista. Pode ser semana que vem, pode ser mês que vem, pode ser ainda daqui a quatro, cinco anos, mas eu sei que eu vou ficar dependente de alguém que me ajude, que me carregue, mas por enquanto eu vou tocando a vida. Tocando em frente como diz Almir Sater.

Por vários motivos, “Mulheres e solidão têm andado de mãos juntas” (PRIORE, 2013, p. 268). Lorena está entre as mulheres que

Depois de décadas de dedicação ao marido, aos filhos e à família, descobrem-se sós. E felizes. Podem se dedicar aos projetos pessoais. Passam então a investir no próprio prazer. Vão estudar, viajar, caminhar. Tornam-se mais seguras, confiantes, autênticas. Perdem o medo de ser livres (PRIORE, 2013, p. 269).

Os objetos que guardam as lembranças de suas inúmeras viagens revelam um pouco do muito que é esta mulher. É impossível não se emocionar com as palavras dela, sempre tão poética. Nos abraçamos, agradeço muito pela confiança e pelo carinho com que me recebeu nestes dias.

8. DEPOIS DE TANTAS ANDANÇAS, FINALMENTE O LAR É AGORA, SEU LUGAR!

05/02/2018

Neste dia encontrei-me com Ana Maria. Ela estava em uma festa de aniversário na casa de um conhecido em comum. Sentei perto dela e troquei umas palavras como contato inicial, embora nos conheçamos há algum tempo: um dos netos dela é meu afilhado e nos víamos mais quando ele era pequeno, nas festas de aniversário. Meu afilhado já está no doutorado. Estes encontros já fazem certo tempo. Mas enfim, conversamos e pedi a ela se eu poderia dar uma passada na casa dela daqui uns dias pois estava fazendo um trabalho e queria conversar. Ela, um pouco desconfiada, aceitou. Salvei o número de seu celular.

O que posso adiantar sobre ela? É casada, aposentada como cabeleireira, tem um casal de filhos, três netos e um bisneto. Ela tem mais de 60 anos, só não sei ao certo quantos anos.

21/02/2018

Eu havia conversado com Ana Maria numa festa e depois mandei mensagem combinando ir a sua casa. Ao chegar lá ela veio calmamente me receber no portão. Nos abraçamos e pedi licença para entrar em sua casa. Seu marido estava em cima de uma cadeira lavando a vidraça da garagem e me cumprimentou sorridente. Sentei-me e fui logo explicando a ela sobre a pesquisa e sobre a importância da parceria dela. Ela achou muito interessante e disse: “Que bacana, hoje em dia os mais novos não se preocupam com os mais velhos”. Então falei sobre fotografia, gravação de áudio e autorização e ela prontamente concordou. Dando uma rápida olhada nesse espaço que me encontro parece que estou em uma casinha de bonecas: tudo arrumadinho, decorado, com flores, como diria minha vó ‘brilhando’.

Embora hoje sendo mais uma conversa sobre a pesquisa, ela fez questão de que eu tomasse um suco e então eu perguntei a ela sua idade. Porque eu sabia que ela tinha mais de 60, mas não sabia ao certo quanto. Fiquei espantada ao saber que ela vai fazer 72 anos em abril porque não parece. Ana Maria tem uma pele lisa, quase nenhuma ruga no rosto, e tudo isso naturalmente. Ela ficou lisonjeada. Despedi-me dela e então marcamos a próxima visita para a tarde de 08 de março.

08/03/2018

Cheguei à casa de Ana Maria, depois do horário de descanso, e ela veio me receber, muito sorridente. Entramos, organizei minhas coisas e então pedi pra que ela ficasse bem à vontade pra falar sobre o que ela desejasse, sobre sua vida, enfim, suas coisas mais marcantes. E ela foi me contando assim:

Eu nasci na Capela, em casa, uma morena - *ela se refere a uma negra* - que fez o parto da mãe. A mãe tinha sete filhos, três mulheres e quatro homens. Eu era a mais nova, o meu irmão mais novo antes de mim tinha onze anos quando eu nasci. Foi bem distante assim, ela nem pensava que era gravidez aquilo assim, ela achava que era da menopausa e eu sempre dizia assim, eu não fui planejada e ela ficava sentida comigo.

Eu tinha oito anos quando saí de lá da Capela. Eu ia no colégio da Arrozeira, que era a fábrica de corda na Capela, a Arrozeira Brasileira - *neste momento o marido dela entra, nos cumprimentamos e ele senta para ouvir nossa conversa*. Da Capela nós fomos pro Rio do Sinos em São Leopoldo. O pai foi obrigado a sair da Capela porque ele não ajudava mais o padrinho Orestes que era o dono da chácara onde nós 'morava' e aí assim ele só cuidava de cavalo e corrida de cavalo, daí esse meu padrinho ficou brabo porque ele não se interessou mais de plantar. Porque eles sempre colhiam mato, esse tipo de coisa, e ele chamou e disse pra ele sair da chácara, isso que ele não ganhou nada né, ele saiu com as mãos abanando. Naquele tempo não se sabia de direito, nada, por 25 anos a mãe morou lá. Na verdade, a gente foi daí pro bairro Santos Dumont em São Leopoldo. Ali onde tem uma rua que vai lá pra Novo Hamburgo, mas é assim beirando o rio sabe, o Rio do Sinos passava assim na frente. Teve uma enchente muito grande naquela época, meu Deus, quase entrou água dentro de casa, a mãe ficou apavorada. Aí nós fomos pra Pareci, no Boqueirão, no Carlos Simas, o Rudimar (meu esposo) deve conhecer ele. Conheceu porque já é morto. Lá ele tinha açougue, daí o pai ajudava a matar os bois, e depois a cortar, ajudava no açougue com o Antônio. Ali nós tivemos uns quatro anos eu acho. Eu fiz minha primeira comunhão lá. Daí nós fomos pra Conceição, em São Sebastião do Caí. Lá no morro, lá onde tem agora um condomínio, foi um ricaço que comprou essas terras tudo e fez um condomínio assim pros filhos, pra ele. Nós moramos lá bastante tempo, mais de cinco anos. Nós ficamos lá plantando né, naquela época a mãe era doente e ainda fazia essas coisas, capinar. Eu já devia de ter uns quatorze anos já. Eu já ia nos bailes, o tio Olavo tinha salão, na Conceição. A mãe que ia levar no baile né. Depois a gente foi morar numa chácara, nem era chácara, era um pedaço de terra, no tio Oscar, como é que é, ali no Vilson da Olga - *ela aponta como que mostrando que é aqui perto, em Portão mesmo*. Era uma casinha assim bem pequenininha - *e espicha a palavra pra afirmar* - e a mãe tinha móveis, móveis, muitos móveis, os filhos davam, traziam, daí a gente ia de carreta de boi na mudança, umas quatro carretas assim, carregando. O Nilo, o tio Edi, acho até que o vô Martinho também foi lá buscar as coisas. Aqui que conheci o meu véio - *e eles riem bastante*. Ele morava aqui pertinho. Aí quando eu noivei, nós fomos morar no Faxinal que é agora ali onde tem aquele açude grande ali, depois daquela curva onde tem a Santa Rita, como é que é, é uma casa pra mulheres drogadas, ali na esquerda, a gente tinha aquela chácara daí, onde tem aquele açude grande. A mãe ganhou do meu avô aquela chácara. Aí fizeram uma campanha aí e fizeram aquela casa pra nós. A gente já tava rodando demais né, depois de velho, a mãe ter que fazer tudo isso né, morou no Pareci, não. Primeiro ela saiu lá da Capela, de onde era como se fosse a casa dela né. O padrinho era o dono da chácara, ele dava autorização assim pra ela fazer tudo, tirava leite das vacas, fazia tudo. Daí

quando saiu dali sabe parece que ela não tinha assim mais gosto de nada e daí nós fomos morar numa casinha assim, nossa. Nem pintada não era, só tábua, ali na beira do Rio do Sinos. Daí a gente ficou lá um tempo e o pai foi chamado pra trabalhar com o Carlos Simas. Foi muitas idas e vindas, pra lá e pra cá. E muita coisa da mãe foi se perdendo com tudo isso.

Bachelard (1993) trata sobre as questões que envolvem a casa, entre narrativas históricas e poéticas deste universo. Ao observar Ana Maria narrando sobre suas casas 'vivas', a escrita do autor parece incrustada em cada peça onde o meu pensamento e o de Ana adentram.

Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. [...] Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida (BACHELARD, 1993, p. 25-26).

Ela suspira e continua falando:

Tenho muita coisinha assim que ela deixou pra mim, toalhinhas de prato, o quadro de Nossa Senhora Aparecida. Este quadro foi a última coisa que ela olhou. Quando ela veio pros três pastores. Aquele quadro quebrou ao fazer a limpeza na casa, onde ela morava, na casinha que tinha aqui do lado da minha. Daí quebrou o quadro e eu fiquei só com o papel, com a imagem. Do meu pai ficou bastante coisa. Essa semana a gente ainda tava arrumando o galpão lá e agora a pouco tempo eu trouxe pra dentro aquela coisa que ele afiava faca, era uma pedra que ele afiava os 'facão', as facas sabe - e *ela gesticula mostrando como era feito o movimento deste instrumento*. E o que mais, machado, foice, tudo era dele - e *o marido dela complementa, o manxol (tipo de instrumento que dobra outro)* - o manxol a gente usava pra fazer gamela, tem também a plaina. Mas muita coisa se perdeu neste vai e vem que a gente passou. Mas eu tenho algumas coisas, panela de ferro, tenho um vestido dela que eu guardei. Tem um vestido dela, comprido, que já foi usado em desfile de gincana - e *ela me leva pra um dos quartos da casa, uma casa de boneca a dela*. Não repara, vou te mostrar o vestido da minha mãe - *neste quarto também tem uma penteadeira pequena, e então ela desembrulha o vestido e abre*. Esse é o vestido da minha mãezinha, que eu guardo com muito carinho. Eu fico às vezes pensando, será que um dia eu vou conseguir usar ele? Ela era bem magrinha. Minha mãe, minha adorada. Ela sofreu muito, coitada. Que saudade - e *então ela dobra e guarda rapidamente o seu tesouro, como forma a não deixar exposto, e eu não insisto para fotografar, pegando só esta imagem pois estou muito próxima à ela*.

Figura 64 Ana sorri ao tocar no vestido de sua mãe



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Essa boneca que tá aqui nesta penteadeira era da Solange quando era solteira. Ela ia botar fora e daí eu trouxe, eu não gosto de botar essas coisas fora. Ela ganhou da Regina porque na parte de baixo dá pra botar bala dentro e então eu botei areinha dentro pra dar peso. depois, com certeza a minha neta vai vir brincar com ela.

Figura 65 Ana no antigo quarto de sua filha



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Este quartinho quem ficava era a vó, eu comprei o roupeiro e o bidê e a cama, a penteadeira eu ganhei da minha tia. Tem até os guardanapinhos de crochê, por tudo aí. Ela me mostra um quadro do Padre Reus e um com uma foto onde aparecem cinco gerações da família, desde a vó Danga, Arcentina, até o Eduardo. Aí ela morreu e ficou as coisas aí. - *E ela vai para outro quarto, ela tem os quartos todos arrumados e preparados para esperar os filhos e netos. Aqui é o quarto de visita, do meu filho quando vem - e tem uma outra penteadeira com objetos e guardanapos de crochê - tem até o berço ali esperando quando eles chegam - com a Bíblia ao centro, Ana colocou as fotografias de casamento de seus filhos, da filha à direita e do filho à esquerda na imagem.*

Ana Maria deixa os quartos rigorosamente limpos e organizados para os filhos com suas famílias, mesmo que a filha more no mesmo bairro que ela e que o filho venha de vez em quando. O espaço com suas imagens fotográficas e alguns de seus pertences dão a certeza da presença deles. Afinal “[...] a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos” (BACHELARD, 1993, p. 25). Assim, ao deixar os espaços da casa como antes do casamento dos filhos, Ana Maria revive os momentos felizes vividos em seu lar, sempre esperando o retorno deles para encher a casa e seu coração de alegria.

Figura 66 Penteadeira do quarto de visitas



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

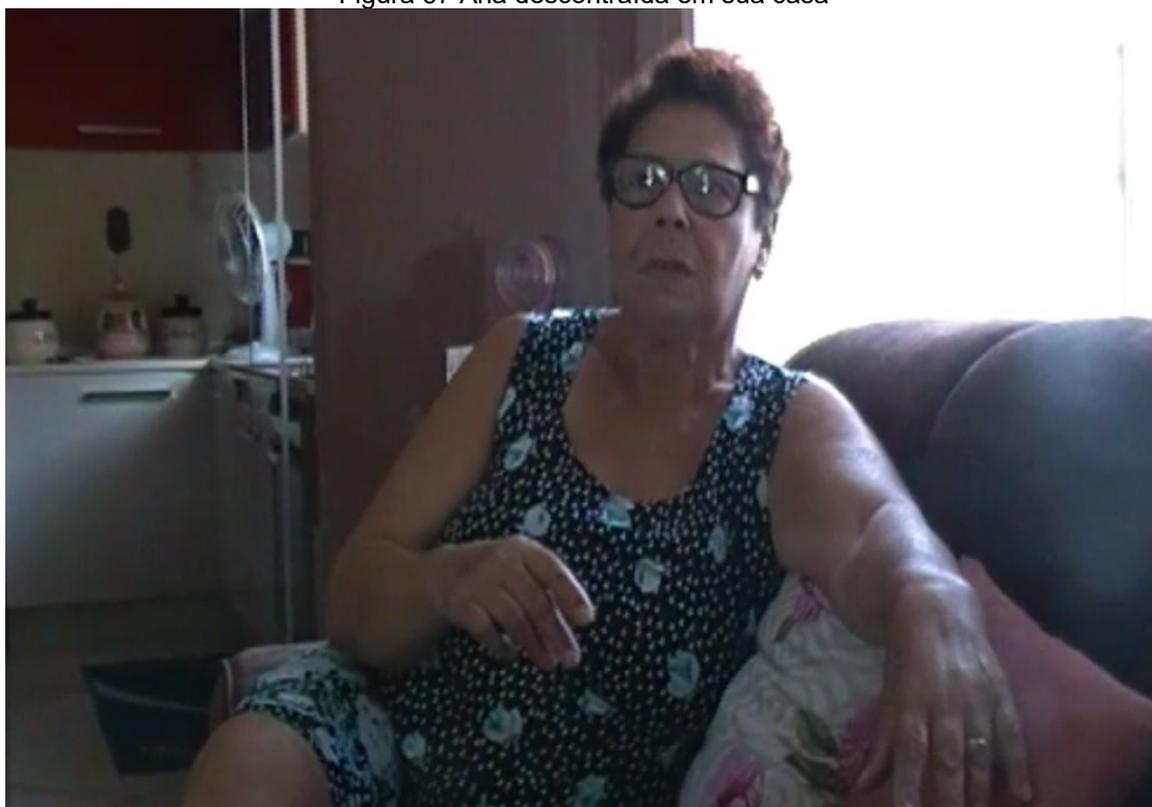
Hoje eu troquei as camas - *ela se refere às roupas de cama* - não sei se eles vêm neste sábado ou no outro domingo. Quando eles vêm em domingo daí eles não vêm pra posar, eles só vêm pra passear. E eu já tô esperando com os crochezinho aqui pronto oh. Pra casa nova, eles se mudaram. Eu fiz uma toalha pra ela, de mesa, eu fui lá e ela tinha uma toalha que era minha ainda na mesa, tava queimada assim do lado, tava queimada assim do ferro que ela colocou. Daí eu disse, não, tem que ganhar uma nova. Então eu comprei e fiz crochê e fiz mais dois panos de prato. Eu tô sempre pronta esperando os filhos e pra neta também, ali tem um pacote de fralda, sempre esperando por ela – *o filho e a família moram em Bento Gonçalves, na serra gaúcha*. Este quarto era meu antes e aí ele tava muito pequeno já pra mim, essa cama também era do meu quarto.

Aqui eu tive salão no começo até fazer a casa. Daí eu comecei o salão aqui. Tinha uma porta aqui do lado - *ela aponta* - que saía pra área. Depois o Zé fez uma garagem junto com a casa. Daí um dia a gente tava, eu e a Solange, olhando o pai construindo ali e coisa - *ele é pedreiro* - daí a Solange disse: 'Mãe por que tu não faz o salão aqui?' Eu tinha carpete na peça do lado que eu usava antes, forração. E na garagem tinha piso. Coisa mais ruim assim, sair com os pés, com o calçado cheio de cabelo e passar pelo carpete. Claro, eu levava tempo tirando aqueles cabelos com aspirador. Mas ela me deu uma boa ideia mesmo. Daí ele fez o salão lá - e *ela anda pela casa mostrando*. Aqui é minha sala de dentro, tá limpa, não tem um guardanapo, eu tirei tudo pra lavar. Eu não tinha mexido neles desde o Natal porque não tinha ânimo, me quebrei, fiz a cirurgia no braço, mas agora tá tudo bem, graças a Deus.

Ana Maria demonstra uma necessidade muito grande em organizar os objetos de sua casa. Pelos estudos de Carvalho (2008) "[...] o princípio de ordenação dos objetos da casa gratificava muito mais as necessidades simbólicas ligadas a funções psicossociais de controle, tranqüilidade e estabilidade, do que os objetivos pragmáticos da planificação do trabalho" (CARVALHO, 2008, p. 250).

A sensação que se tem ao transitar pela casa de Ana Maria é de ordem e tranquilidade. Como citei em meus relatos, a casa de Ana Maria parece uma casa de bonecas, com enfeites, arranjos de flores meticulosamente arrumados e artesanato espalhado pela casa, feito pelas próprias mãos dela. Desde crochê, pintura e bordados, colocados em cortinas, toalhas, tapetes, tudo tem um toque dela. Uma das explicações de tamanho apreço na organização do espaço da casa se dá justamente pelo fato de, quando criança e adolescente, ter tido várias casas em tão pouco tempo: havia a necessidade de um espaço seu, de aconchego, proteção, um lar.

Figura 67 Ana descontraída em sua casa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

E então eu agradeço a atenção deles porque ele ficou junto quietinho assistindo tudo. Ela me acompanha até o portão e vou pra casa salvar os materiais.

26/03/2018

Ao chegar na casa de Ana Maria ela veio logo me receber, arrumei minhas coisas e fui direto ao ponto: perguntar sobre objetos e sobre o que ela lembra a respeito disso quando criança, adolescente, enfim. Então, ela começou contando que:

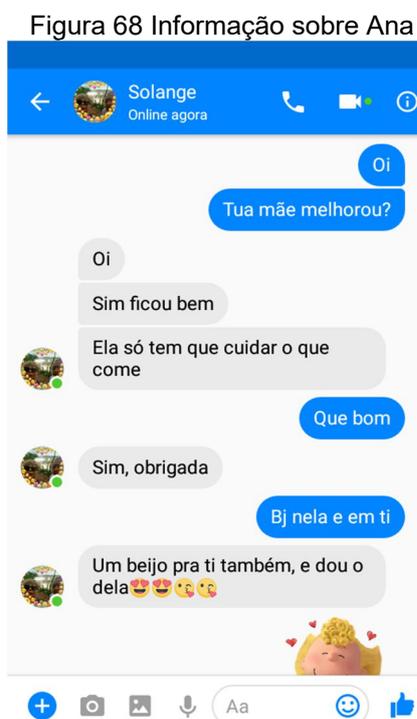
Quando eu era criança, não podia mexer nas coisas da mãe. A mãe tinha assim uma penteadeira, era um móvel que tinha assim as gavetas bem altas e em cima ela tinha assim, perfume, tinha remedinho pra botar nos joelhos e aí nenhuma criança podia mexer. A mãe era assim oh, a melhor toalhinha que ela tinha estava sobre este móvel, a melhor, de crochê, mas isso eu era bem pequenininha. Eu me lembro até hoje que tinha franjas na toalhinha. Ela gostava de fazer coisas assim. A tia Celita bordava muito, fazia aqueles macramê também. Elas gostavam disso. Era lindo aquilo. Daí depois ela teve dos quartos que as tias davam pra ela assim, de móveis antigos, e ali também a gente não podia mexer né. Ela tinha uma bacia, uma jarra e uma toalha assim branca. Eu nem sei quem ficou com aquilo porque depois que eu fiquei moça assim, eu nunca mais vi. Acho que ficou lá na Capela onde a gente morava.

Olha, sobre isso a gente já tem que ir pensando, as nossas coisas. Eu tenho duas coisas que eu guardo, que uma é pra Solange e a outra é pra menina do João: é aquela pulseira de ouro que eu comprei quando eu trabalhava no

salão ainda, a Solange tinha 15 anos quando eu comprei. Eu comprei um anel de formatura do ginásio pra ela, com uma pedra azul marinho. Ainda bem que os ladrões não levaram aquela vez. Pra Solange vai ficar a máquina de costura que eu tenho, que eu imagino assim, que eu planejo. E pro João vai ficar algumas coisas assim, do pai dele que tem algumas coisas. A gente não sabe quanto tempo a gente vai durar ainda.

Um tempo atrás a gente gostava muito de ir nos bailes. Aí depois a gente parou porque eu fiz a cirurgia de coluna né. Eu não me achava firme pra dançar e tal. Mas um dia eu vou ir ainda, mas vou melhorar, porque de vez em quando eu tô aí me acidentando, como diz o outro. Desse braço eu fiquei parada seis meses ou mais. A gente se sente bem assim ainda porque não tem necessidade de ter outra pessoa pra cuidar da gente, o Zé (esposo) já vai fazer 80 anos esse ano e eu vou fazer 72. A maioria das pessoas desta idade já tem outras pessoas cuidando, ou um filho quando pode cuidar, ou alguém pago - *eu brinco com o esposo dela dizendo que vou contratá-lo pra limpar minhas vidraças pois vi ele fazendo isso noutra dia e eles dão risada.*

Eu percebo que ela não está com uma boa fisionomia, questiono e ela diz que não está bem, mas que está tomando chá e vai passar. Pedi a ela pra mandar uma mensagem pelo messenger para a sua filha. Ela autorizou e eu fiz. A filha logo ligou para ela e elas combinaram de ir ao médico. Sua filha ficou grata e eu encerrei a visita agradecendo então a acolhida e marcando a próxima visita para abril, onde vamos então ver a penteadeira dela. Frisei que é preciso ela se cuidar, não esconder nada da filha que mora aqui perto.



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

09/04/2018

Ida à casa de Ana Maria. Fui recebida por ela e fomos às conversas, ela melhorou de saúde, coisa boa. Pedi logo se poderia ver sua penteadeira. Ela me convidou para ir ao quarto dela e eu fui. Ela vai na frente, abre a cortina e então ela vai falando:

A minha penteadeira, o que eu tenho aqui de relíquia, é as minhas santinhas, meu Jesus e esse porta joia. Este Jesus Cristo aqui, crucificado, foi a vó Danga, minha sogra, que deixou pra mim. Deixou não, ela morreu aqui e daí ficou e eu guardei pra mim. Eu nem sei de quem ela ganhou, mas eu guardo ele porque é uma coisa que já não existe mais quase. Nesse porta joia eu guardo as minhas coisinhas dentro. Eu mesma comprei ele, mas faz bastante tempo. Eu guardo aqui meu terço, meu anel, este anel aqui eu tenho desde que eu fiz 15 anos e a mãe me deu. Ele tinha uma pedra vermelha, ela caiu e aí eu mandei botar uma pérola. Esta pulseira a Solange trouxe pra mim de lá onde ela foi viajar agora esses dias, em Foz do Iguaçu. Tem bastante pedra por lá e daí ela trouxe esta pulseirinha - *e remexe no porta joia* - estas coisinhas assim. Esta aliança não serve mais em mim, é do tempo que eu vendia joia com a Solange, lembra que nós ia buscar em São Leopoldo? - *eu me mexo em sinal de dúvida, mas digo sim pra não atrapalhar o pensamento dela e ela continua*. Eu tenho essa e uma verde com branco. e tenho uma pretinha, a pretinha é ouro branco mesmo - *e ela fecha o porta joia redondo, que tem um espelho interno*. Esta Nossa Senhora também é de Foz de Iguaçu, é de pedra que eles fazem, assim transparente. Este crochê da minha penteadeira fui eu que fiz. Eu faço e gosto. A gente tinha o grupo que fazia crochê, tricô, onde tinha a dona Erna, mulher do falecido Miro Selbach, um dos primeiros prefeitos, eu acho, depois do Lothar Kern e nós fazia assim muito crochê, roupinha de criança. Eu já era casada. A gente se reunia toda segunda feira pra fazer, porque eu não trabalhava no salão daí e aí uma dava carona pra outra pra gente ir nas casas. Uma semana era numa casa, outra semana era em outra.

A participação neste grupo de artesanato é presente na memória de Ana Maria, por vários motivos. Um deles é pelo fato de ter aprendido a realizar as atividades manuais, mas o fator mais importante é pelas relações que criou com as pessoas que, ainda hoje, fazem parte de seu cotidiano. O grupo citado por ela já não existe mais, mas individualmente muitas delas ainda se encontram. O certo é que estas lembranças fazem parte da trajetória de vida de Ana Maria e que permanecem vivas para ela pela força da coletividade.

A memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertence a esse ou aquele grupo. Além disso, ela já não atinge diretamente os acontecimentos e as pessoas. Ora, é precisamente o que está além desse limite que prende a atenção da história. Às vezes se diz que a história se interessa pelo passado, e não pelo presente. Entretanto, para ela o que é passado realmente é o que já não está mais compreendido no terreno em que ainda se estende o pensamento dos grupos atuais. Parece que a memória coletiva tem de esperar que os grupos antigos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória tenham desvanecido, para que se preocupe em fixar a imagem e a

ordem de sucessão de fatos que agora só ela é capaz de conservar (HALBWACHS, 2003, p. 133).

Ana Maria pega a imagem de Nossa Senhora e conta:

Essa Nossa Senhora aqui é lembrança do batizado da minha neta, tem água benta dentro e um tercinho em cima. É a lembrancinha, bem diferente. A Lisi tem umas ideias de fazer, tudo ela faz diferente, de lembrança. No primeiro aninho da Alice era um pé de flor e tinha uma lembrancinha assim escrita, mas eu não sei onde eu guardei aquilo.

Figura 69 Ana olhando para o espelho enquanto conversa



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Então eu pergunto pra ela sobre espelho porque ela fala comigo sempre olhando pra ele e daí ela diz: Eu gosto de me olhar no espelho, gosto mesmo. Eu trabalhei muitos anos em frente ao espelho né. Não sei se tu conheceu, a minha tia era penteadeira - ela se refere à cabeleireira - a tia Celita do Cesarino, e eu trabalhei muito tempo com ela. Eu estudei só até quarta série lá no morro da Conceição, lá eu fiz até meio do ano do quarto ano e no meio do ano eu saí pra nós vir pra cá, pro Rincão, ou melhor, na Cachoeira - localidade de Portão. Aí assim eu já comecei a trabalhar com o tio Osni na época, ajudava na limpeza, ele tinha armazém na época, também trabalhava com a tia Celita porque ela tinha filho pequenininho e ela tinha salão e eu ajudava ela a cuidar das crianças, a Jana e o Luciano, não sei se tu conheceu - sim, eu afirmo - aí assim eu aprendi muito com ela. Eu admirava muito as coisas que ela fazia, os penteados, aquelas coisas. Daí eu cuidava como ela fazia e daí comecei a cortar cabelo em casa, tinha uma tesoura boa que ela me deu. Ela me deu a tesoura e a capa pra eu cortar cabelo. E aí eu comecei a cortar, me atinei assim que eu podia abrir um salão. Foi quando nós fizemos essa casa porque a gente tinha uma casinha assim bem pequenininha, bem pobrezinha assim, sabe, nesse lugar aqui já. Daí eu comecei na sala da minha casinha de madeira, o salão.

Ana Maria viveu intensamente o momento quando construíram sua primeira casa. Este espaço de recolhimento, afetos e laços de parentesco é, para ela, um lugar sagrado. Sua narrativa é um retrato de que, realmente, “[...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’. Porque a casa é o nosso canto no mundo” (BACHELARD, 1993, p. 24).

A primeira noiva que eu arrumei eu tremia mais do que a noiva, de medo de não ficar direitinho e sabe que ela me deu fotos dela como a primeira noiva. Eu pedi pra ela. Ela tinha, não, ela tem o cabelo bem lisinho, tu conhece ela, é a mulher do Hélio, do mercado, a Eli. Ela tem o cabelo bem lisinho e eu fiz papelotes nela e ficou crespinha as pontas sabe? Mas aquilo foi pra mim assim, sabe, umas coisas assim que não sei como vou te dizer - *eu ajudo, uma conquista?* - isso, uma conquista.

E aqui eu deixei a caixa de retrato. *E ela vai subir numa cadeira para pegar a caixa em cima de um armário e eu então desligo a câmera e faço pra ela, e ela em seguida começa a me alcançar as fotos que estão ali.* Olha a Solange comigo. Esta foto é dos meus 60 anos. - *a sua filha é muito parecida com ela.* Olha aqui e vê se não é a minha cara, às vezes eu olho e acho que é eu - *e mostra a foto da filha Solange.* Olha aqui a noiva, eu tremia que nem uma vara verde, parecia que era eu que ia me casar. Ela queria que encrespasse, lembro direitinho. Faz mais de 30 anos que eles são casados, porque eu tive salão por 30 anos e ela foi a primeira noiva, logo que eu comecei a trabalhar, já faz bem mais de 30 anos isso daí. E não tinha nada destes encaixador elétrico que tem hoje. Mas as fotos da Solange, às vezes eu olho e acho que é eu.

Então eu agradeço pela conversa de hoje, com este ambiente sereno e tranquilo e combino de voltar daqui há alguns dias. Fico de ligar antes porque ela não tem facebook e não gosta de mexer no whatsapp.

Figura 70 Primeira noiva arrumada por Ana



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

19/04/2018

Estive hoje na casa de Ana Maria para explicar sobre a finalização dessa parte da pesquisa, mostrar os escritos e as fotografias que tirei em sua residência. Solicitei que ela me apresentasse quem é a Ana Maria nos dias de hoje. Ela sorriu, passou a mão no queixo e disse:

Eu me apresento como uma mulher guerreira que eu sempre fui, cuidei sempre dos meus pais, dos meus irmãos, da minha sogra. Cuidei dos meus netos, criei eles até seis, sete anos. Eu acho que eu sou assim, uma pessoa que se dedica às pessoas que precisam. Então eu acho que eu sou guerreira. Eu sempre fui muito doente, eu já fiz várias cirurgias, e foi preciso fazer [...] E eu nunca desanimei, eu sou católica, tenho muita fé e Deus nos dá o que a gente pode aguentar. E também sempre trabalhei, desde pequena, com quem gostava de se cuidar. então eu herdei este cuidado com o corpo, a pele. Minha tia era cabeleireira e sempre depois que se levantava arrumava o cabelo, passava creme no rosto e então, acho que peguei aquele ritmo dela.

Percebe-se o orgulho dela por sua trajetória, apesar de seus problemas de saúde. Eu agradeço muito por sua disponibilidade e peço que ela se cuide e fique bem.

9. O ENCONTRO COM O AMOR QUE TUDO SUPERA

12/12/2017

Neste mesmo dia, depois da casa de Dona Maria, visitei Celina para realizarmos nosso primeiro momento de conversa, com um chimarrão de companhia. Celina de Vargas é uma mulher de origem alemã com 61 anos, nascida em 27 de dezembro de 1956, na localidade de Linha Temerária, em Nova Petrópolis. Há quase 50 anos é moradora do município de Portão, casada, sendo que teve dois filhos: um nasceu morto pois passou da hora do parto, e a outra faleceu após o parto de sua segunda neta. Ou seja, quem ela tem, segundo ela, é o esposo e a alegria do encontro com as duas netas que vem visitar eles a cada 15 dias.

Atualmente ela demonstra estar mais fortalecida, embora faça apenas três anos que sua filha faleceu. Uma coisa que se observa rapidamente é que ela gosta muito de guardar objetos. Por toda casa se percebe isso, em todas as peças existem detalhes com flores, objetos diversos em madeira, acrílico, também existem bordados e enfeites em crochê. Depois do chimarrão, combinamos outro encontro após as festas de fim de ano.

Figura 71 Chegando à casa de Celina



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

11/01/2018

Hoje é dia marcado com Celina. Fui até a casa dela e ao chegar, seus cachorros vieram me receber, todos no pátio hoje, que festa. Ela me recebeu com muita alegria e me convidou para entrar. Entramos e ela puxou a cadeira da mesa pra eu sentar. Sentei e como tínhamos combinado este encontro depois das festas de fim de ano, falei então para ela sobre a pesquisa. Então ela disse:

Não sei se vou conseguir falar alguma coisa pra te ajudar porque na minha vida toda não tive muito estudo, tive muita dificuldade - *fala com certa timidez*. Eu vim da colônia e tive de começar tudo na minha vida com muito esforço. Era o trabalho na roça, era ir de caíco pra escola, era trabalhar em casa de família, namoro proibido, e as outras coisas que tu sabe - *acredito que ela esteja se referindo a perda dos filhos*. Então não sei se posso te ajudar em alguma coisa.

Eu explico a ela sobre como funciona o trabalho e da importância disso tudo, da história dela, pra que eu possa compreender o percurso das pessoas, dos objetos que as pessoas guardam, do que pensam sobre o assunto e que ela, se quiser, vai me ajudar bastante. Ela então sinaliza com um sorriso.

Observei hoje que ela possui quadros com bordados espalhados pela casa. Mas não fotografei nada neste dia, só conversamos sobre o envolvimento e o que era a pesquisa. Abracei ela e agradei. Mês que vem, depois que ela sair com o marido de férias, nós voltamos a nos encontrar.

A entrada em campo sempre transcorre desde uma rede de interações tecidas pelo(a) antropólogo(a) no seu contato com um grupo determinado, sendo o trabalho de campo um laborioso trabalho de entrada do(a) etnógrafo(a) desde uma situação periférica no interior da vida coletiva deste grupo até seu deslocamento progressivo no coração dos dramas sociais vividos por seus membros (ECKERT, ROCHA, 2008, p.12).

19/02/2018

Dia de retornar ao campo. Duas visitas para hoje. Pela manhã, Celina de Vargas, à tarde, Marli. Ao chegar à casa de Celina fui logo recebida com aquele abraço apertado. Sentamos na área aberta, peguei meus materiais e mostrei a ela, de modo que não ficasse encabulada com nada, que este material eu utilizaria para meu trabalho, mas que ela iria confirmar o que poderia aparecer. Passadas as explicações pedi que ela começasse a falar sobre as coisas que gostaria de contar

sobre sua vida, enfim, deixando-a confortável para falar sobre o que quisesse. E ela foi 'desenrolando-se' então:

Ah, eu estudei até a terceira série, perto de casa, e depois tinha que atravessar o rio de caíco para estudar. O problema era quando dava temporal e tinha que ficar em Arroio do Ouro, do outro lado, - *e gesticula com as mãos* - na casa de um casal conhecido dos meus pais porque não dava para passar no rio. Eles gostavam quando a gente tinha que dormir lá, mas eu não gostava. Mas foi só dois anos porque quando entrei na 5ª série logo tive que sair porque tinha que ajudar o pai na roça. O trabalho era duro, puxado, tinha que ficar abaixada perto da semeadeira - *ela abaixa as mãos e fica parada pensando*. Um dia desmaiei, não aguentava, era pequena e ficava muito tempo daquele jeito. Mas eu não tinha medo do serviço.

A noção de que o corpo precisa demonstrar estar em perfeitas condições para o trabalho é apresentada por ela diversas vezes. Percebe-se no modo como Celina se movimenta, com rapidez e disposição. É preciso notar que utilizei a palavra 'demonstrar' pois nem sempre é exatamente assim, saudável, que este corpo se encontra.

Também se apresenta nesta narrativa de Celina, os elementos que são base da atividade humana, concomitantemente: corpo, matéria e rito. Esses elementos devem ser observados com atenção pelo etnógrafo porque se pode realizar uma leitura a partir daí. Embora Claudine de France (1998) aborde este assunto em relação à linguagem fílmica, estes estudos ajudam a compreender como é importante observar os gestos de maneira a realizar uma leitura da linguagem do corpo em relação à linguagem oral.

Muito tempo depois abriram um supletivo mais perto de casa e daí consegui estudar de noite e terminar o 1º grau. Mas não era fácil, mas o bom que tinha meus irmão(s) pra ajudar e ir junto também. Lá em casa eram oito irmãos, três homens e nove mulheres contando comigo. Era uma vida difícil. Bem difícil. Não sei como a mãe dava conta também. Vixi.

Ela traz a questão sobre a representação da imagem do feminino, de força e coragem, ao mesmo tempo em que se percebe a dominação masculina ao supor que a mãe tenha que dar conta de criar e cuidar dos filhos, enquanto o pai trabalha no campo. Não deixando de registrar que sua mãe também fazia o trabalho no campo.

Daí a importância das palavras de Muzzarelli (1991, p. 16), quando afirma que "a história do trabalho feminino na área rural ainda está para ser escrita, imagem de trabalho duro e dúplice, conduzidos seja em casa, seja exteriormente, em benefício do grupo familiar" (MUZZARELLI apud FÁVARO, 2002, p. 45).

Percebe-se que ela, ao lembrar esses fatos, fica pensativa, embora não demonstre tristeza. Então, ela continua.

Uma das minhas irmãs, que era mais velha que eu, foi convidada a trabalhar na cidade de Portão, por um senhor que morava na Feliz e foi até lá procurar uma moça de família. Lembro como se fosse hoje quando o senhor chegou lá em casa a gente tava colhendo pepino. Fiquei contente. Parecia que a gente era bicho do mato quando chegava alguém. - *e solta uma gargalhada.*

Celina se refere ao fato de que as pessoas que moravam no interior tinham vergonha diante daquelas que vinham dos centros urbanos. Então, se escondiam dentro de casa ou no meio do matagal. Ficavam a observar o 'estranho' até ele se retirar. O diferente é tratado com desconfiança. Traz a mim, nesse momento, uma aproximação com a ideia do estrangeiro, por Simmel (1983).

Quando eu fiz 17 anos vim atrás da minha irmã. Ela conseguiu uma casa de família pra eu trabalhar. Fiquei dois anos e meio trabalhando lá, tinha que limpar a casa, cozinhar, lavar, até tirar leite das vacas. A dona Orlandina não queria que eu conversasse de tardezinha no portão com meu namoradinho. Era triste, era só uma conversa no portão.

Num domingo fui numa reunião dançante na igreja perto de casa e quando cheguei de volta tive que tirar leite das vacas no escuro. Pedi pra sair quando consegui arrumar outra casa pra ir porque não aguentava mais. Só tinha folga no domingo de tarde. E olha lá. E o salário também era muito pouco, a única vantagem é que tinha carteira assinada. E como eu tinha vindo da colônia, no começo achei muito bom. Fui pra dona Marlene, lá tive mais respeito. Fiquei 3 anos até que casei, com 22 anos de idade. Então parei de trabalhar pra cuidar da minha casa. *E ela prossegue e eu fico só ouvindo:*

Mas como eu queria trabalhar fora e naquela época os homens não deixavam a mulher trabalhar, eu tive que convencer muito ele para poder trabalhar, dizer que a gente tava recém começando. Ele não queria de jeito nenhum que eu trabalhasse fora, mas a gente não tinha nem geladeira. Nem banheiro tinha. Para ele ver que eu podia ajudar, daí ele deixou.

Esse fato que ela narra aconteceu no final dos anos 70. Neste período, a ordem dele seria quase que uma obrigatoriedade. No entanto, ela afirmou que utilizou muitos argumentos para que pudesse concretizar seu intento. "A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade" (PRIORE, 2001, p. 609). Assim, sair desta lógica era motivo para desgaste desnecessário de energia. Isso quando o esforço rendia bons resultados, como neste caso.

Aí fui para fábrica de calçados, trabalhei na Nische²⁴ um bom tempo, aí depois quando ganhei os filhos eu saí pra ficar em casa cuidando dos filhos. Mas eu tive que brigar muito para convencer ele pra eu trabalhar. Trabalhei lá 4 anos e meio e quando fiquei grávida fiquei em casa.

Na fábrica eu fui aprendendo, eu tava gostando, a gente gosta, nunca trabalhou fora, acaba gostando. Agora que eu tô vendo que a gente vivia de escravidão lá dentro porque não podia tomar água quando a gente queria, não podia ir no banheiro quando a gente precisava, era uma vida de escravidão, agora que eu tô vendo. Mas naquela época a gente não se importava, tava bem faceiro, não se importava porque tava precisando, tudo muito bom, uma festa. uma farra - *ela fala no sentido de que era tudo diferente, pegar ônibus, almoçar junto com muitas pessoas no refeitório, essas coisas fora da rotina diária do trabalho doméstico a que ela estava habituada.*

Hoje ela percebe que seus direitos, como trabalhadora, não eram atendidos. Mas a alegria por estar desempenhando outro papel na sociedade, não deixava notar isso naquele momento. Até porque ela entendia que, quando engravidasse, certamente voltaria a ficar em casa. "O problema está justamente quando esses atributos 'femininos' acabam sendo o mais importante, impossibilitando, por exemplo, um exercício mais pleno da profissão pelo fato de ser mulher [...]" (STREY, 1997. p. 93, grifo do autor).

No fim, meu marido tava gostando porque eu tava ganhando mais que ele. Um dia ele pegou meu envelope (*contracheque*) e mostrou lá na firma dele que eu ganhava mais do que ele. Nunca mais me esqueci disso: ele pegou e levou pro patrão dele. E olha que ele trabalhava sábado e domingo ainda. Também era uma escravidão. Ele começou de baixo e eu também comecei de baixo, a gente que nunca trabalhou fora qualquer servicinho era uma lindeza, trabalhava dia e noite e não se importava, podia mandar capinar, fazer o que quisesse que a gente não se importava.

O fato de trabalhar, sem pensar em quês condições, ocasionava prazer, mas também desgaste físico e emocional para além do necessário. Os homens com poucas condições financeiras se submetiam a isso e, muito mais ainda, as mulheres.

Falei então pra ela que nossa conversa tinha sido muito boa e que voltaria outro dia. Assim, ela não iria se atrasar para fazer o almoço. Ela concordou e ficou bem à vontade. A timidez dos dois primeiros encontros parece ter ido embora. A gente se despediu, peguei minhas coisas e fui embora. Os cachorros me acompanharam até o portão.

²⁴ Fábrica de calçados situada no município de Portão, mas que hoje não existe mais.

Figura 72 Companhia até o portão



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

05/03/2018

Hoje fui conversar com a Celina. Chegando lá, como sempre, fui recebida pelos cachorros. Entrei com ela então, porque senão eu sou lambida dos pés até a cabeça, não que eu não goste, dou atenção a eles, mas logo foco em meu objetivo e começamos a conversar na área, sobre a pesquisa. Ao conversarmos sobre os objetos de penteadeira ela me puxa, pela mão, para o quarto dela e vai falando sobre suas coisas:

Eu guardo minhas coisas aqui, são essas coisas aí que eu guardo - e *aponta para a penteadeira*. Tem meus cremes, tem coisarada ali.

Figura 73 Penteadeira de Celina



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Tem aquele porta-joia, tem um porta-joia embaixo, ainda tem esse aqui - e mostra a caixinha de música. Antigamente tava funcionando, agora não tá mais, até eu queria dar para Julia - e liga a caixa de música, que funciona e enquanto a gente conversa, a música vai fazendo seu papel de resgate da memória auditiva. Essa já faz anos que eu tenho, eu ganhei do Clério, não sei se foi de noivado ou de Natal, foi um dos dois, acho que foi de Natal.

A memória é acionada no momento em que o olho toca o objeto. Este, por sua vez, remete a um movimento no espaço e tempo, trazendo para a narrativa, as lembranças que podem ou não ser associadas a acontecimentos atuais, mas que, com certeza, disparam sensações após a percepção que se tem diante do objeto. “A memória vem de alhures, ela não está em si mesma e sim noutro lugar, e ela desloca” (CERTEAU, 1994, p. 163).

Figura 74 Caixa de música de Celina



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Esse aqui não era meu - e aponta para um porta-joia de porcelana. Esse era da Marília, (sua filha falecida há poucos anos), ela ganhou da tia Marlene quando ela fez a primeira comunhão, não tem muita coisa dentro. Mas minhas joias, as minhas joias estão nas gavetas - refere-se a bijuterias e abre as gavetas da penteadeira. Tem coisa que não vou usar nunca na minha vida Sandra, de tanta coisa que eu tenho Sandra. Olha aqui, olha que tanto brinco, que tanta coisa - e vai espalhando suas coisas sobre a cama. Não consigo me desfazer e isso que eu já dei. Olha aí, até um leque eu tenho - e se abana dando risada. Isso que eu já dei um monte de coisas. Tenho também todas as cartas que o Clério escreveu pra mim. Ele escrevia nas férias porque eu ficava o verão todo na praia com a dona Marlene e então ele escrevia e o Kiko (filho de Marlene) levava as cartas pra mim no final de semana.

As cartas de amor guardadas por ela atestam o sentimento inicial que havia entre ela e o esposo, demonstrando em si mesmas, o afeto que ela deseja que esteja impresso para sempre nesta relação. A impressão é uma marca que, se bem acondicionada, pode durar muito tempo.

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência (HALBWACHS, 2003, p. 86).

Figura 75 Celina revendo as cartas de amor



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Tenho coisas mais antigas, coisa de mais tempo. Eu tenho um colar, não sei se tá aqui, não sei, que é bem antigo - e remexe nas caixas. Está aqui, fazem anos já, é de ouro, de coração, o pingente é novo, mas a correntinha

é bem antiga. Não tenho joia do tempo de solteira porque a gente não costumava usar antigamente. Antigamente a gente nem tinha joia. Essa caixa de música tinha uma bailarina que dançava em cima mas aí estragou. Ganhei não sei se foi da Ilse ou da Melita (suas irmãs) mas foi uma das duas. A Marília adorava, eu ligava isso aqui pra Marília dormir de noite. Tem uma música muito bonita, mas estragou - *então ela mostra algo que estava dentro desta caixinha*. Isso aqui é o primeiro presente para o pai que a Marília fez quando ela foi no colégio, no pré, tá vendo aqui - *e mostra bem perto dos meus olhos* - papai com um cachimbo, é de gesso. Ela fez, isso aqui é uma joia rara, isso é um tesouro. Não, o tesouro não está mais aqui - *ela se refere ao fato da filha ter falecido, ela que era seu maior tesouro, e logo continua sua fala*. Eu tenho guardado as coisas do colégio, como se diz, o boletim. Tudo desde o pré até agora, tudo guardado. Eu guardei e me lembrei assim, um dia eu vou precisar pras gincanas. Estava guardado e ficou, eu tô guardando tudo da Marília desde o pré.

Os objetos que remetem à filha são acompanhados por uma fala em volume baixo e de modo lento. Passa a sensação de que ela estaria ali ainda, mas que não poderia nos ouvir falar sobre ela. É uma tentativa de se reconstruir a partir de ‘cacos²⁵’, onde

[...] un nuevo sentido se apodera de ese accidente, un sentido que abraza a la vez en unidad el azar y la forma espiritual, y que no se funda ya en una finalidad humana, sino que arraiga en aquel plano mucho más profundo donde los designios conscientes del hombre y la labor secreta de las fuerzas inconscientes de la naturaleza se encuentran en un tronco común (SIMMEL, 1934, p. 213).

Embora Simmel trate das ruínas a partir da relação cultural, econômica e social do capital, ele traz que é preciso dar forma para que as coisas possam existir e, ao mesmo tempo, se destruir, num constante rearranjo, pois a forma é o sentido da vida. E, neste caso específico, esta reconstrução é interna e externa, se dá entre o objeto que ficou do outro e as lembranças que carrega consigo.

Essa caixinha veio com bijuterias, não é coisa que vou usar. Vou usar aonde? Eu uso bastante até, às vezes eu uso umas coisas grandes e o Clério me xinga. Eu gosto, mas também a minha idade não ajuda mais. Tenho que me cuidar. Eu gosto, mas tenho que me cuidar da minha idade. Eu tenho que cuidar porque eu não sou mais criança, já sou vovó. Então vão me chamar de uma daquelas que se arruma toda - *e gesticula dando risada*.

Celina demonstra uma flexibilidade narrativa, um contorno que a faz sair do momento de uma triste e dolorosa lembrança para algo mais volátil e corriqueiro. Para Velho (1986) existe uma tentativa de se criar um equilíbrio entre razão e emoção, que é observada pelo nosso discurso e nossas experiências. Assim, ela passa a mostrar objetos, rigorosamente organizados. “Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos

²⁵ Fragmentos de lembranças.

que permanece imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam” (BOSI, 2010, p. 441).

Isso aqui são minhas pinturas (maquiagens), da Júlia e da Sofia. Isso aqui eu ganhei da minha sobrinha e veio dos Estados Unidos, eu ganhei dela - e *mostra um creme hidratante para pele*. Eu tenho também umas moedas, vou ver aonde eu guardei.

Às vezes eu coloco a caixinha de música para tocar. Do passado a gente sempre se lembra. Quando eu boto a caixa de música para tocar sempre se lembra quando a gente começou, na época do namoro, uma coisa assim. A gente passou muito trabalho desde a época do namoro. A gente passou bastante trabalho e sabe né, da história. Então, o vô e a vó eram contra, acharam que eu queria me aproveitar do Clério, que eu vim lá da colônia, sabe? Eles acharam que eu achei que o Clério era rico e eu queria me aproveitar dele. Mas tamos aí, firme e forte, um segurando o outro, se não fosse um dos dois, meu Deus do céu. Não é de barbada a vida da gente, é isso aí.

Ela vai falando e mexendo nas gavetas da penteadeira. Dentro delas existem caixas de vários tamanhos, com os objetos equilibradamente dispostos. “Todo espaço consiste em um conjunto de objetos e suas inter-relações, que, em suas constantes transformações, materializam novas funções na tessitura social” (DOHMANN, 2013, p. 39). A forma com que organiza assim seus objetos denota uma necessidade de ordem. Nesse espaço há uma estetização dos objetos que, agora, espalhados por sua cama, parecem provocar nela o desejo de um novo reordenamento. Pode-se refletir sobre suas perdas e a inevitabilidade de se construir novos encontros, de se colocar aberta a conhecer pessoas, descobrir lugares e reinventar o cotidiano (CERTEAU, 1994).

Olha, essas são as moedas que minha mãe me deu como prata. Um tempo atrás eu levei para avaliar e o cara me disse que não era prata. De qualquer forma, vou guardar como lembrança da minha mãe. Olha aqui, nessa outra gaveta o que eu tenho guardado. Vê se descobre o que tem nessa caixa - *fico então parada, com ar de expectativa, sem conseguir saber o que é; enquanto isso ela busca uma cadeira, abre a caixa, tira um vestido, sobe na cadeira e coloca ele na frente dela, diante do espelho*. É meu vestido de noiva - *ela gira em cima da cadeira, sorri e mostra com muita alegria*. Foi o presente da dona Marlene. Olha aqui como eu era magrinha, pesava 48 kg quando eu casei. Eu fui comprar na loja da dona Antoninha, minha patroa me deu de presente de casamento e eu fiquei muito feliz com esse vestido. - *Ela desce da cadeira e pega o véu com a grinalda, espalha o véu pelo chão e coloca a grinalda na cabeça, na frente do espelho, se olhando e fala:* Teve um tio meu que disse que nunca viu um véu tão comprido. Olha só, eu guardo isso com todo amor e carinho. Mas quem será que vai querer guardar isso? - *ela entende que este valor afetivo pelo vestido é algo só dela*.

O vestido de noiva, com véu e grinalda, apresenta diante de nossos olhos, um dos momentos mais marcantes da vida de Celina: seu casamento. Para ela, o encantamento desta data, presente nestes objetos tão bem guardados em sua

penteadeira, demonstra que "[...] as relações entre homem e mulher, enquanto possibilidade de satisfação afetiva via casamento, devem ser compreendidas nas formas pelas quais os sentimentos se exprimem, cujo significado se altera conforme os tempos" (FÁVARO, 2002, p. 40-41). É exatamente isso que se verifica em seu corpo, festivamente elétrico ao balançar o vestido diante de si.

Ademais, foi uma grande e grata surpresa estes objetos estarem guardados em sua penteadeira. Uma pelo inusitado e outra que, segundo ela, não havia contado para ninguém que havia guardado, nem para o marido. Percebi um grau de confiança que fez com que meu compromisso aumentasse ainda mais. Compreendi que

[...] etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Figura 76 O vestido de noiva de Celina



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Figura 77 Celina de véu e grinalda



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Assim, como eu tenho lembrança da minha mãe que são essas moedas que eu guardo, eu queria muito que a Júlia e a Sofia guardassem a foto da mãe delas. Porque na casa onde elas vivem hoje não tem nenhuma foto da mãe, parece que estão querendo fazer elas esquecerem da mãe. A pequena vai se acostumar fácil, é normal, nunca vai lembrar disso porque não teve contato. Mas a maior seria bom que lembrasse de vez em quando. Por isso que eu tenho essas fotos espalhadas pela casa toda para quando elas vêm aqui, poder ver e não apagar a imagem da mãe. Pra mim é muito importante isso.

"O uso social dessas imagens permite a criação de um verdadeiro rito de memorização e de integração das gerações, dentro e fora da tela" (PEIXOTO In: KOURY, 2001, p. 175). Por este motivo é importante para Celina ter fotografias da filha falecida para que suas netas, além dela mesma, possam estar em constante rememoração da imagem da pessoa que foi Marília.

Da mesma forma, tanto para Celina, quanto para minha pesquisa etnográfica, a fotografia não está ali para ilustrar, ela traz um contexto, uma intenção, um valor indispensável. E isso remete ao início das investigações realizadas por Malinowski

onde “ordena com rigor suas pranchas dentro de seu texto, procurando uma simbiose máxima entre o que diz seu texto e o que sustenta visualmente o documento pictórico a que remete” (SAMAIN, 1995, p. 33). Assim, registro algumas das imagens que ela tem da filha, Marília, onde se observa inclusive, a preocupação com a seleção e a disposição das imagens.

Figura 78 Lembranças expostas de Marília



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Então ela guarda o vestido e o véu sempre sorrindo enquanto está olhando pros seus objetos. Ela demonstra firmeza e equilíbrio, mesmo diante de tantas lembranças tristes. Então, finalizo falando sobre meu vestido de noiva, que não tenho porque foi alugado, mas que achei muito interessante o fato dela ter o dela, converso um pouco sobre os cachorros, ela dá umas risadas com eles ali e daí eu vou embora, sempre com um pouco de receio de que ela sofra. No próximo encontro vou tentar buscar conversar sobre coisas mais positivas, mas não posso afirmar qual será o rumo da conversa. Em nenhum dos encontros, com nenhuma das mulheres. É sempre um cuidado constante porque a etnografia vai se ‘arranjando’ de forma singular. É um aprendizado contínuo, delicado e ao mesmo tempo, tenso. “Cada acontecimento está vinculado ao contexto social em que a ação humana é desenvolvida” (ECKERT, ROCHA, 2008, p.13). Assim, são os fatos que orientam o

percurso da pesquisa. Sempre fiquei imaginando o dia em que isso aconteceria. E, de fato, aconteceu. O etnógrafo faz seu roteiro, organiza os materiais, sua rede social, entra em campo e a pesquisa cria um corpo próprio.

Sem dúvida, não é possível conferir valor transcendental aos conteúdos empíricos nem deslocá-los para o lado de uma subjetividade constituinte, sem dar lugar, ao menos silenciosamente, a uma antropologia, isto é, um modo de pensamento em que os limites de direito do conhecimento (e, conseqüentemente, de todo o saber empírico) são ao mesmo tempo as formas concretas da existência, tais como elas se dão precisamente nesse mesmo saber empírico (FOUCAULT, 2007, p. 342).

15/03/2018

Telefonei pra Celina e combinamos minha ida a sua casa hoje, no horário das 10 horas da manhã. Chegando lá, vi que seu marido estava em casa. Cumprimentamo-nos, entramos para a sala e ele veio junto. Então, ele participou dessa conversa de hoje. Comecei relembro sobre a surpresa que foi a questão do vestido de casamento e que gostaria que ela falasse sobre o que este vestido traz de lembranças para ela. Ela sorriu. Ele perguntou: 'Tu tem este vestido ainda? Também é uma surpresa pra mim. Vamos ter que casar de novo então'. Ela ficou meio corada, riu e começou a falar.

Figura 79 Celina sob o olhar do esposo



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Eu tenho tudo guardado, vestido, véu e grinalda. Até a caixinha com as alianças tá lá guardada junto. Os preparos pro casamento a gente não tinha muito, a gente mesmo fez todas as coisas. Convite de casamento era só de boca, não tinha dinheiro, não tinha condições, né Clério? - *E olha pra ele, que confirma*. A gente saía de casa em casa convidando, não tinha muita gente, tinha só umas 80 pessoas, só as pessoas de casa mesmo. E as

coisas assim, foi tudo nós que fizemos, nós, o povo daqui - *e gesticula com a mão direita em círculos para demonstrar que são os de perto deles, enquanto a mão esquerda segura o chimarrão*. Assim, os convidados, a Terezinha enfeitou a igreja, eu e a Regina fizemos o bolo, nós de casa aqui da nossa turma. O bolo foi feito até às três horas da manhã - *e ria muito*. O dia que nós decidimos que a gente ia casar não me lembro direito quando foi. Primeiro o Clério queria fugir - *e deu uma gargalhada e ele riu junto*. Mas era sério porque, de tanto que não queriam que a gente casasse, de tanto que estavam contra, a gente tinha pensado em fugir. Mas aí eu disse para ele 'mas para onde nós vamos, vamos morar embaixo da ponte? Vamos enfrentar isso daí - *ela olha para ele que diz 'a entrevista é tua', e os dois dão risada*.

Nos anos 70, nesta região, muitas famílias ainda tinham certas desconfianças no início dos relacionamentos. Então, era comum os pais, especialmente os da noiva, investigarem e realizarem interferências. Neste caso específico, a noiva morava distante de seus pais e era a família do noivo que tinha algumas objeções. Primeiramente porque acreditavam que o filho era muito jovem e, também, por terem restrições ao namoro com uma moça a qual não conheciam a família. Por isso, a ideia de fuga pareceu uma possibilidade para os jovens enamorados. Assim, diante de todo este contexto, pode-se compreender o valor destas lembranças que remetem ao casamento: as roupas, a caixa das alianças, as fotografias, envoltas às narrativas apresentadas por ela. Para Mauss (2015) os objetos são extensões de seus proprietários. Por estes motivos, ela não consegue se desfazer desses objetos.

Como eu já te contei, eu ganhei o vestido da tia Marlene, fomos buscar lá no Oscar Gehm, eu e a Duca (filha da patroa dela), lá no Sertão Capivara. Era o único vestido que tinha pronto e deu certo em mim. Era mercado e loja que tinha lá no Oscar. Eles tinham roupa, tecido, de tudo um pouco, tinha até mercadoria para fazer rancho. O Oscar era pai da Dalva, a que tinha loja depois no centro.

E o véu e grinalda também comprei lá e quem costurou o meu véu na grinalda foi a sogra da Susi (uma prima minha) ela é costureira, não me lembro o nome dela, mas ela tinha uma casa onde era fazia só costura, não era a casa dela, era uma casa onde ela ia costurar.

Figura 80 Celina e Duca na foto com o bolo



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Comes e bebes, hum, eu não me lembro mais quem assou - e daí o Clério, seu esposo, diz que quem assou foi o seu Oswaldo. Mas a salada eu lembro, quem fez foi a tia Vera. Tinha chopp e tinha foguete também, meu cunhado Adão soltou os foguetes do casamento. Lá na colônia é assim: quando tem casamento, tem muito foguete e a gente tinha esse costume.

Eu fui a única filha que o pai entrou na igreja levando, as outras ele não conseguiu, não chegou a ver porque morreu antes.

Quando a gente disse que ia casar a gente arrumou a casa da dindinha que tinha falecido, que era avó dele. Daí o pai dele disse assim 'Se vocês querem morar aí, só tem que arrumar, a casinha tá muito ruinzinha. Daí a gente passava o final de semana todo reformando a casinha, lixando e pintando, lixando a parede com escova de aço porque era de madeira, pra depois pintar. Pintamos e reformamos toda a casinha, daí o vô e a vô - é dos sogros que ela está falando - deram o quarto para nós de presente de casamento e o resto a gente foi comprando. A geladeira a gente comprou depois do casamento e a TV também, com dinheiro da meia, na Loja Menna, em São Leopoldo. O dinheiro da meia é o seguinte: quando casava, naquela época, os padrinhos de batismo colocavam dinheiro na meia durante um bom tempo e no dia do casamento entregavam para os afilhados. E a gente juntou com o dinheiro também do sapato que foi passado na noite da festa do casamento e daí com esse dinheiro das meias e do sapato a gente comprou a TV e a geladeira. Antigamente se dizia, vou colocar a meia atrás da cama. O padrinho sempre dizia pra afilhada e daí botava na cabeceira da cama dele e de vez em quando colocava um troco lá dentro. Era o padrinho de batismo que fazia isso.

Este ritual da meia era comum no século passado, nesta região. Tanto era importante que o fato ficou registrado na memória de Celina. Algumas "lembranças existem para 'todo o mundo' nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos" (HALBWACHS, 2003, p. 66, grifo do autor).

No mesmo dia do casamento na igreja a gente casou no civil. Daí o juiz veio e nos casamos ali no pavilhão mesmo, depois do casamento da igreja. Daí o tio Dari e o tio Paulo eram padrinhos, o Dari era meu e o Paulo era do Clério. Na igreja era a Terezinha e o Miro, a Jade e o Cláudio, a Liane com o noivo e a Ilse e o Silvério. A aia era a Josy.

No dia do casamento a mãe mandou umas flores e os ovos que era para ser feita a maionese, pela Ilse que veio bem cedo de ônibus. E na hora de descer do ônibus ela caiu no chão com ovo e tudo - *e deu uma risada*. E quebrou os ovos todos, caiu de tão nervosa que ela tava com um buquê de flores, mais ovos e mais sacola. Era um buquê enorme de flores porque era para enfeitar as mesas do salão. A mãe mandou tudo por isso porque ela veio antes. Mas daí igual a gente deu um jeito e saiu a maionese. O nosso casamento foi o último que aconteceu no pavilhão antigo da Igreja Nossa Senhora das Graças, o último casamento lá. Depois eles desmancharam o pavilhão pra construir o novo, aqui tá as fotos.

O registro das imagens por meio da fotografia passa uma garantia de pertencimento, senão em relação às coisas e pessoas que se observam nela, ao menos pela certeza do fato ocorrido e de sua presença nele. E, sendo este momento do casamento, um dos mais marcantes na vida de Celina, a fotografia possui o valor para além de um documento, mas de uma marca a qual ela não deseja se desfazer.

Em consequência de certas provas fotográficas - aquelas que constituem precisamente o território do documento - poderem passar por 'exatidão, verdade, a própria realidade', elas se distinguem dos objetos comuns, de que teríamos apenas que comprovar e experimentar as propriedades. Transformam-se em objetos mágicos, em cujas propriedades pedem-nos que acreditemos (ROUILLÉ, 2009, p. 63, grifo do autor).

E é essa magia que se percebe ao observar Celina olhando as fotografias de seu casamento. Enquanto testemunho, reflito sobre meu papel como pesquisadora, compreendendo que

[...] a produção mesma dessas teorias já envolve evidentemente determinados códigos visuais, determinadas modalidades de olhar, imagens privilegiadas [...] quando o etnógrafo transforma sua 'experiência de campo' em 'etnografia', já nesse processo se fazem presentes códigos visuais específicos. Além de escrever, o pesquisador antropológico de campo fotografa e filma, trazendo embutida nessa atividade concepções a respeito da imagem. Ou seja, juntamente com determinada estratégia teórica, ou de representação etnográfica, vai uma estratégia visual, uma determinada concepção a respeito da imagem e de sua relação com o que ela representa (GONÇALVES, 2007, p. 57, grifo do autor).

Figura 81 Os noivos apaixonados



Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Se os filmes de história evocam uma memória social através da narração de um tempo, as fotografias e os filmes de família guardam a memória do grupo familiar, deixando registrados os flagrantes do cotidiano mas, também, as cerimônias que marcam a vida familiar como os nascimentos, aniversários, casamentos, festas natalinas, entre outras (PEIXOTO In: KOURY, 2001, p. 175).

Atentamente, ela faz questão de que eu olhe todas as fotografias do álbum que ela guarda como uma relíquia, juntamente com a roupa deste dia, em uma das gavetas de sua penteadeira. Peço para fotografar algumas das imagens, o que ela consente prontamente. Enquanto isso, ela continua falando sobre as imagens.

Aqui são as fotos do casamento civil. Ali tá o Vasconcelos, Juiz de Paz. E essas aqui são na igreja e depois tem as da festa. Olha o bolo. A vó (sogra) e a tia Olmira fizeram a massa do bolo e eu e a Regina então recheamos e decoramos.

Olha aqui a gente dançando a valsa e eu não tirei o véu pra dançar, não tirei, eu enrolava no braço e dançava. Quem arrumou os cabelos e maquiagem eu não me lembro o nome da mulher mais. Quem me levou na igreja foi o gringo do táxi ele tinha um Chevette amarelo, não era um Corcel amarelo. Era o carro do momento. Eu tava chique. Olha só, a Regina e o Sérgio e olha eu dançando com o véu enrolado no braço, esses aqui são os padrinhos na igreja - *esses são os comentários dela olhando as fotos*.

A história da fuga era segredo de nós dois, era uma possibilidade, e ele tava a fim, não sei pra onde ele queria ir mas ele queria. Eu tinha já na época uma cabecinha melhorzinha e daí não concordei. Vai fazer 39 anos que a gente casou - e *ele fica olhando pra ela, ela olha e diz: Garanto que ele não sabe nem o dia, quanto mais o tempo que faz - e ele diz que lembra de tudo*.

Como é que pode, tudo muda - *então eu pergunto sobre o plano de fuga, eles dão risada, e ela continua: Não tinha planejamento porque foi só a ideia*

dele. A nossa casa era bem velhinha, bem simples, mas a gente cuidava tudo com muito amor e carinho.

A gente decidiu casar uns três a quatro meses antes e daí foi uma correria pra organizar tudo, preparar a casinha, preparar as coisas tudo dentro, o meu enxoval eu já tinha porque fui fazendo antes mesmo de namorar ele, eu já fazia meu enxoval. Todo mês eu comprava alguma coisa, além dos guardanapos e toalhas de crochê que eu fazia. Esses crochê que tem aqui no sofá onde a gente tá, foi minha mãe que me deu, ela fez para mim, era uma colcha e como agora as camas são mais largas daí não deu mais na cama e então coloquei nesse sofá. Era tudo assim.

Para Bachelard “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo” (1993, p. 24). Assim, este recanto foi elaborado pelo casal, passo a passo, de forma simples, mas numa atmosfera de cumplicidade e afetividade.

Sobre casar rápido, a gente é meio decidido. Quando a gente resolve, a gente já faz as coisas logo. E daí só o que faltou a gente pediu na lista de noivos, feito no papel mesmo. Eu não tinha ventilador, não tinha ferro. O que mais me fazia falta era o ferro, o ventilador ainda não. O ventilador foi a Terezinha que deu, o ferro foi a Jade que deu, a louça foi a tia Edi que deu, o vestido de noiva foi a tia Marlene, foi tudo assim. Quando a gente convidava, levava a lista de noivos e quando os convidados perguntavam a gente mostrava.

E os dois voltam a rir por causa da fuga. A gente não tinha nada a favor pra casar, mas a gente lutou muito. Nós não somos perfeitos, daí a gente vai aprendendo.

O pai do Clério achava que ele era muito novo pra casar porque quando a gente começou a namorar ele tinha 15 anos. Mas assim só com cartinha e dançar na reunião dançante. Aí demorou um pouco pra gente namorar mesmo e se visitar. A primeira vez que eu fui na casa dele, meu Deus do céu, eu fui ali naquela cozinha da garagem. Daí o Clério me trouxe e ela (sogra) me esperou ali para tomar café com bolo que ela tinha feito. Afinal eu tinha que conhecer a sogra. A vó conversava e eu só dizia sim e não - e *deu uma gargalhada* - depois mais tarde a vó dizia que não sabia o que conversava mais comigo porque eu só cortava os assuntos com aquele sim e aquele não. Um pedaço de bolo, não sei como é que eu comi, comi um pedacinho assim - *mostrando com o indicador e o polegar direito o tamanho* - e com café desceu. Mas a vergonha que só vendo. Ué, sabendo que tava contra a gente e daí tu vai chegar na casa de uma pessoa, não é assim também, tem que ser macho - e *dá risada* - tem que ser macho para enfrentar. Todo mundo tem uma história, todo mundo tem o seu lado da história.

Quando ela fala “tem que ser macho para enfrentar” apresenta uma problemática de gênero que está enraizada em nossa cultura, de longa data, que é a questão da mulher ser tida como frágil. Segundo Fávoro (2002), desde a Idade Média, o que se pretendia era

[...] deter o potencial de perigo contido no feminino, denúncia evidente de uma considerável dose de medo em relação à mulher, dado que, não sendo conhecidos em profundidade os mecanismos da procriação, era imperioso

inibir seu desejo de liberdade antes mesmo que ele se manifestasse (FÁVARO, 2002, p. 43).

Há todo um percurso e relação à valorização da mulher, à igualdade de condições e isso, inclusive, passa por nós, mulheres, e também por pesquisas em relação a essas constatações. Existe um movimento contínuo, embora lento, nesta direção.

De repente, o esposo de Celina me pergunta o que eu estou fazendo com essas histórias e eu então explico sobre a questão da pesquisa sobre a memória, identidade, o valor dos objetos, as lembranças a partir deles e que fazem parte da história de cada um. Ele acena positivamente com a cabeça. No caso dela, dentre outras coisas, o que chamou atenção foram as histórias que vieram da caixa de música, dos crochês feitos por ela para o enxoval, sendo parte do ritual dos preparativos para o casamento, assim como o vestido de noiva que ela tem guardado na penteadeira. Tudo isso faz parte da história dela.

O Clério nem sabe, nem sabia, agora tá sabendo que eu tenho guardada até fatiota dele todinha, até a camisa tá ensacada certinha, pendurada e guardada. Foi o alfaiate Britz que fez. Eu não sei porque eu guardo isso - e eu então digo para ela que provavelmente, é um apego pela importância que esse momento do casamento tem na vida dela. E ela continua se interrogando: por que eu guardo isso? Mas se tu me pedir assim, me dá esse vestido pra mim, eu te dou, mas se disser pra mim botar fora, eu não boto. É que essa roupa tem um valor que não dá pra calcular - então ele pergunta para ela por que guardou a caixinha das alianças, e ela diz: não sei, porque não servia pra mais nada, mas não consegui me desfazer de jeito nenhum. A gente comprou lá na Toniolo, na Scharlau e guardava dentro as alianças, que são essas que a gente usa, é a mesma ainda, só foi colocado um fio de prata quando a gente fez 25 anos de casados, mas é a mesma aliança. O Clério sempre quer alargar ela, mas parece que se trocar vai trocar o sentimento pra mim, é verdade, a não ser que estrague um dia, senão vai ficar assim.

Ele então diz que espera que essas alianças durem, pelo menos, mais 30 anos. Ela ficou sorridente com a declaração dele. Percebe-se neles um casal apaixonado, difícil de encontrar algo assim depois de tantos anos de relacionamento.

Todos esses objetos fazem parte da história de vida dela e por isso ela guarda, pra que em determinados momentos possa remexer e relembrar as coisas que viveu até aqui. Estes objetos fazem sentido para ela, são patrimônio de sua existência. O patrimônio “não existe apenas para representar idéias e valores abstratos e para ser contemplado. Ele, de certo modo, constrói, forma as pessoas” (GONÇALVES, 2007, p. 114).

Recolhi meu material, agradei e eles fizeram questão de que eu almoçasse com eles, insistiram muito. Fiquei, tomei chimarrão, rimos de algumas piadas e fui embora pensando em tudo que precisaria registrar. Foi uma linda manhã. Mesmo com a presença do marido ela não se intimidou, bem pelo contrário, demonstrou-se segura e alegre ao contar sobre os preparativos do casamento, e ao refletir sobre ter guardado determinados objetos em sua penteadeira.

17/04/2018

Fui até a casa de Celina para conversar sobre as narrativas e as imagens que coletei com ela. Ela concordou com o material, viu que retirei uma parte que ela havia me pedido. Rimos muito das fotos, ela se demonstrou um tanto tímida ao revê-las, mas disse que era isso aí mesmo. Depois pedi para ela me contar quem é a mulher Celina. Ela não demorou muito a falar.

Eu sou uma mulher de muita batalha. Muita batalha pra conquistar as coisas que a gente sonha, quer. Eu sonho uma coisa e quero conquistar aquilo, sabe? Às vezes eu não consigo, mas a maioria eu consigo, mas batalhando, muito. A gente dá uma caída de vez em quando, mas tem que levantar. É assim que eu me imagino, o que os outros acham eu não sei. Mas isso é o que eu acho.

Falo então que esta etapa de nossa investigação está concluída, agradecendo e esperando que nossos encontros pela vida sejam sempre com muitos abraços apertados.

10. DO ALINHAVO À COSTURA - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas que desencadearam esta pesquisa foram: “Quais os significados dos objetos de penteadeiras nas experiências de vida de mulheres em processo de envelhecimento, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, na sociedade contemporânea? Que histórias eles evocam no caso de suas trajetórias sociais e que sentidos são atribuídos a eles nas suas narrativas biográficas?”

Após esse período de muitas leituras, andanças, anotações, reflexões, aproximações e distanciamentos, é possível chegar a algumas observações a respeito destas questões. Os objetos ‘guardados’²⁶ por mulheres em processo de envelhecimento, do Vale do Rio dos Sinos-RS, suscitam narrativas oriundas de suas memórias, o que constitui parte de sua identidade, se instituindo como possibilidade de herança cultural das gerações subsequentes, nesse determinado espaço.

Inúmeras fontes demonstram a necessidade do ser humano em guardar objetos. Vinculado a esta premência pode-se relacionar o desejo do homem de perpetuação, através de seus guardados, de suas marcas. Os registros feitos a partir da relação das mulheres com seus objetos de penteadeira trazem um recorte deste tempo e local, mas pode também retratar de forma ampla, a noção de vínculo homem/artefato, de qualquer época e espaço. Além disso, por meio das narrativas diante de suas penteadeiras, as mulheres foram costurando outros lugares.

Os objetos são seres palpáveis, que disparam sensações, fazem reverberar pensamentos, pelo simples fato de estarem ou terem estado lá, no ambiente doméstico, privado (CARVALHO, 2008). Escolhidos ou recebidos de alguém, e aqui o consumo não é algo relevante, se tornam uma composição que dialoga com quem vive nesse espaço. E, nesse diálogo, promovem percursos curtos e longos, lineares e circulares, em tempos e espaços próximos e distantes. Ao ouvir as narrativas de mulheres em processo de envelhecimento, sobre sua relação com os objetos, se percebe de fato que “a poética da narratividade responde e corresponde à aporética da temporalidade” (RICOUER, 2010, p. 142).

Os objetos ‘falam’ de um lugar, trazem a relação do sujeito com e no mundo, representando assim uma paisagem²⁷ vivida. O fato de serem transmitidos a outro é

²⁶ Preservados.

²⁷ Com base nos estudos de Simmel (1983).

um passo adiante em direção a um contrato²⁸, que se observa de modo sutil: eu te entrego o que me é caro, mas desejo que tu sempre te lembres de minha história. Esta reflexão traz questões lidas sobre patrimônio familiar, herança geracional, cultura material, ficando visível a importância da passagem dos objetos e a retribuição. Estas conclusões foram observadas em campo, de onde se pode reafirmar o valor do trabalho etnográfico para a compreensão das obras estudadas.

Ademais, os laços entre pesquisador e pesquisado, na contemporaneidade, podem ser construídos também se utilizando dos recursos midiáticos²⁹. Ao observar os movimentos realizados pelas parceiras de pesquisa, através das redes sociais disponíveis na internet, acumulei informações sobre suas preferências, os espaços por onde circulam, as atividades em que se envolvem, e estes dados me proporcionaram aproximações. Uma palavra pode suscitar um gesto de confiança e também de valorização pelo que a pessoa representa para si, e atenção e respeito são fundamentais em qualquer relação. Com a maioria delas, além de me comunicar por telefone, foi utilizado também o Messenger e o WhatsApp para agendamento das visitas e troca de informações diversas. Além disso, foi observado o perfil de Facebook daquelas que possuem, no caso, cinco mulheres das sete, onde li e salvei postagens para estabelecer diálogos sobre assuntos pelos quais elas se interessam.

Durante a etnografia, aprendi que tenho muito a aprender, parece clichê, mas é fato. Sou muito diferente agora em relação àquela que iniciou a pesquisa. Muitas coisas se modificaram ao longo deste tempo: meu olhar, o modo de reagir diante de determinadas situações, de sentir o mundo e me perceber nele, o reencontro com o exercício da escrita. Foi possível recordar o fato de que, na década de 80, gostava muito de escrever. Claro que, aquela escrita não tinha compromisso e um objetivo específico. Mas pode, de alguma forma, juntamente com minha formação em arte, contribuir para a escrita de quem está hoje, aprendendo a 'etnografar'. Afinal, acredito que o trabalho de etnografia tem muito de arte.

Estes percursos, de algum modo, atestam minha caminhada como pesquisadora, pois em meu caderno de campo apontei, além das narrativas, as observações, os anseios, o modo de organizar os materiais e como retornar a campo a partir destes registros. O caderno de campo possui a narrativa da mulher participante da pesquisa, o modo como observa e toca seus objetos de penteadeira,

²⁸ Ver em Mauss (2015).

²⁹ Em Hjarvard (2014).

a minha fala sobre ela, minhas elucubrações diante do que se vê e percebe, bem como daquilo que não se compreende, em um primeiro momento, mas que faz sentido mais tarde. Assim, é altamente relevante reler o que foi narrado, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado, em momentos distintos da pesquisa.

Também se observa como a rede social formada foi se entrelaçando porque, por vezes, uma citava outra parceira da pesquisa, em determinado momento de sua narrativa, sendo próxima ou não desta. Além das linhas apresentadas no diagrama inicial desta rede social, poderiam ser acrescentadas outras, mostrando meu trânsito nela. Percorri muitos quilômetros nestas cidades, foram várias idas e vindas, em situações climáticas diferentes, em circunstâncias diversas, mas que tinham um objetivo comum que era de coletar os dados empíricos e conceituais, analisar e tecer estas observações, tentando aproximar os pontos, respeitando o individual, porém sempre considerando o que se apresenta no coletivo do grupo investigado.

Outras questões observadas em comum entre essas mulheres: elas fizeram ou ainda fazem artesanato, especialmente crochê e bordado; todas tiveram perdas significativas de pessoas em suas vidas, sendo em alguns casos, dos próprios filhos; passaram por algum tipo de situação que exigiu enfrentamento na questão de gênero, ou mais que uma inclusive; algumas tiveram que passar por verdadeiras provas de resistência para se reafirmar e conduzir seu próprio caminho e, sem alternativa, o fizeram com frieza e força. Diante de tudo isso, todas se acham uma mulher melhor hoje, mais forte e com metas para o futuro.

Pode-se também registrar uma questão relacionada ao envelhecimento: algumas narrativas traziam dados cronológicos, como por exemplo, a idade que tinham em algum momento relacionado a um objeto, mas que, mais tarde se percebia que continham números que não havia a menor possibilidade de existirem. Isso é perfeitamente comum ao se levar em conta o tempo vivido, embora não sejam necessariamente as que possuem mais idade as que se perdem em relação a números e datas. Porém, estes números não influenciaram na narrativa em relação ao objeto. Registro este fato para marcar a questão do esquecimento que, muitas vezes, vem acompanhado pelo silêncio. Este último parecendo ser uma estratégia para autopreservação da identidade diante de outras pessoas.

Outra constatação que se chega ao reler as narrativas daquelas que moram no município de Portão é que, todos os ex-prefeitos da cidade foram citados, um ou outro em cada fala, em momentos distintos, por meio de assuntos diversos.

Inclusive, sendo um relacionado diretamente ao objeto de penteadeira de uma das parceiras. Obviamente que eu possuo estas informações a respeito da história do município por estar inserida nele, pois, muitas vezes, estes nomes foram simplesmente citados sem serem referidos como autoridades políticas. Para marcar a singularidade deste grupo investigado, as parceiras de pesquisa que residem em Novo Hamburgo também apresentaram em suas narrativas, representantes políticos de grande visibilidade, tanto a nível municipal quanto nacional e até mundial. É possível notar a naturalidade com que a presença do poder público está inserida no cotidiano das pessoas e o modo como são trazidas as percepções de mundo que denotam alterações na vida privada, diante do que é vivido no público.

E, em se tratando de poder, em outro âmbito do público, mas que apresenta normas e modifica relações e a forma de vida de cada uma, está a forte relação com a religiosidade, independente de credo. Todas elas, sem distinção, possuem objetos de caráter religioso e suas narrativas abordam com muita clareza, a influência que a religião tem em suas práticas cotidianas. Não por acaso, mas estas relações de poder permeiam todo universo das investigadas, pois estamos inseridos em uma sociedade complexa, dinâmica e que possui grupos sociais organizados onde elas participam ativamente, dentro e fora da internet, inclusive.

A questão do poder do masculino sobre o feminino está também presente nas narrativas, de modos diversos. Entre eles, na simples forma de citar uma mulher que fez parte de sua história, elas, em sua totalidade, dizem a “Fulana³⁰ do Beltrano³¹”. Isso é recorrente em suas falas. Denuncia a mulher como pertença de um homem, sendo assim submissa, sem identidade. Pode-se ler isso no Código Civil Brasileiro de 1916, em outras palavras, evidentemente. Se não houver um homem que dê nome à ela, a mulher então não existe. De forma leve e branda, as mensagens trazem os fatos. Esta averiguação está, de alguma maneira, vinculada à religiosidade, pois ao longo da história, a mulher foi relacionada ao pecado, à culpa e ao medo, tendo de se recolher diante das pressões que lhe eram muitas.

Apesar de tudo isso, um elemento relevante é o fato das parceiras dessa pesquisa não terem repetido todos os arquétipos³² que as impuseram. Nas décadas de 50, 60, 70, mulheres muito simples, algumas com condições precárias no aspecto

³⁰ Uma mulher.

³¹ Um homem.

³² Ver em Jung (2011).

socioeconômico, saíram à luta³³. Inicialmente em função da questão financeira, se desvencilharam de suas funções puramente domésticas e buscaram alternativas para melhoria de vida. E isso ocorreu mesmo com a pressão imposta pela igreja e das cobranças da sociedade, exigindo uma posição submissa e recatada da mulher.

Este movimento de saída de casa para o mercado de trabalho, do estritamente privado para o público, tinha como pano de fundo a necessidade de romper com a narrativa imposta, provocar uma instabilidade, uma ruptura de padrão. E elas foram em busca de sua posição, mesmo que isso trouxesse dor, cansaço, havia uma disposição na procura pela liberdade econômica, por fazer valer sua voz, seu esforço, sua capacidade de decisão.

Pode-se afirmar que essas mulheres se narraram, se colocaram dentro de uma ordem subjetiva. Provocaram um deslocamento, começaram a enxergar o mundo e as coisas de um outro lugar. Os movimentos nos constituem, deixam marcas, reconstroem caminhos e conduzem nossa história. É possível certificar que estas mulheres fazem parte desta sociedade complexa e que, de uma forma ou de outra, encontraram alternativas para se tornarem atuantes, realizando sonhos e enfrentando desafios.

Além disso, foi possível observar, através do contato direto ou pelas redes sociais na internet, que muitas das parceiras de pesquisa começaram a se movimentar mais nos últimos meses, a se apresentar mais embelezadas, se fazerem presentes em eventos diversos. Entendo que, durante as nossas conversas muitas coisas, fatos marcantes, enfrentamento das dificuldades, conquistas que até então não haviam se dado conta, vieram provocar um movimento interno que agora se percebe no externo.

Algumas das mulheres perceberam que sua própria penteadeira foi se modificando ao longo do tempo. Este móvel que foi símbolo de introspecção, veneração solitária ou mesmo contemplação narcísica, passou a ocupar outros espaços da casa, alterando forma, estilo e utilidade. Mesmo as mulheres cujas penteadeiras não alteraram seu objetivo primeiro, refletiram sobre o que é este móvel hoje, de que forma seus objetos se organizam nele e sua utilização. De forma geral, as mulheres se questionaram e organizaram suas ideias. Através do acesso às suas memórias, conseguiram elaborar fatos, situações e, se é que posso atestar,

³³ No sentido de enfrentar desafios.

através da resiliência, compreender sua trajetória, seu modo de vida, definir seu lugar no tempo e espaço, encontrando-se de frente com sua identidade. É como se, ao olhar para seus objetos de penteadeira, um novo espelho se apresentasse diante de seus olhos.

Os objetos têm um importante papel nesta dinâmica, pois foi através das relações dessas mulheres com seus guardados de penteadeira que muitas histórias vieram à superfície. E porque os trabalhos artesanais, como crochê e bordado, se destacaram nos guardanapos das penteadeiras? Para além do exercício obrigatório das habilidades manuais femininas, serviu como suporte que acolhe os objetos neste espaço, protegendo o móvel e sendo também um objeto em si. Mas, o que faz um suporte? Serve de sustentação, apoio, guarida. Assim como nós fomos umas para as outras, sem perceber, dentro dessa rede social, neste percurso etnográfico.

Na finalização da dissertação impressa, além de algumas imagens realizadas durante a etnografia terem sido utilizadas como marcadores de páginas, cada uma das mulheres parceiras desta pesquisa confeccionou o detalhe da capa de seu capítulo, do III ao IX, sendo que Terezinha, o ponto de entrada em campo, encarregou-se do capítulo II onde a rede é apresentada, tendo ficado ao meu encargo, a decoração/marca no primeiro e no último capítulo, início e fim desta trajetória (Anexos C). Cada uma delas fez questão de, em sua obra, colocar um pouco de si, de suas lutas, de seus pensamentos e daquilo que experimentou de sensações ao longo deste período. Isso denota o respeito e o compromisso com a pesquisa realizada. Como suporte para abrigar a dissertação impressa, optei por desenhar e montar uma mini penteadeira, formando assim um livro de artista/etnógrafo (Anexo D), denominando o que poderia ser chamado de '*kit* de memória dos objetos de penteadeira'. Afinal, "A miniatura é uma das moradas da grandeza" (BACHELARD, 1993, p. 164). Obviamente, com mini objetos e guardanapos feitos pelas parceiras deste trabalho.

Do mesmo modo, o retorno que entreguei às parceiras de pesquisa incluiu uma mini penteadeira contendo um bloco com as imagens fotográficas realizadas ao longo da pesquisa (Anexos E). Cada uma delas recebeu este objeto como forma de reciprocidade ao tempo e atenção dispensados em nossos encontros. Conceitos estes, colocados em prática, tendo sorrisos e abraços como demonstração da valorização da pesquisadora pelas falas, silêncios, imagens e espaços percorridos em cada lar.

Foi fascinante perceber como opera a identidade narrativa de cada uma das parceiras de pesquisa, sendo destaque comum a todas: a receptividade diante do desafio da participação na pesquisa; a abertura para trazer elementos sobre a intimidade; a sensibilidade ao se referir aos objetos que remontam fatos da memória afetiva e a efervescência ao tratar sobre a família, um bem precioso para cada uma delas.

É possível compreender o fato de que cada mulher, em seu tempo e lugar, tem um itinerário único, mas que pode influenciar, direta ou indiretamente, o caminho de outras mulheres. Há todo um trajeto percorrido e as pequenas conquistas servem de apoio para as próximas. Principalmente se considerarmos além da memória individual, a memória coletiva.

Este é o arremate final de uma costura que foi se fazendo aos poucos, por muitas mãos. O que era apenas um tecido frágil, ganhou outra forma, com mais densidade, outras cores e texturas. Ele se apresenta para além do molde da intenção inicial, pois foi se construindo, trama por trama, e poderá servir para quem quiser usar do modo que entender e, também, se despir quantas vezes achar necessário.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. CHAGAS, M. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Orgs. Regina Abreu, Mário Chagas. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho em uma vila popular na cidade de Porto Alegre / Ondina Leal, Orientadora. Dissertação em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1996.

Atlas Brasil 2013 - Censo 2010 | Organizado por Datapedia.info Disponível em <https://www.datapedia.info/public/cidade/4383/rs/novo-hamburgo#piramide> Acesso em 29/10/2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKTIN, Michail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BARRAS, Bernard. Modelização geral das relações humanas com os artefatos: estudo semiótico e sistêmico das interações. **LÍBERO: revista acadêmica** / Programa de Pós-graduação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 16, n. 31, p.51-68, jan./jun. 2013.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Org. Myriam M. L. Barros. - Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991. 201p.

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens**. Campinas: Papyrus, 1997.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. Walter Benjamin, tradução de José Lino Grünnewald. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Imagens do pensamento** – Desempacotando minha biblioteca in: Rua de Mão Única Obras escolhidas Vol. II Ed Brasiliense 1987.

BIGOSSI, Fabiela. **As cidades da longevidade**: estudo antropológico sobre as práticas de durar em Veranópolis - Rio Grande do Sul e Maués - Amazonas (Brasil) / Cornelia Eckert, Orientadora. Tese em Antropologia Social. Programa de Pós-

Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. 256 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. – 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 322p.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003 (Direitos Reservados à Editora Unisinos – Coleção Aldus; 18) 116p.

BRANCO, Ana Claudia. **História das penteadeiras**: saiba mais sobre essa peça! Disponível em: <http://blog.lilibee.com.br/historia-das-penteadeiras/> Acesso em 27/12/2017.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 3, nº 2/2014, p. 57-67.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 1998. 220 pp.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920 / Vânia Carneiro de Carvalho. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008. 368p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim F. Alves. - Petrópolis, Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, João Cezar de C.(org) **A força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011.

CULLEN, Gordon. **A paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1971.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Estudos feministas**, v. 2, nº 3. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, UFSC, 1994.

DEVOS, Rafael e ROCHA, Ana Luiza C. **A aventura do tempo**: reflexões sobre a produção de um documentário etnográfico e os desafios de uma etnografia da duração. Revista Eletrônica Iluminuras, Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, PPPGAS/UFRGS. V. 9, n. 19, 2008.

DOBEDEI, Vera. Objetos & Memória. **Revista Morpheus**: Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago/dez. 2016.

DOHMANN, Marcus. et al. **A experiência material**: a cultura do objeto / Marcus Dohmann (Org.). Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo / Mary Douglas e Baron Isherwood; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUBOIS, Philippe. **O Acto Fotográfico**. 2ª ed. Lisboa: Ed. Vega, 1998.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. O vocabulário do simbolismo. Lisboa: Edições 70, 1993.

ECKERT, Cornelia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: M. Minayo e Coimbra Jr. (orgs.), **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. pp. 73-102.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. **Revista de Antropologia**, USP, vol.41 n.2 São Paulo, 1998.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Revista RUA**, Laboratório de Estudos Urbanos, Campinas, n. 16, vol. 1, junho 2010.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Etnografia: saberes e práticas". In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 9 a 24. Série Graduação.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O antropólogo na figura do narrador. **Habitus**, Revista do Instituto de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiânia. Goiânia, GO, Ed. UCG. 2003. Vol 1, n.2, jul/dez. P.395-420.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005. 197 p.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. - 2 ed. - São Paulo: Contexto, 1997.

ENLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007.

FÁVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências, violências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Org. Myriam M. L. Barros. - Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FIELD, Sig. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1995.

FILHO, Ciro Marcondes. Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”. **Revista Mais 60**: Estudos sobre envelhecimento / Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 27, n. 65. setembro de 2016.

FILHO, Manuel Ferreira Lima. et al. **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e Desafios contemporâneos / organizadores Manuel Ferreira Lima Filho, Jane Felipe Beltrão, Cornelia Eckert. – Blumenau: Nova Letra, 2007. 368p.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**; tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 254p.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Trad. Cláudia Menezes. In: **Desvendando Máscaras Sociais** / GUIMARÃES, Alba Zaluar, org. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria I. de Oliveira; Rev. Téc. Karina Kuschnir; Apres. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. - 9ª. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FORNER, Fernanda. Instituto Humanitas. Unisinos. **Questão ambiental do Vale do Rio dos Sinos**. Disponível em <<http://unisinos.br/blogs/ihu/eventos/questao-ambiental-vale-rio-dos-sinos/>> Acesso em 14 de Nov de 2017.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e antropologia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

FREIRE, Marcius. Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. A Photographic Analysis. **Revista ALCEU** - v.7 - n.13 - p. 60 a 72 - jul./dez. 2006.

GODOLFIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, ed. 18, v. 9, n. 2, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves. – Coleção Museu, Memória e Cidadania – Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007. 256p.

GRAEFF, Lucas. **O “mundo da velhice” e a cultura asilar**: Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre / Cornelia Eckert, Orientadora. Dissertação em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. /Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. - 10 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HJARVARD, Stig. Mídia e cultura: conceituando a mudança social e cultural. São Paulo: **MATRIZES**. V. 8 - Nº 1. jan./jun. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: <https://cidades.ibge.gov.br/>

JENKIS, Keith. **A História repensada**. 3ª Ed., São Paulo: Contexto, 2009.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

JORDAN, Pierre. “Primeiros contatos, primeiros olhares”. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Antropologia e Cinema: Primeiros Encontros. Rio de Janeiro, UERJ, 1995.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In: **Obras Completas de C. G. Jung**, vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2011.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador/ tradução Hélia Freitas. - 1. ed.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KOSSOY, Boris. A Imagem fotográfica: sua trama, suas realidades. In: **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo, Atelier Editorial, 2002.

KOURY, Mauro G. P. et al. **Imagem e memória**: ensaios em Antropologia visual / Mauro Guilherme Pinheiro Koury (org.). - Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LAGO, Mara C. de S. et all. **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero**: teorias, sexualidades, religiões / Organizado por Mara Coelho de Souza Lago, Miriam Pillar Grossi, Cristina Tavares da Costa Rocha, Olga Regina Zigelli Garcia e Tito Sena. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. – 3. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. GOUCH, Kathleen e SPIRO, Melford. **A família**: origem e evolução. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

LOPES, José R. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

MACHADO, A. **Máquina e Imaginário**. O desafio das Poéticas Tecnológicas. São Paulo, EDUSP, 1993.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAGNANI, José G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARQUEZ, G. G. **Como contar um conto**. Rio de Janeiro, Casa Jorge Editorial, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Marcel Mauss / tradução Paulo Neves. – 2ª ed. – São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MENESES, Ulpiano de Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, Volume 11, nº 21, Rio de Janeiro: 1998. pp. 89-103.

NERY, Olívia Silva. **A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat** / Olívia Silva; Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, Orientadora; Pedro Sanches, Coorientador. - Pelotas, 2015. 220f. Dissertação (Mestrado em Memorial Social e Patrimônio) - Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memorial Social e Patrimônio, 2015.

OLIVEIRA, Ariana. **O aproveitar e o passar o tempo**: estudo sobre envelhecimento, corpo e gênero / Fabíola Rhoden: Orientadora. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Antropologia. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

PAIVA, Sérgio Rosa de. **Mulheres do Rio Grande do Sul**: Diversidade / Org. Sérgio Rosa de Paiva. - Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2006. 340 p.

PEIRANO, Mariza G.S. **A Alteridade em Contexto**: A Antropologia como Ciência Social no Brasil. Departamento de Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

PERROT, Michelle. **Mi historia de las mujeres**. 1ª ed. - Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2009.

PESAVENTO, Sandra. Fronteiras da História: uma leitura sensível do tempo. (p.179-190). In: **Fronteiras do pensamento**. Retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi e Joana Maria Pedro (orgs.). São Paulo: Contexto, 2013.

PORTELLI, Alessandro; THOMSON, Alistair; TOURTIER- BONAZZI, Chantal de; VOLDMAN, Danièle. **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

PRIORE, Mary Del. **Conversas e histórias de mulher**. – 1ª ed. – São Paulo: Planeta, 2013.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. – 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 1997.

PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. – 5ª ed. - São Paulo: Contexto, 2001.

PRIORE, Mary Del. AMANTINO, Márcia. **História do corpo no Brasil** / Mary Del Priore, Márcia Amantino (orgs.). – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani César de Freitas. – Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens** / Jacques Rancière; tradução Mônica Costa Netto; organização Tadeu Capistrano. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O Meio como Ponto Zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2002.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa 1**: A intriga e a narrativa histórica / Paul Ricoeur; tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa 2**: A configuração do tempo na narrativa de ficção / Paul Ricoeur; tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A moderna condição conjugal feminina**: metamorfoses de corpos e afetos de mulheres descasadas. Porto Alegre: CirKula, 2014.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. **Horizontes Antropológicos**. Ano 1, vol 2. Porto Alegre: Antropologia Visual, 1995.

ROCHA, Ana Luiza C. da. VEDANA, Viviane, et al. A desterritorialização dos saberes e fazeres antropológicos e o desentendimento no corpo de verdade da letra. Revista Eletrônica **Iluminuras**, Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, PPGAS/UFRGS. v. 9, n. 20, 2008.

ROCHA, Ana Luiza C. da. ECKERT, Cornelia. Os jogos da memória. **ILHA**. Florianópolis, n.1, dezembro de 2000. p. 71-84

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SAMAIN, E. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowsky e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, nº 2, Antropologia Visual, PPGAS/UFRGS, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea / coordenador geral da coleção: Fernando A. Novais;

organizadora do volume: Lilia Moritz Schawarcz. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNET, Richard. **Carne e pedra** / Richard Sennet. Trad. Marcos A. Reis. - 3ª ed. - Rio de Janeiro, Record, 2003.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Por uma antropologia do objeto documental: entre a alma nas coisas e a coisificação do objeto. Flávio Silveira/Manuel F. L. Filho. **Horizontes Antropológicos**. Vol. 11, nº 23, Porto Alegre: Antropologia Visual, 2005.

SIMMEL, G. **Cultura Femenina y otros ensayos**. Trad. Eugenio Imaz, José Bancez, M. Morente y Fernando Vela. Madrid: Revista de Occidente, 1934.

SOARES, João Paulo Fernandes et all. “O doce amargo sabor do envelhecimento”: discursos, práticas corporais e experiências geracionais / João Paulo Fernandes Soares, Ludimila Mourão e Edmundo de Drummond Alves Júnior. **Movimento**: Revista da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, v. 21, n. 3, jul/set. de 2015.

STREY, Marlene Neves. **Mulher, estudos de gênero**. Org. Marlene N. Strey. - São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. 144 p.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, Mulheres. In: **História das mulheres no Brasil**. – 5ª ed. - São Paulo: Contexto, 2001.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEDANA, Viviane, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora. **Revista Chilena de Antropología Visual**. v. 13, p. 37-60, 2009.

VELHO, G. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato Jornal de Cultura**. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, Jan., 1978.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VOGLER, C. **A Jornada do escritor**: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas. Rio de Janeiro, Ampersand, 1997.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Brasília: Sociedade e estado/UnB, 2010.

WISNIK, J. M. "Antropologia do ruído". In: **O som e o sentido**, uma outra história das músicas. São Paulo, Cia da Letras, 2001. p. 32 a 58.

WOLLHEIM, Richard. **A Arte e seus Objetos** / Richard Wollheim; tradução Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Martins Fontes, 1993. – (Coleção A) 231p.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. / Silvio Zamboni. – 4. ed. Revista: - Campinas, SP: Autores Associados, 2012 – (Coleção Polêmicas do nosso Tempo; 59) 105p.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE CESSÃO

Carta de cessão

Novo Hamburgo, ____ de _____ de 2018.

Eu, _____, RG _____, declaro para os devidos fins que autorizo a divulgação de minha entrevista realizada para o projeto “Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Rio dos Sinos-RS” desde a presente data, para a mestranda Sandra Maria Costa dos Passos Colling, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura

ANEXO B - ROTEIRO DAS VISITAS ÀS MULHERES

O roteiro dos encontros foi delineado da seguinte forma:

1º encontro: visita para conversarmos sobre nossas afinidades, relembrarmos encontros anteriores, criar laços, espaços e aproximações.

2º encontro: explicação sobre a investigação, do que se trata, o uso de imagem, das falas, para juntar aos conceitos e aspectos gerais e convite para parceria na pesquisa.

3º encontro: início das narrativas, começando com dados básicos (nome completo, dia e local de nascimento, profissão, família, alguns fatos marcantes de sua trajetória, vida social, se guarda objetos e móveis antigos).

4º encontro: os objetos de penteadeira, bem específico: visualizar que móvel é este, ver os objetos e ouvir as narrativas sobre e a partir deles.

5º encontro: retomada dos assuntos do encontro anterior, conversação sobre patrimônio familiar, objeto que tenha recebido como herança, com valor sentimental (como, porquê, de quem) e se há algum objeto que seria sua marca pessoal.

6º encontro: retorno sobre imagens e escrita, além de outras conversações.

Esse roteiro não é fixo, algumas mulheres vão precisar de mais encontros iniciais, outras mais no desenrolar do campo. Mas é uma base para o trabalho, tudo está anotado na agenda (dias e horários dos encontros) e as transcrições serão feitas e salvas no Drive, sendo todas observações anotadas no Caderno de Campo.

ANEXOS C – CONSTRUÇÕES ARTÍSTICAS: “EU E ELAS, NÓS”



ANEXO D – DISSERTAÇÃO IMPRESSA: “KIT DE MEMÓRIAS”



ANEXOS E – ENTREGA DO RETORNO ÀS INTERLOCUTORAS

